

Wilson Valentim Biasotto

“Até aqui o Laquicho vai bem”:
os casos de Liberato Leite de Farias

Dourados

1998

Ficha catalográfica

Demais indicações: capa, ilustrações, etc.

“ATÉ AQUI O LAQUICHO VAI BEM”: OS CAUSOS DE LIBERATO LEITE DE FARIAS

AGRADECIMENTOS

À Rosana Cristina Zanelatto Santos, não somente pelo estímulo, mas também pelas muitas leituras, sugestões e correções que fez com extremada dedicação.

Aos professores e funcionários da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Dourados, pela estimulante convivência, amizade e solidariedade dedicada.

À PROPP – Pró Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação –, pelo esforço que seus integrantes têm dedicado ao incentivo da pesquisa científica dentro da Universidade e, em especial, ao estímulo a este pesquisador.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pelo apoio institucional.

Às minhas alunas, Márcia Tieme Shiraishi, Maria Teresa Garrido Dourados, Ísis de Oliveira Gomes, Analina Ferreira e Sirlei Regina Beloto, pela inestimável ajuda.

À Silvana Passarello, ex-secretária de nosso departamento pelo esforço dedicado nos trabalhos de datilografia das primeiras entrevistas realizadas.

Aos entrevistados, pela gentileza de compartilhar suas lembranças.

Dedico esta obra a todos os meus familiares:

a uns, pelo exemplo; a alguns, pelo incentivo; a outros, pela ajuda, e a todos, pela amizade, carinho e amor que me dedicam e que me fazem tão bem.

PREFÁCIO

Prof^a. Rosana Cristina Zanelatto Santos*

Ao refletir sobre a importância do contador de causos/narrador para a preservação da cultura, percebe-se que cada vez menos pessoas sabem como contar/narrar, com a devida competência, as experiências do cotidiano. Por quê? Para Walter Benjamin, as ações motivadoras das experiências humanas são as mais baixas e aterradoras possíveis em tempos de barbárie; as nossas experiências acabam parecendo pequenas ou insignificantes diante da miséria e da fragmentação humana, numa constatação que extrapola os espaços nacionais.

Em geral, a natureza do causo, da verdadeira narrativa, apresenta um caráter prático, trazendo consigo uma dimensão utilitária, que pode ser um ensinamento moral, uma sugestão de ordem prática, pois, em tese, o contador de causos/narrador é alguém que sabe dar conselhos. Ele o sabe em virtude de sua experiência. *“O conselho tecido na substância viva da experiência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.”*¹

Os bons contadores de causos/narradores são capazes de concentrar, numa única história, o saber e as histórias de terras e tempos distantes, aliados à experiência e ao conhecimento sedimentados em sua lida diária.

Laquicho, em seus 68 anos de vida e de andanças por este sertão de meu Deus, acabou recolhendo vasto material para sua produção oral. A personagem das narrativas do Laquicho, em geral ele próprio, é um homem que está cima da realidade e de suas restrições; é capaz de transgredir as

* Professora de Literatura Portuguesa do Departamento de Comunicação e Expressão do Câmpus de Dourados da UFMS.

¹ BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1986. V. 1. p. 200-201.

normas naturais mais elementares, submerso por mais de uma hora nas águas de um rio, a pitar um cigarrinho de palha..., como se fora a afirmação da superioridade de um homem que se perdeu na sombra dos tempos e na necessidade de mostrar desempenho e competência.

O surgimento de outras modalidades de comunicação (o rádio, a TV, o cinema, o vídeo, a *internet*) acabou por acelerar o processo de decadência da narrativa oral. As informações repassadas se explicam por si mesmas, vindo acompanhadas de todos os esclarecimentos possíveis, não exigindo do receptor/espectador esforço para interpretá-las. Na narrativa oral, o extraordinário e o miraculoso são narrados com grande exatidão e imaginação, mas nada é imposto ao receptor/espectador, ficando a seu critério acreditar ou não naquilo que ouviu, interpretando-o como melhor lhe parecer. Esse tipo de recepção confere à narrativa uma amplitude não alcançada por qualquer outro veículo comunicacional. Podemos, inclusive, acreditar que “*até aqui o Laquicho vai bem*”...

O receptor/espectador de uma narrativa partilha e sente-se bem na companhia do narrador. Um grande contador de causos/narrador é aquele que entretém incondicionalmente sua platéia. O verdadeiro contador de causos/narrador é aquele que conta histórias nas quais a astúcia e a persistência vencem o que, a princípio, seria invencível.

Algumas das melhores narrativas escritas são aquelas que se parecem com as narrativas orais, repassadas de pessoa para pessoa. No entanto, o melhor da narrativa oral é o fluxo que acompanha o momento de seu proferimento: por mais fiéis que tentemos ser ao (re)contá-la, a sua frescura e ingenuidade já se perderam. Monteiro Lobato teria dito: “*O meu melhor livro seria o em que eu contasse como e porque escrevi meus contos, um por um; a história deles é melhor que eles.*”²

² Apud. SANTIAGO, Silvano. Um dínamo em movimento. *Folha de S. Paulo*, 5º caderno, 28 jun. 1998, mais!, p. 4.

A utilização de entrevistas como forma de registrar as narrativas orais, fonte histórico-literária de suma importância, ganhou dinamismo com a invenção do gravador e do computador. Podemos dizer que as fontes orais ganharam ênfase com a possibilidade de se registrar a história dos grupos “vencidos”: camponeses, analfabetos, presidiários, mulheres, entre outros. As entrevistas abrem espaço para que novas perspectivas e linhas de pesquisa possam surgir.

Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, o professor Alessandro Portelli, da Universidade de Roma La Sapienza, perguntado sobre a diferença entre uma entrevista de história oral e outras entrevistas, respondeu:

*“Penso que a diferença mais importante está em que a entrevista em história oral remete ao passado e portanto sempre inclui um elemento narrativo, mesmo quando se afasta de uma história mais linear. (...) a história oral é, num sentido mais amplo, uma ciência do indivíduo, na qual contextos socioculturais interagem com a subjetividade individual.”*³

Os colaboradores deste *Até aqui o Laquicho vai bem*, mais do que informantes acerca da história do Laquicho e de Dourados, movem-se por um sentimento que, se por um lado, registra a saudade do ausente – o passado –, por outro, ameniza essa saudade valendo-se da memória. Lendo os causos do Laquicho, não é só o contador de causos que aparece: é todo um tempo, um imaginário, um universo que já se foi e que, por isso, precisa ser registrado, como bem o fez o Prof. Wilson Biasotto.

O (re)tecer da história do Laquicho evoca Fernando Pessoa:

“Pobre velha música! / Não sei por que agrado, / Enche-se de lágrimas / Meu olhar parado.

³ PORTELLI, Alessandro. Ciência do indivíduo. *Folha de S. Paulo*, 5º caderno, 7 jun. 1998, mais!, p. 11.

Recordo outro ouvir-te, / Não sei se te ouvi / Nessa minha infância / Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva / Quero aquele outrora! / E eu era feliz? Não sei: / Fui-o outrora agora.”⁴

⁴ PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 12ª reimpressão da 3. ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1992. p. 140-141.

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO: A HISTÓRIA DESTA HISTÓRIA

Era 1978. Assistíamos atentamente a uma sessão da Câmara Municipal de Dourados quando ouvimos pela primeira vez alguém dizer: “*até aqui o Laquicho vai bem*”. Um vereador sapecara a expressão num discurso inflamado contra o prefeito, acusando-o de estar faltando com a verdade sobre determinado projeto.

Morador de Dourados há apenas quatro anos e com pouco conhecimento acerca de sua história, não entendemos de imediato o significado daquela frase. Socorremo-nos, então, com o presidente da casa, o vereador Sultan Rasslan, que nos explicou a origem do dito: Laquicho fora o maior contador de causos da região e aquela expressão, tirada de uma de suas melhores histórias. O vereador contou-nos, inclusive, o caso que originou a expressão “*até aqui o Laquicho vai bem*”, mas o leitor haverá de ter um pouco de paciência e percorrer mais algumas páginas antes de conhecê-lo.

Laquicho não era, portanto, um mentiroso, como parecia insinuar o vereador, mas, pelo que percebemos, um exímio contador de causos. As mentiras não estavam nele, mas em suas histórias que, muitas vezes, eram fantasticamente absurdas. De qualquer forma, ficou-lhe a fama: em Dourados, quando alguém conta uma lorota, logo se diz: “*até aí o Laquicho vai bem*”.

Foi nessa mesma noite de 1978 – e que hoje nos parece tão longínqua... – que firmamos o propósito de resgatar os causos do Laquicho. Fora-nos imposta uma folga forçada: tínhamos sido demitido da Universidade por subverter a ordem vigente no País da ditadura militar. Na Câmara Municipal, exercíamos o cargo, não excessivamente desgastante, de assessor de imprensa. Havíamos de arranjar tempo para esse empreendimento.

Entretanto, outras atividades foram priorizadas, dentre elas, a fundação da Associação Douradense de Professores e da Federação dos Professores de Mato Grosso do Sul (hoje SIMTED e FETEMS, respectivamente), que nos ocupou até meados de 1979. Ainda em 1979, mais exatamente em julho, a reintegração aos quadros da Universidade mudou novamente o nosso rumo: impunham-se-nos as obrigações da carreira universitária, e a conclusão do mestrado era a mais premente. Defendida a dissertação, em 1983, imediatamente começamos a resgatar a história do movimento reivindicatório do magistério público estadual de Mato Grosso do Sul, tarefa que culminou com a publicação de um livro com o mesmo nome, em 1986, em co-autoria com o companheiro de militância política e amigo de primeira hora, José Laerte Cecílio Tetila. Depois veio o doutorado, novas pesquisas... isso sem contar os cargos administrativos, insaciáveis devoradores de nosso precioso tempo, como o Gargantua de Rabelais.

Quer dizer, sempre tínhamos uma atividade “mais importante” do que o resgate dos causos do Laquicho. Na verdade, as tarefas referentes ao cotidiano profissional mereceram a nossa preferência pela existência de um certo preconceito de nossa parte em relação ao tipo de história que abordaríamos: que interesses despertariam os causos do Laquicho na compreensão do processo de formação histórica da região? Quais prioridades de trabalho devem impor-se os historiadores?

Questões dessa natureza somente foram resolvidas quando percebemos, com maior clareza, a importância da história cultural de Dourados e a sua íntima ligação com Laquicho e seus causos. Ercília de Oliveira Pompeu, uma pioneira que chegou a Dourados em 1918, sem ser historiadora, sabia disso muito bem. Em entrevista concedida em 18 de julho de 1976, afirmou que: *“até aqui o Laquicho vai bem é uma frase que faz parte da história de Dourados”*.

E se mesmo nos anos mais atribulados de nossa carreira nunca abandonamos inteiramente o propósito de resgatar os causos do Laquicho, uma obra do acaso contribuiu para aguçar ainda mais nosso ânimo. Em 1983, ou 1984 – ah! o tempo... – viajamos lado a lado com Jenoeil Capilé, um dos maiores conhecedores dos causos do Laquicho. Voltávamos de Campo Grande, onde fôramos batalhar a abertura do curso de Ciências Contábeis para o Centro Universitário de Dourados/UFMS. Jenoeil Capilé (para o deleite daquela comissão, integrada ainda por Messias Faria Neto, Junge Arike e Luís Zarppelon) passou toda a viagem de volta contando causos. Era o que nos faltava!

Em 1986 iniciamos as pesquisas sobre os causos, valendo-nos das técnicas da História Oral, buscando entrevistar pessoas que conviveram com Laquicho ou que sabiam de seus causos por terem ouvido contar. Colaboraram conosco nessa busca algumas alunas cujo esforço e entusiasmo não podem ser esquecidos: em 1986 e 1987, Márcia Tieme Shiraishi realizou e transcreveu várias entrevistas; Tereza Garrido Dourado também contribuiu realizando uma entrevista e transcrevendo-a; em 1996 Ísis de Oliveira Gomes, Analina Ferreira e Sirlei Regina Beloto colaboraram fazendo várias transcrições. Também não pode passar sem registro a dedicação da secretária do Departamento de Ciências do Centro Universitário de Dourados/UFMS, Silvana Passarello, exemplo de dedicação ao serviço público, que, não sabemos como, arrumava tempo para vencer suas inúmeras atribuições e ainda executar o trabalho de datilografia das várias fitas transcritas.

Veio o computador e com ele o aumento de nosso entusiasmo. Embora com um pouco de atraso em relação a muitos pesquisadores, desde 1989 começamos a jogar nas

entranhas, ainda indecifráveis para nós, dessa máquina meio deus, meio monstro, dados sobre o Laquicho, sobre a vida cotidiana de Dourados no seu tempo e, principalmente, os seus causos.

Nosso objetivo era escrever uma obra mesclando a realidade histórica de Dourados com os causos do Laquicho. Os resultados de nossas pesquisas apontavam-nos de antemão que a mente criativa de nosso contador de causos estava sempre ancorada na realidade do cotidiano. Em 1995, 1996 e principalmente 1997, dedicamos alguns domingos e outras horas, que seriam destinadas ao descanso, a essa empreitada.

Trabalhamos com gosto e à medida que os contornos da obra iam se delineando, mais entusiasmo e tempo arrumávamos para concluí-la. Em março de 1998, faltavam apenas alguns retoques finais. A redação dos causos compilados contemplavam as várias versões que havíamos resgatado e parecia-nos que mais algumas semanas seriam suficientes para colocarmos a obra no prelo.

Mas, não mais que de repente, uma pane no computador levou-nos à beira das lágrimas. Todos os arquivos, sem exceção, estavam irrecuperáveis. Cadê os disquetes onde deveríamos ter salvado a compilação dos causos?

Ah! pobre geração esta nossa que tem que aprender certas coisas à base de doloroso sofrer!

Felizmente as entrevistas realizadas estavam todas impressas, o que nos possibilitou o reinício do trabalho. Não nos desviamos, desta feita, do cuidado de salvar cada parte elaborada em disquetes apropriados. E, embora duvidássemos que a nossa paciência nos permitiria (re)elaborar tudo, trazemos a público os causos do Laquicho, sem que tivéssemos que acrescentar mais nada à história desta história.

Afinal, se nos alongarmos muito, daremos ao nosso leitor o direito de começar desde logo a proclamar que “*até aqui o Laquicho vai bem...*”

AINDA A TÍTULO DE INTRODUÇÃO: METODOLOGIA UTILIZADA

Para resgatarmos os causos do Laquicho, constituímos duas redes de entrevistados: uma com as pessoas que o conheceram pessoalmente e outra com aquelas que sabiam os seus causos por terem ouvido contar. Pensávamos detectar variações entre os causos, de acordo com as gerações entrevistadas; os que conviveram com Laquicho teriam a versão original, enquanto os que apenas ouviram contar seus causos contribuiriam com possíveis variantes.

Foi um engano. Contemporâneos do Laquicho contam uma mesma história com variações tão significativas quanto os que ouviram os seus causos de segunda mão. Nada de mal, entretanto; aliás, uma comprovação até certo ponto óbvia quando se trabalha com a linguagem oral: o contador preserva a estrutura dos causos, mas acresce-lhe detalhes, esquece-se de outros; ora floreia, ora resume.

Desprezamos a idéia de trabalhar separadamente com as duas redes. Optamos por agrupar as várias histórias, independente do entrevistado ser ou não contemporâneo do Laquicho, e fundimos as várias versões numa única, (re)construindo o caso.

Foi a maneira encontrada para enriquecer com detalhes os causos do Laquicho, evitando ao leitor o dissabor de ler dez ou doze versões diferentes de uma única história. Isso significa dizer que, desconsiderando o talento do narrador entrevistado, assumimos o risco de dar o crédito da história contada a todos os que contribuíram para a (re)constituição de um caso, se é que o caso não foi na verdade reinventado...

As entrevistas foram gravadas em fita cassete, mas não antes de termos visitado previamente os depoentes, expondo-lhes o objetivo da pesquisa. Ato seguinte, as entrevistas

foram transcritas, algumas datilografadas, outras digitadas, e levadas ao entrevistado para que, estando de acordo, assinasse uma autorização para a sua reprodução.

Sabendo de antemão que os causos do Laquicho ancoravam-se na realidade de sua lide diária, preocupamo-nos também em ouvir de nossos entrevistados histórias do cotidiano de Dourados na época de sua convivência com o contador de causos.

Em algumas entrevistas notamos a preocupação de nossos entrevistados em resgatar o passado com precisão, como se fosse possível, por meio da memória e das palavras, fazer um retrato fiel do quadro vivido. Mesmo que na mente do narrador as ruas antigas, a lojinha do turco, o cavalo de estimação, os bois e as carretas tomem contornos tão nítidos como os de uma foto, é impossível reproduzi-los. Mais complexo ainda seria resgatar na sua totalidade os acontecimentos vividos.

Uma paisagem, uma recordação, um sentimento, uma saudade: emoções que pululam na fala do narrador, que sente a importância de ter vivido aquele momento. Não nos ocorreu nada mais pretensioso que registrar isso. Não nos ocorreu a idéia de compor uma “história” de Dourados. A nossa pretensão não foi além de ilustrar com fatos verídicos os causos do Laquicho. Buscamos uma associação entre a história, realidade vivida, e a história, realidade imaginada, ou seja, procuramos, tanto quanto possível, contar os causos do Laquicho tendo como pano de fundo alguns tópicos da história de Dourados.

As fitas gravadas e as respectivas transcrições das entrevistas, o leitor as encontrará à disposição no Centro de Documentação Regional da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Dourados.

LIBERATO LEITE DE FARIAS: ASPECTOS DE UM GRANDE CONTADOR DE CAUSOS

Ninguém sabe explicar por que Liberato Leite de Farias recebeu o apelido de Laquicho. Sua filha Cecília nos disse que ele seria batizado com esse nome, mas o padre não consentiu. Ficou Liberato, ao menos no batistério, porque na prática do dia a dia sempre foi Laquicho.

Segundo Honório Almirão, *“Laquicho nasceu em Frutal, Minas Gerais, em 1868, chegou aqui na nossa região em 1898.”* Morreu, conforme testemunho de Ramão Adolfo Torraca e de uma de suas filhas, Ilda Freitas Arriola, em 5 de março de 1946. Dona Melica, sua inseparável companheira, segundo essas mesmas fontes, faleceu uma semana antes.

Não falemos das lágrimas, nem das demais manifestações de dor que esses falecimentos provocaram. Contemos o inusitado, algo bem ao gosto do falecido. O povo douradense, como quem reverencia o seu maior contador de causos, utilizando-se de seu próprio dom, fez piada sobre a sua morte:

“Laquicho e Melica eram tão apegados que haviam combinado morrer juntos. Quando adoeceram da póstuma dor, Melica realmente faleceu e foi pro céu. Laquicho, entretanto, só apareceu por lá uma semana depois. São Pedro, que sabia do combinado, perguntou o que tinha acontecido. Laquicho respondeu: É que me dei conta que era Carnaval, então aproveitei a última alegria da vida e deixei pra vir uma semana depois” (João Palhano)⁵

⁵ Vide a reprodução dessa piada também em: BOSCO, Maria Goretti Dal. *Viajantes da ilusão: os pioneiros*. Dourados : Via Nova, 1995. p.161.

De fato, Laquicho morreu na época do carnaval, segundo afirmou sua filha Ilka, e não é de duvidar que tivesse mesmo esperado o fim da folia para partir. Afinal, ao que tudo indica, o carnaval de Dourados, em 1946, já era uma tradição, pois

“Em 24, 25 eu já me lembro bem do carnaval ... todos os chefes iam ao delegado, tiravam licença, punham sua máscara para ninguém conhecer. Se diferenciavam. Então ficavam na rua fazendo brincadeira, um arrumava o reio, outro arrumava água, judiando de quem passa, mas uma judiaria tolerável, né? Brincadeira, atropelando criança, assustando um, assustando outro. Então não tinha esses bailes fantasiados, essas coisas não, depois por 38, 40 pra cá começou já no salão.” (Crispin Fernandes)

Deixando de lado a troça, é possível que o falecimento da esposa tenha abalado tanto e tão profundamente o Laquicho que ele decidiu entregar-se à morte, aos 68 anos. Amélia Luiza de Freitas, a Melica, pelo que ouvimos de nossos entrevistados, foi uma espécie de alma gêmea do Laquicho. Com ele teve 15 filhos:

“O mais velho era o Tonho, o segundo era o Realino, que era o Pedro, depois era o Licurgo, depois veio o Raul, o Tarqüino, depois a Nancy, depois a Joana, depois Vicente, depois Ilka, Rita Carolina, depois Cecília, depois Maria Luiza, que nós chamamos de Cotinha, depois veio a Ilda, que é a Didi, depois o Adolfo, depois o caçulinha, que é o Astúrio. (Ilka Leite de Farias Rios)

Praticamente todos os filhos do casal são mato-grossenses, porque quando a família deixou Frutal, cidade mineira localizada perto de Uberaba, no Triângulo Mineiro, rumando para o Mato Grosso, trouxe apenas dois, o Tonho, nascido em 29 de novembro de 1896, e o Realino, nascido um ou dois anos depois.

Segundo Dona Ilka, *“antes de estabelecerem residência definitiva em Dourados, eles andaram muito, moravam em fazenda, num lugar, no outro”*. Mas não nos detenhamos nessas andanças; limitemo-nos a contar que a última residência do Laquicho, segundo Miguel Ângelo

do Amaral, foi nas imediações do Saltinho, na Chácara Santo Antônio (até hoje propriedade da família), numa região próxima ao bairro Vila Cachoeirinha, no município de Dourados.

Sobre o caráter, a personalidade, enfim, sobre o perfil moral do Laquicho, não houve controvérsias. Nossos entrevistados, cada qual a seu modo e com suas palavras, foram unânimes em ressaltar-lhe as qualidades positivas. Arino Braga do Amaral afirmou que

“Laquicho era um homem muito bem quisto porque ele era uma pessoa honesta, era uma pessoa que vivia do trabalho dele e ele não contava piadas assim que ofendessem a moral das pessoas, por isso ele era considerado um homem de bem, muito respeitado na época”.

Era um homem completamente verdadeiro, conforme podemos inferir nas falas de Ramão Adolfo Torraca: *“Laquicho é rei do homem sério”*. Crispin Fernandes completa essa imagem, salientando, entretanto, que *“não adiantava contar piada pra ele, contar história não adiantava... nenhum de nós vencia ele, contava uma piada pra ele, ele contava uma maior...”*

Segundo Idalino Arriola, Laquicho *“era sério, muito sério. Para os negócios não precisava documentos.”* Portanto, os seus causos *“não tinham nada a ver com a questão de seriedade daquele homem”* (Jenoel Capilé).

A seriedade de Laquicho conferia-lhe certos privilégios:

“Florismundo Braga Espíndola tinha um costume daqueles gaúchos antigo: ele não aceitava de jeito nenhum que alguém contasse piadas dentro da casa dele, e se uma pessoa fosse contar uma piada dentro da casa dele, ele interrompia e dizia: ‘O senhor me desculpa, mas piada é só no galpão.’ Isso porque galpão é o lugar onde os peões ficavam e as meninas não iam, então dentro da família dele não permitia piada, porém, com o Laquicho foi diferente porque o Laquicho era um homem de moral que não ofendia a família.” (Arino Braga do Amaral)

Não era somente dentro das casas que os seus causos eram contados. Nos velórios, nas festas (e festas não faltavam na época), em todos os lugares. Inácia Augusta de Matos conta que o lazer nos tempos idos era pouco, no entanto, ela conheceu o marido numa festa do Divino:

“Ele foi com a bandeira do Divino, uma porção foram lá em casa, não é? E aí que eu conheci ele. Eles andavam com mastro, tinha uma bandeira, tinha uma pombinha que era o Divino, não é? Então eles andavam com a bandeira, assim que conheci meu marido, depois eu ia nos bailes com ele também.”

E havia ainda as festas de fim de ano:

“... a festa de Natal, que as pessoas mais íntimas se reuniam pra comemorar. No dia 1º havia baile, o chamado baile de despedida do ano velho, né? E a comemoração do ano novo e todo mundo ia armado pra dar tiro, saudando o ano novo. Então quando dava meia-noite que começava... a buzina, [o apito] da serraria, que já começava a ter, então já todo mundo já ia pra fora dar tiro, né? Descarregava o seu revólver: Bom, eu já saudei o ano novo e despedia do ano velho.” (Miguel Ângelo do Amaral)

Quanto aos bailes:

“...bastava ter um casamento, um aniversário, já fazia um baile e os bailes eram na base das polcas paraguaias, xote, valsa...” (Ramão Adolfo Torraca)

“... os bailes amanheciam, essa que era a beleza. Começava às vezes 5 horas da tarde e ia a noite adentro até amanhecer. Aí a turma às vezes já dizia: Bom eu só vou embora daqui quando o amarelo apontar, quer dizer quando o sol apontar, né? E essa era a beleza, era uma festa.” (Miguel Ângelo do Amaral)

Como Laquicho não gostava de dançar, aproveitava essas horas para contar causos. E não somente essas horas; na verdade, ao que parece, ele não perdia uma oportunidade de contar as suas façanhas. Mas na hora dos negócios a seriedade falava mais alto; na hora do trabalho, o compromisso inadiável. Pelo seu pioneirismo e por todas as qualidades destacadas pelos entrevistados, cremos que tem razão João Palhano quando diz:

“Eu, no meu modo de pensar, aqui [em Dourados] tem muitas ruas com muitos nomes de pessoas aí que eu acho que não tinha o merecimento, como tem o merecimento que o finado Laquicho. Podia ter uma rua aí com o nome dele porque foi homem que aqui morou muitos anos, não deixou mal nome com nada, eu acho que tinha um merecimento de alguma coisa com o nome dele... uma rua, ou uma escola, uma coisa qualquer aí com o nome dele, uma homenagem àquele homem que lutou por Dourados...”

Para Atílio Torraca Filho, Laquicho deveria receber uma homenagem do poder público: *“um nome de rua ou um prédio, um logradouro público, uma biblioteca municipal, com o nome de Laquicho”*, não Liberato Leite de Farias, seu nome verdadeiro e que era pouco conhecido.

Quanto à sua estrutura física, se por um lado não pudemos captar, através de nossas entrevistas, o aspecto do Laquicho menino, jovem ou adulto, por outro, obtivemos tantos detalhes de sua aparência quando velho que, se tivéssemos o dom de desenhar, facilmente faríamos um retrato bastante fiel de seu semblante.

Ele era um ancião branquinho, miúdo, magrinho, rostinho fino, olhos pequenos, bem azuis; os olhos eram muito alegres; era uma pessoa animada, muito expansiva, conversava muito. Era muito prestativo: uma pessoa perto dele não passava necessidade, o que ele tinha dividia com os outros. Nele não havia tristeza; era uma pessoa muito atenciosa com criança, com velho, com todos. Para contar seus causos e mesmo para fazer negócios, Laquicho ficava de cócoras, encostado em uma parede. Outra marca registrada era o seu cigarrinho de palha, que lhe inspirou algumas saídas para as suas histórias.⁶

Quando contava os seus causos, ficava sério, não esboçava sequer um sorriso, para dar ares de verdade às suas histórias, mas *“todo mundo sabia que era uma piada, que era uma*

brincadeira dele só pra passar o tempo” (Jenoel Capilé). É provável que Laquicho não buscasse, com seus causos, a risada fácil. Talvez tivéssemos nele um humorista e não um cômico: “*o senso de humor é a qualidade mais importante que o ser humano pode ter; implica grandeza de espírito, inteligência.*”⁷ Plínio MARCOS arremata dizendo que “*no humor, você não tem compromisso com a risada, e pode ter humor sem ser cômico (...) O humor é arte de primeira.*”⁸

Talvez por suas qualidades pessoais e pelas características de seus causos, Laquicho foi construindo fama e suas histórias ganhando mundo; carreiros, políticos, viajantes, todos incumbiam-se de repassá-las, às vezes sem se lembrar de revelar o autor. Isso tem as suas implicações, porque um (re)contador de causos com o perfil do Laquicho bem poderia crescer aqui ou ali um traço de requinte; todavia, não é de duvidar que, muitas vezes, (re)contadores menos dotados tenham deturpado o humor refinado e original de Laquicho, transformando os seus causos em piadas de comicidade grotesca.

De qualquer forma, a disseminação dos causos do Laquicho é uma verdade irrefutável, e não apenas por dedução nossa; há pessoas, como Dario Pires de Almeida, que “*passava noites inteiras ouvindo os causos do Laquicho*”, ou como Horácio de Matos que “*levava o Laquicho na fazenda dele para ficar ouvindo os seus causos e depois repassava para os outros. Era um divertimento, as pessoas contavam sempre como uma brincadeira*”. (Arino Braga do Amaral)

⁶ Perfil construído graças às informações fornecidas pelos nossos entrevistados.

⁷ GANCIA, Bárbara. Diálogos impertinentes. *Folha de S. Paulo*, 28 abr. 1998. Mais!.

⁸ Diálogos impertinentes. *Folha de S. Paulo*, 28 abr. 1998. Mais!.

É interessante registrar que uma das filhas do Laquicho conheceu causos, de suposta autoria do pai, por intermédio do filho, quando ele servia o exército e seus colegas contavam as histórias: “*então ele chegava em casa e contava pra gente.*” (Ilka Leite de Farias Rios)

Outro neto do Laquicho, filho de Idalino Arriola, também passou por experiência semelhante quando era moço; na época ele trabalhava num escritório. Certo dia, chegou um vendedor vindo do Paraná. Ao perguntar para os funcionários se tudo estava bem, o vendedor recebeu uma resposta afirmativa. Imediatamente ele sapecou: “*é, até aqui o Laquicho vai bem*”. Ao ouvir a frase, o neto do contador de causos quis saber se o rapaz conhecera o Laquicho. Intrigado, o vendedor retrucou: “*mas ele existiu mesmo?*” E quis até ver foto, comentando que o Laquicho era muito conhecido: “*Em toda parte do Brasil, no Paraná, lá para o Sul; eu não sei lá pelo Nordeste, mas São Paulo é cheio*” (Idalino Arriola).

Por certo Laquicho não foi o único contador de causos da região, deveria haver muitos outros. Jenoele Capilé contou-nos que os avós, o Major Capilé e Jango Pereira, seus “*pais velhos*” - no seu modo de dizer -, eram bons contadores de causos. Segundo Jenoele, Jango Pereira só descansava quando aparecia por Dourados uma figura conhecida por tio Américo, também muito bom contador de causos.

Miguel Ângelo do Amaral, ele próprio um afamado contador de causos, alguns talvez pertencentes ao repertório do Laquicho, afirma: “*a gente vivia escutando as estórias do Laquicho e comentando*”; ele contou-nos que no mesmo tempo do Laquicho “*surgiu um outro*

que tudo que ele contava terminava em sete. Então acabou sendo Chico Sete. E esse Chico Sete ficou famoso aqui nas estórias dele. E contava várias, mas várias mesmo, né?”⁹

Portanto, com a possibilidade real de haver vários contadores de causos na região de Dourados, é bem provável que Laquicho tenha se defrontado com alguns deles, todavia, o seu maior contendor, segundo opinião unânime de nossos entrevistados, foi o Dr. Camilo Ermelindo da Silva. Eram amigos, ambos mineiros. O Dr. Camilo chegou a Dourados em 1925 e era médico. Não raro amanheciam contando causos. Mas, ao que parece, Laquicho era mesmo imbatível. Existe até uma história, atribuída ao filho do Laquicho, Adolfo, em que seu pai e o Dr. Camilo haviam começado uma conversa no sábado e que no domingo *“o Dr. Camilo disse que não foi vencido, que precisou sair para atender uns pacientes.”* (Crispin Fernandes)

Atílio Torraca Filho afirma que

“para superar o Laquicho não existiu. Eu acho que se o Laquicho estivesse vivo hoje e tivesse a tecnologia que nós temos e usasse a televisão, o rádio para contar as suas histórias, talvez ele estivesse em condições que está Juca Chaves, como está Vasconcelos, e tantos outros. Só que as piadas do Laquicho eram decentes, eram honestas e não tinha essa depravação que tem hoje de certos contadores de piadas que nós temos aí.”

Invincível, Laquicho ficou com a fama e, conseqüentemente, é possível que muitos dos causos que lhe são atribuídos não sejam de sua autoria; além disso, muitas das versões de seus causos podem ter perdido o senso de humor original.

No entanto, não cuidaremos de esclarecer isso. Venderemos seus causos como os compramos, deixando espaço para que outras pesquisas desvendem a questão e para que o leitor tire as suas próprias conclusões.

⁹ Segundo Atílio Torraca Filho *“Laquicho era o criador por excelência, era o intelectual, ele que criava essas*

E, assim, podemos continuar afirmando que “*até aqui o Laquicho vai bem*”.

... e Laquicho vem para Dourados

Em sua obra *Mato Grosso de outros tempos: pioneiros e heróis*, Astúrio Monteiro de Lima, procurando concatenar alguns causos do Laquicho com sua vida real, afirma que ele veio para Dourados ainda solteiro. Somente depois de ter se acertado por aqui, voltou a Minas, com o objetivo de se casar. Se isso não é verdade também não é um equívoco. Astúrio Monteiro adotou a técnica de fazer com que uma história fosse puxando outra, de forma que um caso se ligasse a outro naturalmente, como se tudo fosse verdadeiro.

A técnica nos pareceu tão atraente que a utilizaremos tanto quanto for possível. Entretanto, não desconhecemos que as nossas dificuldades serão proporcionais ao número de causos compilados, mais de 80, afinal, Astúrio Monteiro trabalhou apenas com quatro ou cinco causos.

Pois bem, se o leitor pensa que o Laquicho veio para Dourados movido pelos mesmos motivos que outros migrantes, engana-se. É verdade que ele foi dos primeiros migrantes a vir para a região, mas todas as histórias são diferentes

Tanto os primeiros migrantes nordestinos como os gaúchos vieram para Dourados no início do século: os primeiros fugindo da seca; os gaúchos, da Revolução de 1893; todos em busca de terras férteis:

“...meu pai veio de Minas e combinou com minha mãe para vir para Mato Grosso, nós viemos de Minas em 1908, viemos a cavalo (tropa), chegamos em Santana do Paranaíba. Não podíamos passar para o lado de Mato Grosso porque ecoou a revolução, ali ele parou, arrumou com um fazendeiro. Ele fez roça e nesse tempo depois que deu a roça, nesse meio tempo nasci, daí eles passaram para o lado do Mato Grosso comigo com um mês de idade de nascido. Moramos pra cima de Maracaju, até a idade de 12 anos. Numa fazenda, conheci o filho do Laquicho lá, o sr. Realino (...) então mudamos pra cá. Aonde ele ia meu pai também ia; ficamos muito amigos, a gente sempre conviveu junto, trabalhava.” (José Ribeiro Martins)

Também os gaúchos, como os pais de um de nossos entrevistados, demoravam muito até chegar à terra escolhida para migrar. Como contou-nos Honório Almirão, “...*para chegar mais ou menos em Ponta Porã levaram dois anos e tanto, fazendo roças em todo o caminho pra ter mantimento*”. Seus pais chegaram a Ponta Porã em 1900, quando somente havia sete ranchos na região, sendo quatro do lado do Paraguai e três do lado do Brasil. A chegada dessa família vinda do Rio Grande do Sul aumentou para quatro o número de ranchos em território brasileiro na região da fronteira.

Gasparina de Matos Carvalho nasceu no Paraguai em 1902, durante a viagem que trazia sua família para Dourados. Segundo ela:

“Nasci numa carreta, vindo do Rio Grande do Sul para cá, a mamãe aí... pararam, aí acamparam, aí eu nasci. Nem sei se tinha parteira, mas tinha, a companhia era grande, era muita gente, muitas carretas que vinham com mudança. E aí a mamãe adoeceu, eu nasci, pararam para mim”.

Essa história pode ser a mesma de muitos outros migrantes – gaúchos, mineiros, nordestinos– e demonstra a lentidão da marcha das migrações no começo do século. Os migrantes formavam comitivas, paravam para fazer roças, para os filhos nascerem, para consertar suas carretas. E as travessias? Para se ter uma idéia da situação, rios relativamente estreitos ofereciam dificuldades; por exemplo, “*o rio Brilhante, não tinha ponte, passava de balsa.*” (Ercília de Oliveira Pompeu)

Com o Laquicho, entretanto, foi diferente¹⁰. Sua vinda foi rápida, como um relâmpago. Ele próprio, segundo Albino Moraes Sobrinho, contou a seguinte história quando lhe perguntaram como tinha vindo parar em Dourados:

¹⁰ Diferente, segundo os seus causos, pois, na verdade, a vinda de Laquicho assemelha-se a de outros migrantes.

“Houve um contratempo comigo e tinha uns três homens que não se davam comigo e eu tava num sobrado de cinco andar e eu só tinha um canivete. Quando vi os homens tavam lá. E daí? O que vou fazer? Tive que matar os três homens. Matei; que fui baixar pela escada, olha a polícia lá embaixo. Voltei pra trás e pulei dos cinco andar pra baixo. Foi daí que eu vim baixar aqui em Mato Grosso.”
(Albino Moraes Sobrinho)

Laquicho na ilha que foi a sua primeira morada

Meio ressabiado, por questão de segurança, Laquicho viajava de madrugada e à noite. Durante o dia, nas horas do sol mais quente, aproveitava para descansar em algum capão de mato que encontrava ao longo da estrada ou à beira de uma aguada protegida por algum bosque.

Em Dourados encontrou uns parentes que o aconselharam a esconder-se por uns tempos numa ilha que havia no rio Dourados, até que as coisas se acalmassem. Na ilha Laquicho armou seu rancho e foi vivendo da colheita de alguns frutos silvestres, de raízes nativas, da caça e da pesca. Tratou também de plantar milho, batata e de formar um grande mandiocal, o que lhe garantiria o sustento quando escasseassem os frutos.

Por companhia tinha um papagaio, com o qual trocava umas poucas palavras, uma galinha e um perdigueiro, fiel companheiro nas caçadas e que não permitia ao Laquicho voltar para seu rancho com as mãos abanando.

... Caçando na ilha

Quando morreu o Brigadeiro – este era o nome do cachorro –, Laquicho inventou a expressão: *“agora estou no mato sem cachorro”*. É verdade que lhe restara o papagaio, mas

papagaio não serve para caçar. Certo dia, mesmo sem cachorro, entrou na mata, numa tentativa desesperada de encontrar algum animal que lhe servisse de alimento. O papagaio, que normalmente andava em seu ombro, voou logo na entrada da picada, abandonando-o. Laquicho andou mais de hora com a espingarda nas costas, mas era difícil; a caça não vem assim, ainda mais naquela ilha.

De repente Laquicho escutou um barulho de cachorro que vinha se aproximando: “*au, au, au, au, au, au, au, au...*” Ficou à espera; à sua frente pulou um veado... Imediatamente ele pregou fogo e matou o bicho. No entanto, estava intrigado: que latido seria aquele? Haveria algum cachorro por ali? Olhou daqui e dali até que constatou que não havia cachorro algum: era o papagaio fazendo as vezes de cachorro... (Jenoel Capilé)

...Laquicho é salvo por Negrita

Ainda na ilha, Laquicho ficou muito doente. Caiu de cama sem que conseguisse levantar-se para nada; não sabia como sobreviveria, pois estava imobilizado pelo febrão.

A salvação foi sua galinha preta, a Negrita. Ela começou a botar ovo no pé da cama, aliás, no pé do Laquicho. Pra sorte do Laquicho, eram dois ovos por dia. E ele, o que fazia? Apesar da dificuldade, puxava, com o dedão do pé, cada ovo que a galinha botava e o trazia até o alcance da mão. Colocava-o sob a axila e ali imediatamente o ovo cozinhava, porque a febre era demais.

E assim os dias foram passando. Laquicho alimentava-se com ovos cozidos e recuperou-se da doença graças à galinha Negrita. (Jenoel Capilé)

...Raízes gigantes

Já se percebeu que a sobrevivência do Laquicho na ilha não era fácil, haja vista que nem um cachorro tinha pra puxar pro rabo... Restabelecido – graças ao esforço da Negrita –, Laquicho levantou-se do leito, passou a mão na espingarda e saiu à cata de algum outro alimento (estaria ele enfiado de ovos?). Mal deu alguns passos, viu um porco, desses que se cria em casa, sair correndo. Laquicho admirou-se. Andou outro tanto e, mais surpreso, viu muitos porcos que saíam em disparada pelo mandiocal.

Conforme seu estado de convalescente lhe permitia, Laquicho foi acompanhando aquela porcada, De repente os porcos sumiram por um buraco na terra. Laquicho enfiou-se atrás deles e foi..., e foi..., quando se deu conta estava correndo. Mais ou menos após uma hora e meia de corrida, viu um clarão. Percebeu então que saíra no meio das terras do fazendeiro que morava do outro lado do rio. Mas sua maior surpresa foi verificar que o túnel atravessado era, nada mais nada menos, que uma raiz de mandioca. A raiz era tão grande que apontara no mangueirão de porcos do vizinho; os porcos foram comendo, comendo, até chegarem no pé de mandioca, plantado na ilha. (Jenoel Capilé / Arino Braga do Amaral)

Coleção de rabos de ratos

Após desvendar o mistério dos porcos, Laquicho só trazia um desejo: carnear um belo leitão. Embora vivesse sozinho, Laquicho não deixou de ser caprichoso na manutenção de suas ferramentas. Suas facas eram sempre muito bem afiadas. Como no dia seguinte carnearia o leitão, afiou com esmero uma das facas e deixou-a sobre uma mesa rústica, construída por ele

próprio. Só que a faca ficou com o fio pra cima, ele não a colocou deitada: quando o Laquicho colocou a faca sobre a mesa, ela se encaixou numa fresta e acabou ficando com o fio para cima.

No outro dia, quando Laquicho levantou-se, a mesa estava coberta com um monte de rabos de rato. Os ratos, que não eram poucos naquela ilha, passavam e encostavam na faca; só de encostar no fio, os rabos eram cortados. (Atílio Torraca Filho)

...Cobra encarangada

Graças ao aumento de suprimentos, Laquicho morou por mais uma temporada na ilha. Mas, num belo dia de madrugada, chegaram uns tropeiros. Vieram de canoa e ali conheceram o Laquicho. Eles eram três. Mesmo sem conhecê-los, o morador da ilha foi logo pedindo que se abancassem.

Disseram-lhe os tropeiros: *“nós estamos perdidos e achamos um barco e viemos até aqui”*. O Laquicho retrucou: *“Olha, comida eu tenho por fazer, aqui eu tenho um pedaço de carne, carne molhada, carne de caça, vamos fazer. Eu já estou tomando mate mesmo, vamos aproveitar a brasa. Enquanto ajeito a carne façam o favor de me arrumar uma vara pra servir de espeto”*.

Um detalhe importante: naquele tempo a geada aqui era pra valer; *“a geada, quando a gente pisava, era que nem vidro, quebrava sob os pés”* (Jenoel Capilé).

Um dos tropeiros prontificou-se e foi buscar a vara. Daí um pouco apareceu: *“Tá aqui o espeto”*. Laquicho imediatamente juntou o pedaço de carne e espetou. E ali ficaram todos, prosa vai, prosa vem, tomando o chimarrão, e o espeto no fogo. Quando menos se esperava, o

espeto começou a andar. Só aí eles perceberam que aquele espeto era, na realidade, uma cobra encarangada de tanto frio. (Jenoel Capilé)¹¹

... e o Laquicho tenta a profissão de foguista

Depois de ter recebido os três tropeiros na ilha, Laquicho certificou-se de que não corria mais nenhum perigo. Resolveu abandonar aquela vida de ermitão fugitivo para se radicar em Dourados, onde não mediria esforços para fazer a vida.

Resolveu então arrumar um trabalho na Noroeste do Brasil. Sim, na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, porque, segundo o Laquicho, fizeram uma estrada de ferro de Dourados a Corumbá. Mas ele com certeza estava se referindo à via férrea que liga Ponta Porã a Corumbá, passando pelo município de Dourados, onde existia e ainda existe uma estação no distrito de Itahum. Era, de fato, um ramal da Noroeste que servia de ligação entre Bauru (SP) e Campo Grande e também Corumbá.

Era o tempo da famosa Maria Fumaça, tocada à lenha. O irmão do Laquicho era o maquinista e ele foi contratado como foguista. Pois bem, as estradas sempre têm curvas, não é? As estradas de ferro também. No Pantanal, para chegar em Corumbá, no tempo das chuvas, os trilhos eram encobertos pela água. O irmão do Laquicho, muito bom maquinista, sempre que chegava na curva atalhava. Os passageiros gritavam; o maquinista acalmava: “*não é nada, não é nada*”. Nova curva, ele atalhava de novo... atolava na lama, virava uma confusão. Mas isso não

¹¹ Segundo Miguel Ângelo do Amaral, havia muita cobra na região de Dourados: “... *aqui que eu vim conhecer a famosa cruzeiro [urutu], a cruzeiro é uma cobra perigosíssima. Pra mim ela é mais perigosa que a cascavel; ela é uma cobra que dá de um bom tamanho e é venenosíssima. Fora isso nós temos o capitão dourado, que dá no campo, que também é muito venenosa. Ela é rajada e a barriga dela é toda dourada, então por isso que chamam capitão dourado. Mas de todas essas a mais perigosa porque ela é pequenininha é a jararaquinha. A jararaquinha é tenebrosa porque se ela morder, se não souber que foi um jararaquinha, a pessoa pode morrer*”.

era nada. O trabalho acontecia quando chegavam em Corumbá, lavar tudo aquilo, por fora e por dentro. Aí é que era o trabalho... E quando chegavam em Aquidauana, era a mesma coisa, mas dessa vez a máquina levava os vagões pra beira do rio e ficava mais fácil. (Albino Moraes Sobrinho)

Laquicho tenta a vida de boiadeiro

Não satisfeito com o emprego de foguista, onde conseguira angariar pouco dinheiro, Laquicho resolveu dar outro rumo a sua vida, tentar a sorte de boiadeiro. Bom peão, assumiu com outro companheiro a função de ponteiro de uma grande boiada. Os ponteiros têm funções importantes: dão o ritmo à caminhada da boiada e, principalmente, são os responsáveis por mantê-la mais ou menos compacta.

A boiada partiu rumo a São Paulo. Depois de alguns dias de viagem, quando atravessavam um grande descampado, apesar de toda a experiência dos ponteiros e demais peões, a boiada estourou, estourou de dar medo. Os ponteiros saíram a galope na frente do gado e quando o Laquicho percebeu, o seu companheiro já havia caído e a boiada passado por cima dele. Não tendo como sair da frente da boiada, esporeou o cavalo, tentando manter-se à frente dos animais. Porém, o cavalo começou a cansar e caiu... quando caiu, o Laquicho saiu de cima... e boi passando...e ele catou o rabo de um boi e foi dependurado... e aquela boiada atrás... o boi passou perto de um cupim muito alto... então ele largou o rabo do boi e pulou lá em cima daquele cupim e tirou o chapéu... e balançando o chapéu de um lado pro outro, fazia a boiada desviar...ia abrindo...

Depois que acalmaram a boiada, enterraram as partes que puderam encontrar do peão e seguiram viagem. Logo chegaram às barrancas do Paraná. E cadê a balsa? Espera que espera e nada. Foi quando o Laquicho decidiu tomar uma providência: pulou na água, meteu o braço e num instante estava do outro lado providenciando para que a balsa atravessasse logo e embarcasse a boiada para que seguissem viagem.(Albino Moraes Sobrinho)

Laquicho fixa-se em Dourados e toma carreirão de onça

Embora tivesse juntado um dinheirinho bom nessa viagem, Laquicho também desistiu da vida de boiadeiro. Resolveu fixar-se definitivamente em Dourados.

Por volta de 1920, Dourados era, no dizer de Crispin Fernandes, *“um povoadozinho... tinha o armazém do Sr. João Rosa, do Manuel Rasslan, tinha uma máquina de arroz, era de um turco velho, muito trabalhador... pra se ter idéia, a praça Antonio João era um campo de futebol, cercado de arame”*.

Uma das filhas do Laquicho, Cecília Leite de Farias, lembra-se de que, na sua infância, alguns anos depois da vinda do pai para a cidade, havia

“Duas casas comerciais das mais antigas aqui em Dourados, eram a do avô da dona Ercília, do seu João Rosa, e do seu Elias Milan, que é as que eu me lembro, as primeiras que tinha aqui. Tinha também a loja do seu Álvaro Brandão...Nessas lojas vendia mantimentos, vendia roupa, vendia calçado, era tudo sortido. Naquele tempo era tudo misturado.”

No povoado, Laquicho nada tinha para fazer. Por isso pegou uma grande empreitada de uns parentes que já estavam estabelecidos na região: ele deveria abrir uma picada no mato e fazer uma cerca. De segunda a sábado, trabalhava de sol a sol com o objetivo de juntar algum

dinheiro para buscar a sua bem amada lá em Minas. Os fins de semana, passava-os na casa dos parentes. Foi numa dessas ocasiões que lhes contou um caso sucedido durante a lida no mato.

A área era quase toda de mata virgem, mas logo o Laquicho arrumou um bom local para fazer o seu rancho. Armou a tarimba e ali começou a sua labuta. A vida era dura, no entanto, ele trabalhava por dez.

“Bem adiantado já ia o serviço”, como disse Astúrio Monteiro de Lima, quando aconteceu um fato inusitado. Não chovia há vários dias e o calor era insuportável. Laquicho, trabalhando sob o sol, não se agüentava: foi tirando as peças de roupa até ficar completamente nu. Nesse estado deu de cara com uma onça pintada. Como não houvesse jeito de enfrentá-la, largou o machado, pegou o trilheiro que já havia se formado e saiu em desenfreada disparada rumo ao rancho onde deixara uma arma de fogo.

Mas a onça não era de brincadeira e corria muito mais que o Laquicho. Sua sorte foi que, quando estava próxima e ia firmar as patas para o golpe fatal, ela escorregava. No entanto, ágil, o felino se recuperava e aproximava-se novamente, mas ao armar o bote resvalava e caía. Foi assim que o Laquicho conseguiu chegar ao rancho e proteger-se, até que a onça esfaimada desaparecesse mato adentro.

Um dos ouvintes não se conteve e comentou que se fosse com ele se borraria todo. Foi quando o Laquicho retrucou: *“E onde você acha que a onça escorregava quando estava pronta para me dar o golpe fatal?”* (Astúrio Monteiro de Lima)

Laquicho vinga-se da onça que o ultrajou

Laquicho tinha cavado um poço próximo ao rancho que fizera, um poço bem fundo, não é? Um dia cedo ele saiu e reencontrou... a onça. E aconteceu dele não ter canivete Daí ele pensou: *“Eu vou fazer que estou morto, ela não come nada morto”*. Deitou com as pernas encolhidas, bem ao lado do poço, fechou os olhos e ficou quieto. Ela veio devagarinho, cheirou a testa dele, lambeu, fez cócegas...quase que ele riu. Deu-lhe uma vontade de rir, mas ele agüentou firme. Aí a onça foi rodeando do outro lado. Chegou na sola do pé do Laquicho, arranhou com a unha, foi quando ele quase riu... quase estourou de vontade, mas agüentou. Então ela foi passar por cima dele, fazer a volta sobre o seu corpo. Quando a onça ficou de lado, ele meteu os dois pés nas costelas da onça e jogou-a dentro do poço. Os dois caíram juntos, mas antes da onça sair pra flor d’água, Laquicho pegou-a pelo rabo, catou uma pedra e matou-a ...matou-a afogada. (Albino Moraes Sobrinho)

Festa do cabide à moda antiga

Quando deixava a empreitada e vinha para a casa dos parentes, Laquicho, ainda solteiro, ao que parece, deu pelo menos uma varada de cerca, tanto no sentido figurado quanto literal.

Não se sabe bem o porquê do inspetor de quartirão ter proibido festas em Dourados. Os moços não agüentaram e, apesar do medo da cadeia, ou melhor, do tronco (naquele tempo não havia cadeia), resolveram fazer um baile no mato, escondido. Laquicho arrumou alguns companheiros e juntos fizeram um belo terreiro no mato. Para evitar suspeitas, não convidaram moças de família, somente umas moças de vida fácil, como se dizia na época.

Cada um que chegava pendurava a roupa no cabide, quer dizer, num galho qualquer, e todo mundo dançava pelado, inclusive o Laquicho. Ninguém estava preocupado com a polícia, pois naquele tempo

“...quando precisava deles... [dos policiais] eles não tinham carro... precisava arrumar um cavalo, pra eles ir a cavalo fazer a diligência. Não havia ... essa aparelhagem que tem hoje pra tudo.(...) Fazia uma festa, se dependia da polícia...falava com o delegado e ele falava: o senhor arruma o cavalo... e trazia o cavalo e ele mandava a polícia.” (Crispin Fernandes)

Mas naquele baile do cabide, quer dizer, dos galhos, não se sabe por que, a polícia deu o flagrante. Quando a polícia fechou, o Laquicho saiu quebrando o mato no peito, relustrando cipó. Lá adiante havia uma cerca de arame; ele cruzou-a por baixo. Quando cruzou, logo sentiu uma fisgada nas costas. Pensou: *“Barbaridade, rasguei o paletó”*.

Mas isso não foi nada, e o Laquicho continuou a correr. O clarão da lua não foi suficiente para guiar seu caminho e ele acabou caindo num buraco, aliás, um velho poço abandonado.

Agora sim!

Por sorte, o dia logo amanheceu. Por volta de nove horas, Laquicho avistou uma preta velha caminhando. Ele fez sinal, deu um assobio, e ela veio. Prosa vai, prosa vem, ela jogou uma corda e salvou o Laquicho.(Jenoel Capilé)

Laquicho torna-se muito conhecido

Havia pouca gente no povoado e todo mundo se conhecia. Segundo Ercília de Oliveira Pompeu, em 1919 havia mais ou menos cinquenta habitantes em Dourados. As

amizades eram firmadas com facilidade: gaúchos, mineiros, paraguaios, todos conviviam num clima de bom relacionamento.

“Era muito bom o nosso relacionamento com os paraguaios, nós tínhamos as nossas festas, as danças, ... nós gostávamos de polca paraguaia, os nossos bailes com sanfonas, com harpas ... os paraguaios tocavam harpa, violino, era a orquestra daquela época. Então era só música paraguaia, nós tínhamos então aquela convivência com eles, era a comida paraguaia, a dança, os costumes ... a influência que nós recebíamos era muito maior do Paraguai do que de qualquer outro estado nosso aqui do Brasil.” (Ercília de Oliveira Pompeu)

É verdade que algumas pessoas estranhavam a liberdade com que os paraguaios usavam a sua língua em território brasileiro. Segundo Armando Campos Bello,

“Naquele tempo aqui era - a primeira vez que eu passei aqui foi em 34 – a língua comum aqui era castelhano e guarani e eu trabalhei nesse tempo aí com a paraguaiada e eu compreendia, mas nunca falei, eu só falava português porque eu achava desaforo, no meu país eu ter que aprender a língua dos outros, a língua estrangeira”

Fora esse detalhe, o convívio com os paraguaios, como vimos, era muito amistoso, *“...os paraguaios que existiam aqui eram tudo gente boa. E a gente tinha amizade com eles”*, conta-nos José Augusto de Matos, outra testemunha daqueles tempos.

Se o convívio entre brasileiros e paraguaios era bom, o mesmo acontecia na convivência de todos com o Laquicho. Ela era muito conhecido. Tão conhecido que um dia aconteceu uma coisa muito estranha com ele. Mas essa é uma história que precisa ser contada desde o começo:

Resfriamento de lagarto

O Laquicho já havia acabado a empreitada na mata; já contava com algumas economias, mas elas ainda eram insuficientes para buscar a noiva. Por isso, resolveu plantar

arroz numas várzeas existentes nas terras dos parentes para, com a venda do produto, reforçar as economias. Então, o Laquicho falou: *“pra facilitar o trabalho, vou botar fogo...vou queimar pra plantar a semente”*.

Dito e feito: botou fogo e ficou meio de lado, só observando. Daí um pouco, começou a escutar uma barulheira danada, um som meio esquisito. Aos milhares, “coisas” com cor de brasa saíam do fogo e caíam na água. Curioso, o Laquicho foi ver o que era: o varjão estava tomado por uma imensidão de lagartos, calangos, que estavam no meio da queimada e ficaram vermelhos com o calor do fogo. Para não morrerem queimados, pularam no rio para se esfriar; o barulho de seus corpos caindo no rio era parecido com um ferro em brasa que você joga na água: thiiii, thiiii, tchiii. (Honório Almirão/ Nielson Cristian Sorensen)

Queimar o campo com chuva

Era bastante freqüente fazer uma roçada na área a ser plantada e depois tocar fogo para facilitar o trabalho. Nem mesmo o temor dos agricultores de que o fogo pulasse para os vizinhos fazia com que evitassem essa prática.

Laquicho, entretanto, não sabemos se por pena dos lagartos ou se por outra razão, achou uma maneira de não correr mais nenhum risco com queimadas: o melhor era queimar quando chovesse, porque assim o campo ia queimando e, com a chuva, o fogo ia apagando e o pasto brotando verdinho, verdinho. (Arino Braga do Amaral)

Até cobra conhecia o Laquicho

Bem. Voltemos ao varjão onde foi plantado o arroz: feita a queimada, Laquicho plantou a semente e todo o dia fazia o mesmo trajeto até o local, ora para capinar, ora para espantar as capivaras. O certo é que o Laquicho estava todo dia na roça. E todo dia, naquele ermo de mundo, escutava uma voz que chamava: *“Laquiiicho... Laquiiicho...”* Laquicho não via ninguém, pensava que era imaginação sua. Um dia tirou a prova. *“Vou descobrir esse mistério”* – dizia ele. Quando ouviu a voz que o chamava, foi devagar, olhou, olhou, até que descobriu tudo: era uma cobra enrolada num galho. Ela o conhecia de tanto vê-lo passar por ali e passara a cumprimentá-lo todos os dias. (Honório Almirão / Idalino Arriola)

Cobra nervosa

Veio a colheita. Laquicho transportava o arroz numa carreta de bois quando ouviu: *“Laquiiicho... Laquiiicho...”* Logo desconfiou que fosse outra cobra conhecida, ou talvez a mesma. Realmente era a mesma cobra, no entanto, desta feita, muito nervosa, talvez em razão do movimento da colheita, tanto que se aproximou e deu o bote. Por sorte, atingiu a roda da carreta, mas o bote foi tão forte que arreventou o aro de ferro que circunda a roda de madeira. Laquicho não pôde matar a cobra, que fugiu pro mato, mas teve muita dor de cabeça para seguir viagem, pois precisou arrumar outra roda. (José Ribeiro Martins)

Cobra falante do veneno forte

Laquicho vendeu o arroz, apurou todo o dinheiro que juntara e partiu para buscar quem tanto amava. Arreou o seu cavalo branco e saiu a passo. Não andara cinco léguas na picada que havia na mata quando ouviu uma voz fina: *“Laquiiicho... Laquiiicho...”* Não era possível!

Seria uma outra cobra falante ou a mesma, aquela que já o importunara tanto? Mesmo assim olhou pra trás, só pra conferir. Era de fato uma cobra. Ela vinha em seu encaixe na ponta do rabo. Quando se aproximou mais um pouco, deu o bote. Laquicho foi rápido, teve tempo de tirar o pé do estribo e levantá-lo na altura do pescoço do cavalo, que saiu em disparada. A cobra grudou no estribo e foi longe, ali grudada, se arrastando, até que, quando não agüentou mais os trancos, soltou-se.

O Laquicho respirou aliviado. O cavalo se acalmou e só então o cavaleiro voltou a pôr o pé no estribo. Mas, para sua surpresa, o pé não entrava: o estribo tinha inchado com o veneno da cobra. (Arino Braga do Amaral)

O casamento do Laquicho

Não pense o leitor que nos tempos do Laquicho o casamento era assim como hoje. A começar pelo namoro, tudo era bem diferente:

“Seria contado na história naquela época o moço que pegava na mão da moça, nem isso. Ia perto, à distância...conversando... mas não era permitido...medo da mãe, dos pais, eles não aceitavam. Fazia uma visita, o namorado sentava aqui, ela ali, o pai, a mãe, nós palestrava tudo aqui junto.” (Crispin Fernandes)

Portanto, não é de admirar que quando se firmava um compromisso, era pra valer. E o Laquicho fizera um compromisso com Melica: tão logo se arrumasse por Dourados, iria buscá-la. Então, depois de muito economizar, comprar um belo pedaço de terra (muito barato naqueles tempos), cercá-lo com um bom pasto e soltar algumas cabeças de gado para ir engordando, partiu para Minas. Melica o esperava.

Durante sua viagem, aconteceram tantas coisas que se fôssemos contá-las agora atrasaríamos demais o seu casamento. Portanto, vamos logo à história do casamento e deixemos

para contar os outros feitos do Laquicho junto com os acontecimentos que marcaram sua volta a Dourados.

Mas antes haveremos de perguntar: foi casamento ou rapto?

Vamos ficar devendo ao leitor nossa opinião a respeito da questão. Laquicho contou que seu casamento foi uma grande festa, mas contou também, e para muitos, que raptou Melica e a trouxe consigo. Para que o leitor tire a sua própria conclusão, contaremos as duas versões.

A versão do casamento

Se essa versão for a verdadeira (e talvez seja), o certo é que naqueles tempos havia muitas festas:

“...o senhor ia fazer uma filha casar, o senhor preparava uma vaca gorda, muitas leitoas, aquele banquete muito grande, convidava os vizinhos. Mais de vinte quilômetros em roda era vizinho que vinha. Agora, vinha de carro de boi... e os moço tinha seu cavalo, cada um ia a cavalo. Então chegava lá, fazia o casamento, né? Aí passava... tinha que dançar a noite inteira, até amanhã às oito, nove horas, né? Então aí o senhor dançava um pouco, depois comia um churrasco, tomava chimarrão... se a festa ia ser hoje, meio-dia nós tava tudo aqui na casa, nós ia embora amanhã à tarde. (...) E o senhor tinha que agüentar aquele despesão, carneando aí pra nós, uns contando anedota, outros jogando baralho, né?(...) Não faltava também numa festa de casamento doce de toda espécie...e tinha também cachaça... mas eram poucos os causos de embriaguez, se o senhor se embriagasse seu irmão, um da família sua retirava o senhor, não permanecia na festa.” (Crispin Fernandes)

Em Minas não devia ser diferente. O pai de Melica tocava muita roça. Para se ter uma idéia, na época do casamento era colheita de milho, e muita gente estava empregada para puxar milho para dentro de um paiol tão grande que o carro de bois virava dentro. Pudera, eram quinhentos alqueires de roça num tempo em que a média que se plantava era de cinco a seis alqueires. Para a festa e para aproveitar o mutirão da colheita, o pai da noiva matou quinhentas

vacas. Foi aquele festão: eram três bailes – o catira, o baile familiar e o cabaré também. Numa escapadela, o Laquicho foi pro cabaré. Dizem que lá havia uma moça de quem ele gostava. Daí os dois começaram a dançar e nisso saiu uma briga, não é? E na correria eles não puderam sair do lugar... e a moça já não encostava mais os pés no chão, ficou erguida. (João Palhano)

A versão do rapto

Entretanto, se a história verdadeira for a versão do rapto, também não há motivo para dúvida, afinal, naqueles tempos, era difícil até para fazer casamento. Para se ter uma idéia basta lembrar que *“antes de ter padre aqui, muitas vezes o casal casava no civil num ano e quando vinha o padre no outro ano é que casava no religioso”* (Crispin Fernandes)

O rapto, com a posterior realização do casamento, também não devia ser incomum. Só que a versão do rapto de Melica é um caso classificável como “absurdo”. Poderíamos até chamá-lo *“Tonho, o filho nascido antes de nascer”*, o que, como o leitor verá, seria bem apropriado. Mas vamos ao acontecido.

Laquicho passara alguns dias em Minas, revira amigos, comprara o carro com a junta de bois e tudo o que era necessário para a longa viagem de volta a Dourados e, principalmente, combinara com a noiva o dia e hora do rapto.

Chegada a noite combinada, Laquicho colocou os pertences de Melica no carro de bois e partiu rumo ao Mato Grosso. A noiva, apesar de ser muito nova, tinha opinião bem formada a respeito do que estava fazendo.

Assim que deram falta da filha, os pais da moça imediatamente soltaram a polícia atrás do casal.

Não foi difícil alcançar o lento carro de bois; em compensação, não houve meio de levar Melica de volta para casa. Laquicho resolveu resistir e o fez com tamanha bravura que os soldados acabaram desistindo e permitindo que ele seguisse sua viagem.

Mas, o interessante nessa história, é que, enquanto lutava, o Laquicho ordenava ao filho primogênito, o Tonho, que fosse tocando o carro.¹²

Até aqui o Laquicho vai bem...

Nos tempos do Laquicho,

“... havia, numas fazendas por aqui, como tinha esses Muzzi, João Vicente...eles tinham às vezes trinta, quarenta potros, então eles ajustavam bons domadores pra domar as tropas deles. Então aqueles peão ficava ali, cedo iniciava....quem gostava ia lá pra assisti, né?” (Crispin Fernandes)

A doma de animais, além do aspecto utilitário, era uma diversão, principalmente quando fosse feita à semelhança dos rodeios: prendia-se o animal, montava-se nele e aí, cansado de tanto saltar, ele submetia-se ao domador.

No entanto, haviam exceções. Idalino Arriola, por exemplo, foi domador e conta que não agia com brutalidade com os animais. Procedia mais ou menos da forma como hoje conhecemos a doma racional:

“Eu pegava, laçava, ia ajeitando, porque o animal é muito obediente, então vou ajeitando, vou chegando, vai ajeitando ele. Amanhã cê pega outra vez. Às vezes brutalmente assim você pega e laça um animal e monta nele já é mais difícil.”

¹² Essa história foi reproduzida graças às versões apresentadas por: Albino Moraes Sobrinho, Jenoele Capilé, Ramão Adolfo Torraca e Arino Braga do Amaral.

Sabendo desses detalhes do cotidiano daqueles tempos, passemos ao caso que aconteceu com o Laquicho, quando ele não pôde fazer a doma racional, nem prender o cavalo para em seguida montá-lo.

No caminho de Mato Grosso a Minas, contava-se a história de um potro indomável, um cavalo aporreado. Ninguém parava em cima; era um cavalo guerreiro, até a maneira dele pular era diferente, não ficava pulando e rodeando: ele seguia em linha reta, corcoveando, ladeando. Não tinha como ficar em cima. Por isso o cavalo ganhou grande fama. Dizem que tinha matado uns oito peões.

Laquicho ficou sabendo dessa história no pernoite que fez em uma fazenda, quando ia buscar Melica. Após o jantar, todos sentados na varanda da fazenda, os fazendeiros e os vizinhos não tinham outro assunto, todos falavam no majestoso tordilho.

No outro dia, ao despedir-se, Laquicho agradeceu aos hospedeiros e prometeu: na volta de Minas passaria por lá novamente e montaria o potro indomável. Só não o fazia naquele momento porque tinha um compromisso muito maior: buscar Melica.

Dito e feito. Num sábado, pela hora do almoço, Laquicho chegou com a companheira. Almoçaram, descansaram um pouco e o Laquicho foi logo dizendo que queria cumprir a sua promessa. Perguntou onde estava o tordilho.

O fazendeiro, sem muito entusiasmo, pois aquele não seria o primeiro vivente disposto a montar o potro, pediu que o Laquicho esperasse até o domingo. Nesse dia toda a vizinhança se reuniria ali na expectativa de que alguém se aventurasse a montar o tordilho.

Tarde de domingo. Peões, moças bonitas, a vizinhança toda ali na fazenda. Parecia um dia de festa. O cavalo estava preso no curral, mas ninguém conseguia laçá-lo. Então o

Laquicho falou: “*Olha, vou deixar a porteira semi-aberta e ficar em cima, vocês soltem o bruto, quando ele passar eu saio em cima*”.

Assim foi feito. Quando os peões livraram um caminho no curral, o tordilho saiu desembestado. Ao passar pela porteira, o Laquicho caiu-lhe no lombo. Incrível! Tamanha era a rapidez do cavalo que ninguém soube explicar como Laquicho conseguiu essa proeza, ainda mais montado em pêlo, sem rédea, sem nada.

O certo é que a platéia pouco vira. O cavalo disparou deixando um rastro de poeira.

A peonada presente, a maior parte com os cavalos encilhados, saiu atrás. “*Já caiu*” – diziam uns. “*Vamos pegar logo*” – repetiam outros.

Foi indo, foi indo, a turma começou a se preocupar... Laquicho também estava preocupado. Não preocupado consigo, pois apesar dos corcoveios do cavalo, se agüentava bem. Sua preocupação era com Melica. O que estaria ela pensando lá no meio daquela gente, todos estranhos? Ele logo imaginou que, com toda a certeza, a peonada sairia atrás dele. Então, o que fez? Começou a deixar recado. Quando encontrava um lugar propício, em cada corcoveada, cada ladeada que o cavalo dava, ele, com o dedão do pé, escrevia na areia: “*Até aqui o Laquicho vai bem*”.

Seguindo os recados, os peões perceberam que o cavalo estava cansando: o último recado estava em letras góticas, sinal que o Laquicho tivera tempo para caprichar na letra.

Mais um pouco, a peonada encontrou o Laquicho com um lenço, enxugando o suor da cara do cavalo, que deitara exausto.

Enquanto a platéia o cumprimentava pela idéia de escrever “*Até aqui o Laquicho vai bem*”, ele lembrou-se de que era analfabeto.¹³

Não é de admirar que Laquicho fosse analfabeto. Suas filhas também tiveram muitas dificuldades para aprender a ler e a escrever por causa da falta de escolas em Dourados:

“Lá pelo ano de 22 mais ou menos não tinha colégio, precisava arrumar essas pessoas mais antigas que sabia ler e escrever, trazia pra casa da gente pra ensinar a gente. Não tinha caderno, escrevia nuns quadro-negros pequenininhos assim que os professores falava lousa...escrevia naquilo. Os professores vinham, paravam na casa da gente, a gente dava alimentação, dava cama, lavava a roupa, pra ensina a gente um pouco.” (Cecília Leite Farias)

Quem sabe não foi sorte delas ter um professor que ensinava em casa. Um professor que lecionou em escolas por volta da década de 30 contou que naquele tempo ele tinha “*...carta branca. Eu castigava...castigava mesmo....eu não usei palmatória, nem quebrava lápis, régua, essas coisas... [na cabeça dos alunos]... às vezes ajoelhava em cima do milho*”.(Armando Campos Bello)

Mas será que o Laquicho era mesmo analfabeto? Será que um analfabeto conhece horas? De duas uma: ou não é preciso saber ler para conhecer as horas, ou é uma grande mentira que o Laquicho fosse analfabeto, pois todos sabiam que ele possuía um belo relógio, aliás, de fabricação própria. Sigamos, pois, com nossa história.

¹³ Além de estar nas obras de Astúrio Monteiro de LIMA e Maria Goretti dal BOSCO (citadas na bibliografia), essa história foi lembrada, mesmo que resumidamente, por todos os nossos entrevistados

A história do relógio

Depois das comemorações em homenagem ao grande domador, os recém-casados seguiram viagem. Laquicho sabia que aquele trecho seria duro, o mais difícil, especialmente porque não teriam onde pernoitar. De qualquer maneira, saíram bem cedo, para descansar os animais na hora do sol mais quente.

Depois de muito caminho deixado para trás, o casal parou. O local parecia aprazível, boa aguada, sombra abundante. Enquanto Laquicho desatrelava os bois, Melica já tomara as primeiras providências para o almoço.

Depois da refeição, Melica foi lavar os trens, e o Laquicho estirou-se debaixo de uma sombra amiga, reparando bem naquele lugar. Parecia-lhe ser o mesmo ponto onde parara há alguns anos, quando fizera aquela longa viagem rumo a Dourados pela primeira vez. Estava observando a paragem e pensando no futuro quando aconteceu um fato gerador de uma (nova) história controvertida: distraído, acostumado que estava ao silêncio, começou a escutar um tic-tac. De pronto, imaginou que fosse uma cobra. Prestando redobrada atenção ao som, percebeu que vinha do alto. Olhou para cima e, para sua surpresa, viu um relógio.

Alguns leitores possivelmente já conhecem esta história e dirão que ela não é do Laquicho. Calma, podemos explicar. Realmente pode ser que o Laquicho não seja seu autor. É provável, inclusive, que algum interlocutor lhe tenha contado uma história de relógio, quem sabe o Dr. Camilo, seu principal contendor. Só que o relógio, que teria sido dependurado no arbusto, que crescera, era um ômega de ouro (um omega ferradura, como se dizia vulgarmente) ou um roskof patente, trabalhando normalmente, apesar dos anos.

Nós, entretanto, não estamos aqui para resolver controvérsias e sim para (re)contar ao leitor algumas histórias. Sigamos, portanto, contando a versão por nós recolhida.

Quando veio para Dourados, o Laquicho nem sequer conhecia direito o caminho. Como fosse verão e o sol estivesse escaldante, preferia viajar de madrugada e à tardinha. Nas horas mais quentes do dia, aproveitava para fazer sua comida e deixar o cavalo descansar um pouco. Certo dia, lá pelas nove e meia, desarreou o cavalo, amarrou-o numa árvore para que pudesse pastar, tirou a roupa, pendurou o relógio num galho da árvore e foi ao riacho refrescar-se. Depois faria sua comida e tiraria a sesta. Acordou por volta das três horas da tarde, arreou o cavalo e partiu. Somente muito depois lembrou-se de que havia esquecido o relógio.

Passados muitos anos, quando retornava de Minas com a esposa, o Laquicho voltou a sestejar naquele mesmo local e escutou um tic-tac, tic-tac. Olhou pra cima e não viu bicho ou pássaro, apenas a luz do sol que rebrilhava no relógio. A árvore crescera, por isso o relógio estava enroscado num galho bem alto, funcionando, é verdade, mas um tanto atrasado. O Laquicho não se preocupou com isso, pois olhou para o céu e acertou o relógio pelo sol.

O único problema é que Laquicho fizera a caixa do relógio de madeira e, como se sabe, ocorrem muitas queimadas no cerrado. Numa dessas, o relógio fora atingido e a caixa, queimada. A corda, entretanto, feita de palha de milho, não tinha sofrido nenhuma avaria.¹⁴

¹⁴ Essa história do relógio, além de encontrar-se nas obras de Maria Goretti dal BOSCO e Astúrio Monteiro de LIMA (citadas na bibliografia), foi contada por: Jenoele Capilé, Honório Almirão, Lourival Antunes dos Santos, Arino Braga do Amaral, Idalino Arriola, Ramão Adolfo Torraca, Abigail Capilé Pizzini e Atílio Torraca Filho.

Cerca viva

Feliz pela recuperação do relógio, Laquicho seguiu sua viagem sem maiores novidades. Chegou a Dourados à tardinha. Rumou para a casa de seus parentes, onde pernoitaria e passaria uns dias antes de instalar-se na propriedade que comprara.

No dia seguinte, nem bem chegara a Dourados, recebeu uma intimação: o delegado queria vê-lo com urgência. Sem ter idéia do que o levara à delegacia, Laquicho apresentou-se. Lá encontrou um vizinho de propriedade que exigia uma indenização, alegando que a sua roça fora arruinada pelo gado do Laquicho.

“- *Mas, como?*” perguntou o Laquicho assustado. Ele próprio havia cortado a madeira, transportado e feito o cercado, tudo com lastro de aroeira. Não era possível! Propôs ao delegado que fossem vistoriar o local, pois tinha absoluta certeza que seu gado estaria no cercado. No dia seguinte, atrelou os bois ao carro, despediu-se dos parentes e partiram, ele mais Melica no carro, o delegado e o vizinho a cavalo.

Chegando ao local, Laquicho constatou que o vizinho tinha razão, pois seu gado havia mesmo passado para a roça alheia. O gado saíra de sua invernada, justamente pela parte do brejo, onde ele fizera a cerca com aroeira verde. E o que acontecera? A aroeira havia brotado e crescido, e o primeiro fio de arame ficou alto. A cerca cresceu e o gado escapuliu, dando razão à reclamação do vizinho. (Jenoel Capilé, Arino Braga do Amaral).

A junta de bois Jacaré e Sucuri

Na época do Laquicho, a mata que ocupava a região de Dourados era bastante vasta e exuberante. Eram abundantes os ervais, de onde eram extraídas as folhas para a produção da erva-mate, largamente utilizada no feitiço de chá, chimarrão e tereré.

O local para

“elaborar a erva-mate chama-se barbaquá. O barbaquá, ele é feito, faz primeiro um buraco no chão; em volta desse buraco, numa distância de mais ou menos três metros, são fincadas umas varas e por cima depois outras varas formando uma cúpula arredondada trançado de lá e de cá, e a erva, os paraguaios que cortam a erva se chamavam mineiros, eles levavam uma lona e colocavam em volta do pé da erva e cortavam ... aqueles galhos deixando cair galhinho fino naquele pano.

Aquele pano tinha o nome de raído, então, por baixo ele tinha umas correias, depois de ter mais ou menos duzentos quilos...fechava o raído e ele carregava ... ele tinha uma correia que era presa na testa, punha nas costas e trazia ... quando você via o mineiro que vinha vindo você enxergava só as pernas e aquele volume. Então, ao longo daquela caminhada eles tinham mais ou menos a cada cinqüenta, cem metros, um toco aonde ele poderia encostar e descansar o raído aí sem tirar da testa, porque se ele tirasse depois ele não tinha condição de colocá-lo novamente.

Então trazia até o barbaquá. O barbaquá tinha uma tambora, era como um cilindro, mais ou menos uns oito metros por uns cinco metros de diâmetro, as folhas eram colocadas ali. Aquele cilindro funcionava como se fosse uma torradora de café dentro de uma fornalha. Ele passava por aquele fogo, então a pessoa precisava rodar com aquela manivela sempre num ritmo bem certinho para não deixar sapecar; era só para murchar aquelas folhas. Depois das folhas murchas, então ia jogando pra cima do barbaquá.

Aquele buraco que ele tinha tinha mais ou menos uns dez metros cavado na terra, lá adiante é que tinha um fogo muito intenso para vir só o calor por aquele túnel, pra sair naquele buraco que o barbaquá recebia então aquele calor ia sapecando as folhas.

E aquilo, um barbaquá daquele recebia dez, quinze, vinte mil quilos de folha e em cima daquelas folhas ficava um paraguaio que eles chamavam Uru. O Uru, com uma vara, ficava virando aquelas folhas. Geralmente essa pessoa que trabalhava ali morria muito cedo porque ele ficava recebendo aquele calor e o barbaquá era todo fechado.

E [o Uru] saía lá pra fora pra tomar um tereré, com aquela corrente de ar ele dava....tinha uma pneumonia. Naquele tempo pneumonia matava, não existia penicilina, antibiótico. Então ele morria muito cedo e tinha então aqueles que só

sabiam fazer aquilo, então o Uru tinha que ser uma pessoa que entendesse muito da elaboração da erva. Então daí quem tomava conta daquele serviço já conhecia. Então ele andava em volta do barbaquá testando as folhas, se elas estavam sequinhas, do mesmo jeito, aí já então descia aquela carga para receber outra.... Então ela saía, passava por um lugar onde era socada, ensacada e levada então pra beira do rio onde tinha os depósitos pra esperar que a lancha viesse da Argentina pra levar.... a Companhia Mate Laranjeira tinha na nossa região uma infinidade ...de barbaquás... a nossa região vivia exclusivamente daquilo, vivia da Companhia Mate Laranjeira.” (Ercília de Oliveira Pompeu)

Além dos ervais e bosques de perobas, havia uma infinidade de outras árvores, dentre elas as aroeiras. Havia grandes bosques como aquele de onde o Laquicho havia tirado os palanques da cerca varada pelo seu gado. Quanto ao caso da invasão do terreno vizinho, Laquicho não sabia se era para rir ou chorar. Matreiro, como bom mineiro, convidou o delegado e o vizinho para subirem até sua casa; ali ele iria carnear uma novilha e fariam um churrasco. No caminho, foi contando com detalhes como fez a cerca que crescera desmesuradamente e, apontando para o bosque, mostrou de onde tirara as aroeiras.

Para buscar a madeira no bosque de aroeira, era preciso fazer uma curva muito grande por causa do brejo muito mole. Com a carreta carregada de aroeira e com muita pressa, o Laquicho resolveu atalhar pelo brejo. E foi... foi... até que a carreta começou a atolar no brejo, acabando por sumir completamente.

Mas isso não foi nada, pois, mesmo atolados, os bois continuaram a puxar o carro. Laquicho, que era magrinho, não atolou e continuou andando pelo brejo, tangendo os bois: “- *Sucuri, Jacaré, vamos... Jacaré, Sucuri, força...*” E assim foi. Tangendo os bois, Laquicho conseguiu chegar em terra seca: todos saíram do brejo e atingiram o local da cerca. Tudo graças aos nomes dos animais: Sucuri e Jacaré. (Arino Braga do Amaral)

Chifre brotado

O delegado e o vizinho agradeceram e bem que tentaram recusar o convite do churrasco, mas não houve jeito. Tiveram que esperar Laquicho carnear uma novilha e foram embora somente depois de sentirem-se satisfeitos.

Depois que os convidados partiram, o Laquicho continuou a lidar com a carne, a fim de fazer o charque. Tudo conforme o costume da época. A única diferença é que quando tirou o chifre da novilha, colocou-o num galho de árvore. De repente aquilo brotou e virou uma espécie de animal diferente. (Cecília Leite de Farias)¹⁵

Árvore gigante

Após acomodarem-se no novo lar, Laquicho combinou com Melica que dariam uma festa. Seria uma forma de apresentar a esposa aos vizinhos, todos já conhecidos do dono da casa. Assim também apagariam qualquer ressentimento com o vizinho cuja plantação fora estragada pelo gado.

Com essas idéias na cabeça, numa manhã bem cedo, Laquicho saiu para conhecer a mata da propriedade, coisa que ainda não tivera tempo de fazer.

Não andou quase nada, encontrou uma árvore muito grossa. Como andasse com o machete na mão, deu um talho num ponto da árvore. Falou consigo: “*Vou rodear essa árvore para ver a sua grossura*”. Andou um bom trecho e pensou: “*Será que eu passei a marca que fiz?*”

¹⁵ LIMA, Astúrio Monteiro de. *Mato Grosso de outros tempos: pioneiros e heróis*. São Paulo : Soma, [s.d.], pp. 108 e 109. Esse autor conta uma versão diferente, aqui reproduzida livremente. Ele diz que Laquicho encontrava-se na fazenda de um parente que lhe contara com muito entusiasmo o sucesso obtido num enxerto de laranjas, tendo como “cavalo” a limeira. Laquicho concordou porque, certa feita, uma bezerra sua havia perdido o chifrinho numa trompada que dera, e ele imediatamente enxertou o chifrinho na casta de uma limeira. Depois de uma semana, o chifre já estava com um palmo, e a bezerra nem vareja pegou.

Não pode!” Aí foi, andou mais um pouco, achou a marca. *“Olha! eu vou derrubar essa árvore.”* Ele sabia cortar, né? Cortava assim... passava a mão, estava cepilhado, retinho. *“Vou derrubar essa árvore, vou fazer a festa nesse toco.”*

Então ele começou a cortar com um machado de um metro no cabo. Deu um entalho em roda, inteiro, de um metro...quanto deu para cortar, ele cortou. Aí fez de dois metros, deu outro entalho... e foi aumentando o cabo do machado. Quando ele derrubou a árvore, seu machado estava com um cabo de dez metros de comprimento.

Quer dizer, de uma beirada do toco, direto na outra, tinha vinte metros. Aparou... ficou lisinho, como se fosse cepilhado. Assim que viu a árvore no chão, Laquicho decidiu fazer o baile no toco e a festa no tronco da árvore. Afinal, aquele tronco tinha vinte metros de altura, era muito comprido... bastava cortar ao meio, bem certinho, e teria o local para a festa.

Como o trabalho era muito, Laquicho não pôde fazê-lo sozinho, por isso arrumou uma turma de companheiros e foram desdobrar aquele pau. Naquele tempo eram comuns os mutirões:

“Nos mutirões se reuniam... a família, às vezes pequena... se reuniam em determinado grupo, determinadas famílias para ajudar uma outra família, fazer uma limpeza, uma limpeza na lavoura ou mesmo plantio e aonde eles ficavam dois, três dias reunidos, ali matavam uma vaca pra fazer churrasco para manter aquele mutirão...” (Liberato Itamar Arriola)

Os mutirões acabavam se transformando em verdadeiras festas:

“Cansei de ir em mutirão... se era roçada ou se era pra limpar valeta, ou limpar um rego d’água ou carpir lavoura. Então, de acordo com o que era o mutirão eu daqui já levava minha ferramenta: se eu fosse pra roça, eu levava uma foice, se fosse pra carpir, eu levava uma enxada, porque ninguém lá ia ter aquela quantidade de ferramentas pra dar pra cada um que chegasse, então cada um levava sua ferramenta. (...) Mas o interesse ali tava no baile (...) E era muito animado, muito

mesmo (...) Ah! eles carneavam churrasco, carne assada... formava aquelas mesas grandes debaixo das árvores, aquela coisa toda... (Idalino Arriola)

Então, não é de admirar que Laquicho tivesse encontrado muitos colaboradores e, com o mutirão, o pau foi logo cortado ao meio; ficou um pranchão de vinte metros de largura, com um comprimento medonho.

Depois da empreitada pronta, ele disse: *“Agora vou fazer a festa.”* Preparou tudo, fechou direitinho, fez até escada dos dois lados; o tronco da árvore ficou sendo o local para as mesas e o toco, o salão de baile...

Conforme tinha combinado com Melica, fizeram a festa: deu para vinte pares dançarem no toco da árvore e no tronco, ficaram os músicos, as mesas do churrasco, bebida à vontade.

Mas isso não foi nada. O salão de festas ainda lhe deu muita dor de cabeça: todo mundo que queria fazer uma festa ia pedir o local emprestado pro Laquicho. (Albino Moraes Sobrinho)

A ave que perdeu o pouso

No entanto, o corte da árvore gigante não agradou a todos. Aquele era o único local de pousada para uma ave muito grande. O Dr. Camilo, que teria visto essa ave voando (o bico começou a passar por Dourados de manhã e a cauda só foi passar à tarde...), teria censurado o Laquicho por deixar a ave sem pousada. (Albino Moraes Sobrinho)

Poço caipira

Melica não cansava de elogiar o capricho, a dedicação que o marido tivera na construção do lar, feito especialmente para recebê-la. Elogiava também a bela paisagem natural que cercava a casa. Mal sabia, entretanto, que parte daquele beleza, ao menos o riacho que corria no quintal, fora obra do próprio esposo.

Laquicho estava furando um poço, poço de corda, né? E um companheiro puxava a corda. Chegaram numa fundura tal que o companheiro já não enxergava mais o Laquicho lá embaixo... Então, quando ele enchia o balde de terra, precisava chacoalhar a corda pro companheiro puxar. Aí deu numa laje de pedra. O Laquicho pensou: *“Largar esse poço aberto não posso, fechar pra abrir outro... pode dar a mesma coisa... eu vou tentar varar essa pedra”*.

Mandou fazer uma alavanca muito pesada e muito boa e entrou novamente no poço. Tirou uma quantidade de pedra, aos pedaços, e o companheiro puxando tudo pra cima. De repente começou a minar água e ele escutou um barulho debaixo da pedra. Falou consigo: *“Uai, isso é água que está aí embaixo.”*

Com muito sacrifício, muito trabalho, aquela pedra toda foi furando...foi furando.. aonde ele furava, a pedra já estava bastante fina. Foi furando em volta, até que quando ele chegou ao ponto onde começara, a pedra estourou pra baixo.

Assim, quando a laje estourou pra baixo, a água veio pra cima, na grossura do poço. E o Laquicho foi atirado pra fora. Quando ele bateu a mão na borda do poço, ele caiu de um lado e a alavanca de ferro caiu pro outro.

Mas isso não foi nada. Aquela grossura do poço foi o veio d'água que se levantava numa altura de cinco metros além do nível do chão. Como havia um rio que passava a uns cinco

quilômetros dali, Laquicho abriu uma valeta pra água correr somente naquela direção. Dentro de poucos meses, formou um rio. E dava até peixe. O Laquicho enjoava de pegar peixe. Essa era a coisa mais bonita do mundo, esse olho d'água. (Albino Moraes Sobrinho)

Galo músico

Que galo canta todo mundo sabe, mas galo músico, como o do Laquicho, era bastante raro. O galo músico é aquele que canta inicialmente com o bico aberto para cima; conforme ele vai se aperfeiçoando, continua ainda a cantar mesmo com o bico abaixado.

Pois bem, era um desses galos músicos que o Laquicho possuía. Mas ele deu azar: um dia o tal galo foi cantar exatamente à beira do rego d'água que começara se formar ao lado do poço. O rego estava cheio, por isso quando o galo começou a cantoria, no que baixou o bico para prosseguir a música, morreu afogado. (Jenoel Capilé)

Uma pescaria nesse rio estreito

Que o rio formado com a abertura do poço caipira dava muito peixe, nós sabemos, mas como a água era muito limpa não havia como pescá-los. Laquicho então resolveu fazer uma pescaria à noite. Como pretendesse pescar dourado, levou carne para fazer isca. Tentou, tentou, mas não pegava nada. A noite ia alta quando ele pensou: “*Vou tentar pela última vez, vou pôr esse resto de carne e tentar.*” Era um pedaço bem grande, maior que o costumeiro. Iscou o anzol e, com uma certa raiva, jogou-o ao rio. Estava escuro, né? Passou um pouco, a coisa correu... correu e ele fisgou e já pegou; o Laquicho não errava fisgada. E puxou, puxou... “*Ah! é*

dourado!” E veio, veio, e era um lobinho. Ele jogara a linha com tanta força que o anzol foi parar do outro lado do rio justamente quando ia passando um lobinho.(Albino Moraes Sobrinho)

Peixe por encomenda

Laquicho foi dormir meio chateado, pois não era homem de voltar de uma pescaria ou de uma caçada com as mãos abanando. De qualquer forma, dormiu tranqüilo. Ao amanhecer, recebeu a visita inesperada de seu padrinho que foi logo avisando: “- *Quero um dourado para o almoço.*”

Laquicho, que não queria perder essa parada e ainda meio ressabiado com a pescaria da noite anterior, resolveu ir pescar no rio onde desembocava o córrego surgido do poço.

Lá foi o Laquicho. Bateu, bateu, já passava das onze e nada de pegar peixe. Com muito custo pegou um e veio, veio, veio vindo, quando foi tirar o peixe, como o barranco era meio alto, o danado escapou. Quando o dourado caiu n’água, o Laquicho foi junto até conseguir pegá-lo pelo rabo. Como o peixe fosse muito grande e liso, o Laquicho teve que usar as duas mãos pra poder segurá-lo. Com muito custo levou o peixe pra barranca e matou-o com uma pedra. (Albino Moraes Sobrinho)

Susto com o papagaio

Com o dourado nas costas, atrasado e preocupado com o que poderia pensar o padrinho, Laquicho subiu esbaforido a barranca do rio. Foi quando ouviu uma voz dizendo: “*Ai,*

João, ai, João, ai João. Laquicho ficou atento e foi ver o que era aquilo, quando viu era um João-de-barro tirando um espinho de macaúba do pé do papagaio.”¹⁶

Uma plantação pitoresca

Não pense o leitor que em razão da morte do galo cantor na beira do riacho, do fato de ter pescado um lobinho ao invés de peixe, ou ainda porque demorara para voltar para casa com o dourado pedido pelo padrinho, as coisas não andassem bem para o lado do Laquicho. Ao contrário, a paisagem continuava bonita, o lobinho fígado bem podia ser o mesmo que andava comendo as suas galinhas e, afinal, além de ter levado o dourado para o almoço, presenciara uma das cenas mais impressionantes de sua vida: um pagagaio falando com um João-de-barro.

Mas era preciso cuidar da subsistência que, naquela época, era *“produto das roças, era feijão, arroz, mandioca, carneava boi em casa, sempre fazia horta, tinha bastante verdura, comida era sempre com fartura.”* (Cecília Leite Farias)

Mas para que houvesse fartura era preciso muito trabalho. O sitiante

“Produzia para consumo próprio. Engordava porco. Naquela época, dificilmente uma pessoa não tinha o seu lotinho de gado, vaca mansa, uma vaca gorda pra carnear em casa sempre tinha. Então na época não existia nem açougueiro, cada um carneava sua vaca e comia em casa com a família. Era muito fácil naquela época, era muito fácil nesse sentido. Agora era difícil que eu digo no sentido de conforto, causa de uma doença, picada de cobra, acidente que na época quase não existia acidente, a não ser que caia de um cavalo.” (Ramão Adolfo Torraca)

Só que o Laquicho, com tantas ocupações no início de sua vida de casado, descuidou de um detalhe essencial: era época de plantio e ele não havia desmatado praticamente nada da

¹⁶ BOSCO, Maria Goretti dal, Ob. Cit, p. 160. Atílio Torraca Filho também contou-nos essa história.

área que comprara. Naqueles tempos, a região de Dourados era zona de mata, ainda que com significativas porções de campo. Mesmo assim desmatar uma área, quando ainda não tinham inventado a moto serra, era uma dificuldade enorme.

“... o desmatamento propriamente dito começou na década de 40, mais precisamente de 45 em diante. Aí é que houve o desmatamento completo porque o Getúlio Vargas tomou essa área para fazer o que eles hoje chamam de reforma agrária. Essa área estava sob o domínio da empresa Mate Laranjeira e a empresa Mate Laranjeira explorava e não só com o ser humano, o trabalhador, como explorava também a erva-mate.(...) Campanário era onde a empresa Mate tinha todas as suas ações de mando, por exemplo, os mandantes...os agenciadores ou chefe de ranchada... Constituíam uma ranchada e essa ranchada era composta de um administrador mais os trabalhadores que eles contratavam, né? E era tudo carregado na cabeça, mais precisamente na testa e nas costas, né? Tudo amarrado com cipó ...levava pro barbaquá. (...) A erva-mate, ela dava no meio do mato, né? Então eles desgalhavam, tiravam e traziam. E esse fardo era chamado raído. E tinha homem que carregava esses raídos de cento e tantos quilos né? Uns diziam que até davam 200 quilos, e punha na testa e com auxílio das mãos pegava no fardo, com cipó e aí depois que assentava nas costas ele carregava.” (Miguel Ângelo do Amaral)

No povoado, o desmatamento teria começado antes da década de 40:

“... começou, eu acho que 1920, 22, eles já abriram essa rua Weimar Torres, que era Rio Grande do Sul, era aberto um, um trecho pequeno, sabe? Essa rua tinha o nome de rua dos Velhacos porque o comércio era só na Marcelino Pires (...) os que ficavam devendo não passavam por lá, passava pela rua de trás, então era rua dos Velhacos, né? (Abigail Capilé Pizzini)

Mas falemos da pitoresca plantação feita pelo Laquicho, pois não deverá faltar oportunidade para falarmos da rua dos Velhacos.

Sem contar com áreas de terra desmatada, a sorte de Laquicho foi existir um morro inexplorado bem em frente à sua casa. Segundo se dizia, lá em cima a terra era muito fértil; entremeando as pedras, havia uma terra preta onde tudo que se plantasse produziria.

Mas como subir no morro? Não tinha jeito. O Laquicho falou: “*Pois eu vou plantar no morro. Vou plantar com espingarda.*” O primeiro passo foi tocar fogo no morro. Dito e feito. O morro ardeu.

Naquele tempo, todo mundo sabia mais ou menos quando ia chover. O Laquicho sabia; bastava a lua começar a entortar e o burro velho a furnear, era sinal certo de chuva. Na véspera da chuva, Laquicho começou a dar tiro de espingarda com milho. Pra lá, pra cá, forrou o morro, e no outro dia veio a chuva...

Enfim, formou o milharal mais lindo que já se viu. Milho pra ninguém botar defeito.

E pra colher?

Dono de uma porcada magra, o Laquicho soltou-a na direção do morro. Os porcos, magros como estavam, não tiveram dificuldades, subiram o morro em disparada. Como o milho era farto, rapidamente os animais foram engordando. E engordaram tanto que não conseguiam sustentar-se em cima do morro. O que aconteceu? Eles acabaram rolando ladeira abaixo, parando bem na porta da casa.

Foi um dos anos mais prósperos para o Laquicho. (Jenoel Capilé)

Morro mesmo tinha em Minas...

O sucesso do Laquicho com sua plantação no morro muito provavelmente se deva ao conhecimento que ele possuía de morros muito maiores, existentes lá em Minas. Maria Goretti Dal BOSCO nos conta que o Laquicho dizia: “*lá em Minas os morros eram tão altos que*

quando a gente ia buscar as vacas, o cavalo chegava no topo com o rabo pitoco, de tanto arrastar pelo chão.”¹⁷

No ninho da onça

Finalmente, depois de resolvida a plantação no morro, sobrou um tempo para Laquicho conhecer melhor o mato de sua propriedade. O casal havia levantado bem cedo, como de costume, e Melica já começara a sua labuta diária. Não pense o leitor que a vida da mulher era fácil: *“Lavava roupa no córrego, passava a roupa com ferro de brasa, puxava água do poço, à mão, e pra cozinhar fogão à lenha”* (Gasparina de Matos Carvalho)

Enquanto trabalhava, Melica nem se preocupava com a demora do marido, porém, quando anoiteceu, ficou preocupada. Passou a noite rezando, pedindo para que nada de mau acontecesse ao companheiro; maus presságios passaram-lhe pela cabeça, e só a chegada de Laquicho, já de madrugada, lhe trouxe tranqüilidade.

Conforme o próprio marido contou, saíra bem cedo, sem levar ao menos um canivete, pois pensava em voltar para o almoço. No entanto, depois do meio-dia, percebeu que se perdera no mato, um mato muito grande; o sol foi baixando, baixando, até que escureceu. Laquicho estava sem rumo. E no local havia muita onça.¹⁸ Então ele pensou: *“É agora que uma onça vai me comer.”* Mas continuou andando, até que enxergou um pau muito grosso, quebrado,

¹⁷ Idem, p. 155.

¹⁸ Há controvérsias quanto à existência de onças na região de Dourados. Crispin Fernandes afirmou-nos que *“nesta região onça, por exemplo, nós, dá pra dizer que nós não tinha. Já aqui na região de Carumbé, ali era uma região já boa de onça.”* Armando Campos Bello, mais categórico, contou-nos que *“...história de onça, 99% é mentira. Eu morei em Rio Brillante muito tempo, uns sete anos, trabalhei naquelas matas lá, no sertão medonho, tinha lugar que nem índio não tinha naquele tempo. E olha, nós rondava os ranchos a noite inteira, gente com lanterna forte, boas armas, nunca pude ver uma onça assim ao vivo, natural, porque era um bicho difícil.”*

a uma distância de uns vinte metros. Junto do pau havia uma árvore torta que subia até a sua ponta. Aí ele falou consigo: “*Vou subir, vou pousar aqui, tá escurecendo...*” Subiu e ficou lá, sentado. Por dentro o pau era oco, e o Laquicho acabou cochilando... Pois não é que ele resvalou pra dentro daquele oco e foi bater lá embaixo? “*Agora estou perdido...no mato... agora, aqui, quem vai me achar? Tô morto...*” – pensou ele. No escuro, só se enxergava uma nesga da claridade que restava ainda, lá em cima.

Era a mesma coisa que estivesse num poço. De repente uma coisa começou a arranhar os pés dele. Ele tinha aquele isqueiro... antigamente chamava binga. Quando ele riscou o fusível, deu de cara com um filhote de onça, aliás...dois. “*Agora sim acabou de esculhambar...a onça vem aqui, vai me comer.*” Como não houvesse outra saída, o Laquicho ficou ali parado.

Não demorou muito e ele escutou a onça, quando ela foi subindo pelo pau afora... “*Agora sim...*” Finalmente ela chegou lá em cima e ele enxergou-a bem, aquele monstro de pintada. Foi aí que a onça deu de descer. Como não pudesse descer de cabeça pra baixo, veio descendo de costas.

“*Ah! Tá dando na hora...*” – pensou Laquicho. Pegou os filhotes, pôs um em cada bolso. Quando a pintada chegou, ele catou no rabo dela e deu um grito. Assustada, ela descambou pau acima, com ele preso no rabo. Chegando lá em cima, ele bateu a mão na porta do buraco, e a onça guardou lá no mato...

Mas isso não foi nada. Nisso o galo começou a cantar, a casa dele estava pertinho. Saiu e foi pra casa. Quanto às oncinhas... ele as criou, criou igual a cachorro solto dentro de casa. A coisa mais faceira que se viu. (Albino Moraes Sobrinho / Miguel Ângelo do Amaral)

Mandioquinhas miúdas

Laquicho chegou em casa com o sol nascendo e ficou sensibilizado ao ver Melica ainda acordada, rezando, esperando por ele. Aproveitaram para tomar mate (chimarrão), costume trazido pelos gaúchos, mas que acabou sendo assimilado por muitos migrantes de outros estados, e sonhar com a prosperidade do sítio. Assim, entretido nas conversas com a esposa, Laquicho quase se esquecera de que combinara visitar o amigo Pedro Palhano, com o objetivo de arrumar umas ramas de mandioca para plantar. Melica protestou, afinal, não tinham nem dormido; portanto, nada de sair de casa, assim tresnoitado.

No dia seguinte, logo cedo, Laquicho partiu rumo à chácara Jaguapiru para buscar as tais ramas de mandioca. Afinal, comida não caía do céu, ainda mais naqueles tempos: “...*muitos plantavam em pequena escala. Plantava-se o arroz, plantava-se o milho, plantava-se o feijão, aqui era uma terra muito rica. Depois....plantou café.... mas deu aqui uma geada muito grande que matou o cafezal até a raiz*”. (Miguel Ângelo do Amaral)

No sítio de Pedro Palhano, conversa vai, conversa vem, o anfitrião arranjou um tanto de ramas de muito boa qualidade, mas lamentou-se por não poder arrumar as ramas de uma mandioca que havia na divisa com o Paraguai, uma tal de paraguainha. Segundo o seu Pedro, aquelas ramas da mandioca paraguainha “*o senhor plantava e os pés de mandioca ficavam assim, pequenos, de vinte centímetros, e o senhor arrancava, era uma coisa, uma carga que fazia gosto.*” “Ah! – disse o Laquicho- - “*lá em Minas tinha também uma mandioquinha especial, mas essa lá, o senhor tinha que marcar o lugar onde plantava porque não nascia, quer dizer, o pé não saía pra fora da terra, só dava a raiz.*” (João Palhano)

Mandioca com tatu galinha

Aconteceu, um dia, de não ter carne de espécie alguma na casa do Laquicho. Mas ele só se lembrou desse detalhe quando acabara de arrancar as primeiras raízes de mandioca, os frutos daquelas ramas dadas pelo seu Pedro. Como comer mandioca sem carne?

Quando levantou a cabeça para pensar sobre o problema da carne, viu um tatu entrando num buraco. Tirou a faca da cinta e mal arremessou-a, saiu correndo para pegar o tatu pelo rabo. Ao mesmo tempo que pegou o tatu, sentiu uma grande dor nas costas: havia corrido mais rápido do que a faca e fora atingido por ela. (Albino Moraes Sobrinho)

Gangorra e seus filhotes

Desde quando Laquicho levou os filhotes da onça para casa, passou uma temporada muito intranquilo. Toda noite, talvez por sentir o cheiro dos filhotes, a onça rondava a casa do Laquicho, mas a cachorrada dele, muito feroz, punha a pintada pra correr.

Acontece que o Laquicho tinha uma cachorra muito especial, a Gangorra, que caçava qualquer tipo de bicho, especialmente onça. Aliás, Gangorra gostava mesmo era de caçar onça, tinha alguma espécie de tara por onça. Como era muito especial e, ainda por cima, estava prenhe, prestes a dar cria, Laquicho resolveu prendê-la para evitar que, prejudicada pelo seu estado, a cachorra sofresse algum ataque fatal da onça.

Mas se a onça rondava a casa porque sentia o cheiro dos filhotes, a cachorra também sentia de longe o cheiro da onça. Por isso, não teve jeito: uma noite, Gangorra, usando os dentes, cortou a corda que a prendia e partiu atrás da pintada.

Logo pela manhã, Laquicho percebeu a fuga da cachorra e, vai daqui, vai dali, nada de achar a Gangorra. Até alguns rastros novos de onça foram encontrados, mas da cachorra, nem sinal. Com muita comoção, desistiu de procurá-la.

Passados uns oito meses, Laquicho andava longe, lá pelo mato, quando encontrou Gangorra, ou melhor, o esqueleto da cachorra e os esqueletos de doze cachorrinhos bem debaixo de uma árvore torta; no galho da árvore, jazia o esqueleto da onça. (Jenoel Capilé)¹⁹

Umás férias para a pescaria

Propriedade bem arrumada, tudo sob controle, uma pequena economia para qualquer emergência; a vida corria risonha para a família. Laquicho resolveu fazer um passeio com Melica na cidade. Chegaram sábado à tarde. Os parentes ficaram contentes; no domingo haveria jogo, o que não deixava de ser um grande acontecimento, pois

“Dourados era um povoado, a praça Antonio João, até 39, 40, 41, ali era um campo de futebol, era fechado com arame, a gente ia assistir, era o que tinha pra assistir. O senhor tinha uma namorada, o senhor ia lá encontrar, lá no campo, né? E então as moças iam, os moços iam... todos iam assistir o futebol.”(Crispin Fernandes)

Mas Laquicho não era muito chegado em futebol. Se fosse ao campo, começaria a contar os seus causos e já havia percebido que ali não era o local ideal. Por isso resolveu deixar Melica na cidade com os parentes e seguiu com um companheiro para a beira do rio.

O rio não era largo, mas tinha muita água, muito peixe. Assim que eles chegaram, do outro lado, no mesmo poço, chegaram três outros pescadores. Enquanto o Laquicho e seu

¹⁹ Outra versão nos foi contada por Ramão Adolfo Torraca: Laquicho tinha um perdigueiro que, certa feita, amarrou uma perdiz e ninguém fez com que esse cachorro fizesse a ave levantar vôo para ser atirada. Laquicho, então, largou-os lá.

companheiro não conseguiam nada, os outros iam só tirando peixe: dourado, jaú, pintado, surubim... uma beleza, aquele mundo de peixe.

Era meia-noite e eles não tinham físgado um. E os outros lá, cheios de peixe.

Então Laquicho falou pro companheiro: “*Você sabe que eu vou roubar peixe daqueles homens?*” O outro lhe respondeu: “*Não seja louco, larga mão disso... te dão um tiro lá*”. “*Não, eu vou*” – insistiu o Laquicho Naquele tempo tinha muito saco de estopa, daqueles bem grandes. Nosso pescador pegou um saco daqueles, entrou n’água e foi pro fundo. Chegou lá, procurou, procurou e achou uma linha n’água. Foi acompanhando a linhada até chegar no anzol, enganchou o dedo nele e deu uma puxada na volta do anzol... deu outra puxadona... aí puxou de verdade. “*É pesado, é peixe de couro, é pesado...*” – exclamaram os adversários. Laquicho escutava tudo lá debaixo d’água. E o fogo aceso atrás dos pescadores e eles comentando: “*É pesado! É pesado!*”

Quando chegou bem pertinho dos afoitos pescadores, Laquicho colocou a cabeça encapuzada pra fora d’água e falou: “***Boa noite, moçada!***”

Não sobrou um pra saber o final da história.

Então Laquicho encheu o saco de peixe, entrou n’água novamente e saiu do lado do companheiro: “*Tá feita a pescada, vamos embora.*” (Albino Moraes Sobrinho)

Caça ao veado mais ligeiro que se viu

De posse daquele saco cheio de peixe, Laquicho, que não era homem de ficar à toa, resolveu fazer uma caçada. Foi a caçada mais longa de sua vida.

Depois de muito tempo, voltou ao mesmo local e encontrou o esqueleto do cachorro e da perdiz. “*O cachorro perdeu a*

Laquicho tinha muito cachorro bom. Um dia, numa caçada, soltou um cachorro, chamado Baio – por causa da cor –, no rastro de um veado. A perseguição iniciou-se antes do meio-dia e ninguém sabe dizer ao certo quantos dias demorou, nem mesmo o Laquicho, que acabou perdendo as contas.

O início da perseguição se deu aproximadamente onde hoje é o túnel que dá acesso ao Parque das Nações, no cruzamento da rodovia que liga Dourados a Ponta Porã. O veado tomou o rumo do Paraguai, e o cachorro foi atrás. Laquicho saiu no encalço dos dois. Foi indo, foi indo, sempre perguntando, pedindo informações sobre os perseguidos. Depois de ter andado mais de cem quilômetros, soube que caça e cachorro haviam cortado a divisa do Brasil com o Paraguai. E foi, foi... no caminho, ele conseguiu uma nova pista: os animais tinham ido lá para o lado de Maracaju. Seguindo a pista dos dois, Laquicho foi dar na região de Douradina. Nessas alturas, ele, o cachorro e o veado já tinham feito uma volta com a forma de um enorme U. Bem, ao abordar um morador na região de Douradina e perguntar sobre um cachorro baio atrás de um veado enorme, Laquicho obteve a seguinte resposta:

“- Olha, moço, eu vi passar por aqui um cachorro perseguindo um veado, mas era cachorro pequeno, e o veado também era pequeno.

- Então não é o meu.

- Bom, pela cor que o senhor falou o cachorro é seu.

- Não, meu cachorro é grande e o veado também.”

Apesar da resposta, o Laquicho arriscou um atalho. E andou, andou; lá adiante, ouviu uma carreira de bicho. Preparou a espingarda e acabou atirando num veado baixinho. Logo atrás

veio um cachorro, também pequeno. Laquicho reconheceu o seu cachorro baio e compreendeu tudo: tanto o veado quanto o cachorro haviam corrido tanto que gastaram as pernas. (Jenoel Capilé / Albino Moraes Sobrinho)

Cana das grossas

Depois dessas duas aventuras, já estava na hora de voltar para a lida diária. Laquicho possuía um bom lote de gado e, apesar disso, não tinha problema com pastagem, mesmo na época da seca, pois não faltava cana, uma cana de qualidade. Para se ter uma idéia da qualidade da cana, precisamos abrir um parêntesis para explicar que, no tempo do Laquicho, as porteiras de mangueiras eram simplesmente varões compridos e grossos que encaixavam em buracos de mourões. Muito bem, as canas eram tão grossas que quando quebrava uma vara de porteira Laquicho, ao invés de ir no mato e cortar um pau, cortava uma cana e pronto, o problema estava resolvido.

O Laquicho moía muita cana, sempre ajudado pelo Tonho, seu filho mais velho.

Por causa da qualidade da cana, cada vara precisava ser cortada em quatro partes, para poder passar no engenho. Um pau de cana dava oitenta, cem litros de garapa. Quando a cana era passada no engenho, só se ouvia aquela bica enorme caindo para os caldeirões: chô... choooooooooo... choooooooooooooooooo... (Albino Moraes Sobrinho)

Bois de engenho

“Naquele tempo o doce que tinha era todo feito no engenho. Era o doce caseiro, como se chamava. Não era um doce beneficiado com a técnica de hoje.”(Jenoel Capilé)

Ercília de Oliveira Pompeu lembra-se bem de que, quando era menina-moça,

“...costumava fazer um passeio de um dia na chácara deles [da família do Laquicho] porque era muito longe, tinha que atravessar o mato....e ele tinha um engenho de cana , um engenho assim, primitivo, tudo era precário, mas que funcionava, era um boi que movimentava uma vara comprida e naquele movimento em círculo, rodava o engenho e moía a cana, e a gente então...ia no seu Laquicho tomar garapa.”

Além de produzir uma garapa de boa qualidade, Laquicho fazia também muita rapadura, açúcar mascavo, melado, enfim, os doces da época. Na produção desses doces, ele usava uma junta de bois de fazer inveja: Formoso e Marmelo, tão pontuais quanto um relógio. Os bois estavam condicionados pelo barulho peculiar do engenho do Laquicho: em virtude de um defeito de fabricação, um dos dentes da moenda era defeituoso; cada vez que esse dente pegava em outro dente, fazia um barulho semelhante ao ronco do bugio.²⁰

Quando punha o engenho para funcionar, a fim de facilitar o seu trabalho, Laquicho nem sequer desatrelava os bois: soltava-os no pasto atrelados, pois assim ficava mais fácil trazê-los para o trabalho no dia seguinte.

²⁰ Segundo Atílio Torraca Filho, os engenhos parecidos com esse do Laquicho funcionavam assim: “São colocados dois palanques de aroeira para sustentação da mesa, que é aonde vai ser colocada a parte inferior; a parte inferior das moendas, são colocadas em cima dessa mesa, em um formato triangular. Acontece que a peça central, a moenda central, ela vai como se fosse um pino e lá ela passa por um outro suporte, pra dar sustentação e aí, na cabeça dessa moenda central, é colocada a manjara, que é encaixada, de madeira, geralmente de ipê, como as moendas também são feitas de ipê ou de amoreira, e na ponta da manjara, em cada ponta da manjara, tem uma canga com dois canzís e uma brocha, que é para segurar a parte colocado no pescoço dos bois. Os bois rodam em círculo, rodam em círculo, e aí essa moenda central, com as traves, com os dentes, elas fazem com que as outras se acionem e colocada a cana, que é espremida, pelas moendas, vai e volta; ela passa na primeira para a segunda, volta por trás e sai o bagaço. Faz um S. E aí, aí é que o sujeito que fez o engenho pro Laquicho deixou, tinha um defeito, tinha um defeito nos dentes, nos dentes da moenda e quando passava um pelo outro, quando coincidia de passar um pelo outro, é que eles faziam aquele barulho característico do ronco do bugio: rom, rom, rom. E foi aí que os bois foram deitar debaixo dessa árvore e o bugio começou a roncar e eles então começaram ...

Esses dentes, eram feitos de pau ... encaixados na moenda. São dezessete dentes. Cientificamente não sei explicar porque tem que ser dezessete, mas se você fizer com dezesseis ou com dezoito eles não dão encaixe.”

Um belo dia, os bois sumiram. Procura, que procura, mas nada de encontrá-los, nem sombra. Melhor esquecê-los. Depois de uma temporada muito grande, o Laquicho foi caçar. Pegou a espingarda e partiu. Andou, andou e não achou nada. No caminho de volta, escutou um bugio urrando em cima de uma árvore. “Ah! vou dar um tiro naquele bugio.” – pensou Laquicho. E foi olhando... quase caiu num buraco. Qual não foi sua surpresa quando olhou para o buraco: lá estavam as pontas dos chifres dos bois e os lombos. Aí compreendeu tudo: os bois estavam tão acostumados à lida no engenho, estavam tão condicionados, que quando escutaram os gritos do bugio – mais ou menos parecidos com o ranger do engenho – puseram-se a rodar um torno de um pau seco, pensando que estivessem no engenho. E o que aconteceu? Os bois andaram tanto em círculo que afundaram. E o bugio parecia ter gostado de ver o serviço dos bois, porque não parava de urrar lá de cima da árvore.

Para tirar os bois daquele rego, Laquicho teve que cavar uma rampa. Coitadinhos dos bois: saíram do buraco magros e cansados.²¹

Êta fumo forte

Num dia meio pachorrento, à tarde, Laquicho desceu até o rio, pegou a canoa e navegava tranqüilo quando, de repente, entrou num túnel escuro. Ao se dar conta, estava dentro de uma enorme sucuri. Que fazer? Tirou o fumo do bolso e começou a enrolar um cigarro. Enquanto fazia isso, mascava um pouco de fumo e ia cuspingo o caldo. Quando acendeu o cigarro, na primeira baforada que soltou, a sucuri vomitou-o pra fora. Não se sabe se foi por

²¹ Boa parte dos nossos entrevistados mencionou essa história: Astúrio Monteiro de Lima /Albino Moraes Sobrinho / Jenoel Capilé / Honório Almirão / Arino Braga do Amaral / Ramão Adolfo Torraca e Atílio Torraca Filho.

causa do caldo do fumo ou da fumaça do cigarro. (Maria Goretti dal Bosco / Arino Braga do Amaral / Idalino Arriola).

Sucuri tem boca grande

Se o leitor duvida que uma sucuri possa abrir a boca formando um túnel e engolir Laquicho com canoa e tudo, por certo não acreditará que ela possa comer um boi inteiro. Aliás, um daqueles bois que Laquicho usava no engenho. Ainda que estivessem meio magros depois daquela história de ficarem girando ao comando do bugio, se fossem abatidos para o açougue, passariam de trinta arrobas, isso depois de limpos.

Pois bem, lá vem a história. Já sabemos que os bois ficavam atrelados, mesmo quando soltos para pastar. Certo dia Laquicho foi para o pasto buscá-los e, de longe, percebeu que um dos boi estava na barranca do rio fazendo força. Laquicho logo pensou: *“O outro boi caiu e esse está tentando puxar pra cima.”* Acelerou o passo. Quando chegou perto, viu que a coisa era bem outra: uma sucuri engolira o outro boi, que estava só com os chifres de fora. Rapidamente Laquicho cortou a corda que unia os bois, e a sucuri mergulhou.

Pelo menos um boi foi salvo. (Arino Braga do Amaral)

Laquicho perde-se no mato

Pelos causos já contados, o leitor deve ter notado que havia muito mato na região de Dourados.

“A rua Weimar Torres hoje, ela era a rua Rio Grande do Sul e mais propriamente conhecida dita, apelidada, como rua dos Velhacos, porque quem devia aqui nos comerciantes da ponta [da Av. Marcelino Pires] passava por ela e ia comprar fiado nos outros lados. Então o mato grosso mesmo da mata aqui começava

a partir da rua Rio Grande do Sul e emendava aqui... ia até a costa do Paraná atravessando aí a zona da Colônia...” (Miguel Ângelo do Amaral)

Ercília de Oliveira Pompeu confirmou que a Avenida Weimar Torres, antigamente denominada Rio Grande do Sul, era conhecida por rua dos Velhacos, pelo motivo alegado por Miguel Ângelo do Amaral. Ela acrescentou que a atual Avenida Joaquim Teixeira Alves era conhecida como rua dos Sujos, porque as pessoas que vinham dos sítios, todas sujas, tinham vergonha de passar pela rua principal.

Mesmo com essas ruas abertas, o mato freqüentemente tomava conta dos lugares; abundavam os vassourais e os rebentões:

“Em 1935, 36, mais ou menos, o delegado Feliciano Benedeti, muito enérgico, muito bravo que era ... prendia ...aquele mundo de desordeiros... e punha para ir roçando esse vassoural, derrubando esse mato, para abrir Dourados...”
(Ercília de Oliveira Pompeu)

Se na cidade era assim, imagine o leitor como eram as coisas nas zonas de mata fechada. Uma ocasião, Laquicho andava pelo mato, provavelmente em busca de madeira boa para um esteio, e se perdeu. Ficou três dias perdido, sem comer. Ele estava andando quando viu um pau arcado, torto, e um bichinho lá em cima. Ele se aproximou bem devagarinho. Era uma irara furando mel. E tinha um filhote atrás da irara, né? Quando faltava comida, a irarinha arranhava as costas da mãe; a mãe tirava o mel e passava pra trás. O que o Laquicho fez? Morto de fome, com todo o cuidado, pegou a irarinha pelo pescoço... e passou a arranhar as costas da irara que, movida pelo instinto maternal, lhe passava o mel. Depois de encher a barriga de mel, ele devolveu o filhote, e a mãe nem se deu conta dele. (Albino Moraes Sobrinho)

Olho no carrascal

Como deve saber o leitor, as matas não são contínuas. Conforme a qualidade da terra, a zona de mata pode ceder lugar a outros tipos de vegetação, como o cerrado e o campo.

Na propriedade do Laquicho, não havia apenas mata; suas terras tinham também uma parte de campo onde se desenvolveu um carrascal de enorme proporção. Com as derrubadas que ele promoveu, havia alguma área formada para pasto e lavoura. Pois o carrascal foi palco de um dos acontecimentos mais interessantes da vida do Laquicho.

Um dia, estava ele empenhado em levar um boi muito bravo para a mangueira. Queria verificar se havia alguma bicheira para ser curada. Vai daqui, vai dali, nada do boi enveredar para o lado da mangueira. Ao contrário, o tucura inventou de correr justo para o lado do carrascal. Boi na frente, Laquicho colado atrás. Quando o boi entrou no carrascal, Laquicho não se intimidou: enfiou a espora no cavalo e seguiu o bicho. Finalmente, conseguiu sair num campo limpo e laçar o boi. Feito isso, levou-o para a mangueira. Ao chegar na mangueira, sentiu um ardume no olho. Passou a mão e percebeu que tinha perdido um olho quando passou pelo carrascal; uma taboca ou algo que o valha tinha arrancado seu olho. O sangue quente impediu que ele sentisse a falta na hora do ocorrido.

Depois de amarrar o boi, Laquicho voltou bem rápido para o local do acidente. De longe, já viu o olho pendurado num arranha-gato, piscando para ele... Pegou-o e colocou-o de volta no lugar. Pronto, ficou perfeito. (Albino Moraes Sobrinho / Arino Braga do Amaral)

Cachorro oveiro

Recuperado o olho e curado o boi, Laquicho entrou em casa para tomar um café. Melica logo reparou na mancha de sangue que ele tinha na face. Então ele teve que contar toda a história do olho perdido no carrascal.

“- *Vamos já pra cidade, ordenou Melica, vamos na farmácia ver isso!*”

Nenhum argumento foi suficiente para demover a resolução da companheira. Quando deu por si, estava rumando pra cidade com mala, cuia e um de seus cachorros. Laquicho, como se sabe, tinha uma matilha, cães baios – os de cor castanha – outros oveiros, isto é, malhados, enfim, havia cachorro de toda cor e para todo gosto. O cachorro que acompanhou o casal até a cidade era um belo animal de cor vinagre.

Laquicho deixou a esposa na casa dos parentes e saiu, acompanhado do cachorro, dizendo que ia à farmácia. Na verdade, a ida à farmácia serviu como pretexto para formar uma roda de amigos.

“- *Belo cachorro!* - disse um dos amigos.

“- *É, um belo oveiro,* respondeu Laquicho.

“- *Ora, quem não vê que esse não é um cachorro oveiro?*

“- *Ara, claro que é oveiro,* rebateu Laquicho, *se achar um dúzia de ovos, come todos.*” (Albino Moraes Sobrinho)

Receita para corrigir cachorro comedor de ovos

Era verdade. O cachorro vinagre do Laquicho não podia ver uma ninhada de ovos que comia todos. Achava um ninho de galinha e não sobrava um ovo. E aquilo era um prejuízo para o Laquicho. Então, o que ele fez? Amarrou o cachorro, esquentou um ovo, mas esquentou bem quente mesmo, enfiou na boca do cachorro e apertou. Fez o cachorro engolir aquele ovo quente, pra ver se perdia o costume.

No outro dia, Laquicho seguiu o cachorro só pra ver se sua invenção tinha dado certo. Quando achou o cachorro, ele estava deitado bem na frente de uma ninhada de ovos, soprando pra ver se eles esfriavam. (Ramão Adolfo Torraca)

Inverno: tempo bom para uma viagem

“Naquela época tudo era difícil, tudo muito precário, o nosso transporte daqui para Campo Grande por meio de carretas, aquilo eram trinta dias de viagem, de caminhão oito, dez dias. Depois foi ficando tudo mais fácil, foi construída essa estrada ligando a Maracaju, então diminuiu muito a viagem, já era possível fazer de caminhão em três dias, de automóvel fazia em um dia de viagem daqui a Campo Grande.” (Ercília de Oliveira Pompeu)

Mesmo sem precisar datas, nossa entrevistada falou sobre a evolução dos transportes na região de Dourados e o tempo economizado com isso. Nos tempos em que Laquicho possuía vigor físico para uma viagem a Campo Grande, as jornadas eram todas feitas em carretas e precedidas de um certo ritual:

“Pra aprontar a viagem, carneava uma vaca, secava a carne...arrumava um modo de comer na viagem. Saía, cada doze, geralmente doze quilômetro, treze, nós parava pra dá pasto pro boi, dá água, fazer o almoço...Então nós gastava daqui a Campo Grande...que ponte não existia uma... então precisava pegar os rios baixo pra passar na água. Nós gastava doze dias de viagem, era o normal, quando não havia chuvarada. Chegava em Campo Grande entrava na rua 14, em 30 nós entrava na rua 14 com carreta. Pagava cinco mil reis de piso, que hoje nós chama de imposto rodoviário, naquele tempo chamava piso. E havia o fiscal que cobrava o piso das carretas, pagava, ia no armazém....lá nós carreteava e à tarde saía. Então

amanhã nós voltava pra trás. Dava treze dias. Em vinte e cinco, vinte e seis dias nós tava chegando aqui.” (Crispin Fernandes)

Para segurança e tranqüilidade dos carreiros, formavam-se comitivas para ir a Campo Grande, pois, além de algumas eventuais encomendas especiais, como a troca das libras que a Companhia Mate Laranjeira gastava no comércio de Dourados e que eram recambiadas no Banco do Brasil, normalmente

“Leva-se daqui pra lá, levava-se tudo misto, né? Levava feijão, levava arroz, levava couro, o couro vacum, o couro de bicho...que são peles silvestres, né? Levava crina, levava rapadura, levava...às vezes levava milho. Outra hora levava farinha de mandioca e o principal que se levava pra lá era erva-mate, né? E quase sempre a gente completava a carga com banha de porco...charque...” (Miguel Ângelo do Amaral)²²

“As comitivas tinham pontos certos de parada... Quase sempre na beira de uma aguada...” (Crispin Fernandes)²³. Foi justamente numa dessas paradas que se passou uma história interessante com Laquicho.

Junho e julho sempre foram meses bons para os carreteiros fazerem suas viagens. Normalmente nessa época os rios dão val e as carretas podiam passar pelas águas rasas. Bom, havia um inconveniente: o frio bastante rigoroso, especialmente em julho. Nada, entretanto, que pudesse reter Laquicho. Ele lotou sua carreta com mantimentos, rapadura, banha de porco, ovos

²² Outros entrevistados corroboram essas informações: *“De Campo Grande a gente trazia açúcar, sal, querosene e tecido...a gente tinha que trazer pra passar o ano. Daqui pra lá nós levava tábua de cedro, erva, couro, rapadura, era a carga que nós levava...”* (Crispin Fernandes). José Augusto de Matos acrescenta que se trazia também arame e ainda: *“A gente levava erva, couro, crina, nesses povoados mais próximos como Ponta-Porá, Bela Vista, Campo Grande, vendia lá a carga que levava: o mate, o couro, mais era o mate.”* Segundo Ramão Adolfo Torraca, *“Levavam daqui couro, erva mate, tábua, madeiras e transportavam de lá pra cá muitas vezes sal, sal era muito comum devido a grande quantidade de fazendeiros. Na época aqui a atividade principal era a pecuária, só a pecuária. Então o consumo de sal era muito grande, os carreiros transportavam nos carros.”*

²³ Outro entrevistado, Miguel Ângelo do Amaral, usou as mesmas palavras de Crispin Fernandes para referir-se às comitivas: *“As comitivas tinham pontos certos de parada... Quase sempre na beira de uma aguada.”*

e, acompanhado de outros carreteiros, seguiu para Campo Grande. Lá venderiam seus produtos e comprariam sal, roupas e outras provisões.

Chegando na região do bairro conhecido como Aroeira, na travessia do rio Vacaria, os carreiros pararam para tomar um chimarrão, descansar os animais, dar pasto aos bois. Os que iam a cavalo desarrearam os animais e colocaram os arreios em cima de um pau, à primeira vista, um tronco de coqueiro.

Estavam todos tranquilos, tomando chimarrão. Quando notaram, os arreios iam atravessando o rio. Ao darem por fé, perceberam que o tronco na verdade era uma sucuri que o frio congelara. Com o calor dos baixeiros e pelegos dos arreios, a cobra esquentou e tomou o seu rumo. E foi baixeiro, foi pelego, foi buçal, foi tudo água abaixo. Os viajantes ficaram só com os carros de bois e, se quiseram, tiveram que levar os cavalos tocados a pé, do Vacaria até Campo Grande. (Nielson Cristian Sorensen)

Reminiscências de um carteiro de Minas

Mas o forte de Laquicho não era ser carreiro. Seus filhos eram mais dados para o negócio. Conta-se inclusive que

“...um dos filhos dele trabalhava com carreta, o Rauzinho... E ele foi pra Campo Grande, aqui na Ponte do Santa Maria, ele levava uma carga...quebrou muito a vida dele... ele, no aterro aí da ponte do Santa Maria, a carreta virou, o rio tava cheio, a vazante tava tudo cheio, a carreta virou dentro... perdeu toda a carga que levava, era erva, não é? Então foi um fracasso, mas nunca desanimou, sempre naquele ânimo, perdeu aquela vamos ganhar outra, não é? (João Palhano)

Na verdade, ir a Campo Grande carreando ou seguindo a comitiva a cavalo era prática normal dentre os pioneiros douradenses. Albino Moraes Sobrinho, um de nossos

entrevistados, contou-nos que ele e seu irmão tinham ido de carreta a Campo Grande, levar erva. Na ida, foi tudo bem; o rio estava seco e eles passaram pela val tranqüilamente. Na volta, entretanto, o rio estava cheio e eles largaram a carreta e atravessaram de canoa. Pousaram na fazenda do finado Leucádio Ramasco. A fazenda do Sr. Leocádio fazia divisa com a do Dr. Camilo, onde o Laquicho morara durante oito anos, quando seu filho, o Tonho, fora capataz. Pois bem, quando os irmãos estavam na divisa das duas fazendas, encontraram o Laquicho.

“- Andando a pé?”

“- É, seu Laquicho, larguei a carreta do outro lado do rio, tava muito cheio.

“- Ah! isso pra rapaz não é nada. Eu, quando era rapaz lá em Minas, eu fazia o correio, carregava trinta quilos nas costas, a pé, fazia cento e cinqüenta, cento e oitenta quilômetros por dia.” (Albino Moraes Sobrinho)

Força incontrolável

Bom, nesse ponto devemos fazer um parêntesis para dizer que ouvimos contar que em Minas Laquicho também lidava com bois, desses bois carreiros, boi manso. Mas, sabe-se lá por que, o tal boi inventou de ser burro, quer dizer, de proceder como burro e empacar. Recusava-se a obedecer a ordem que Laquicho lhe dava para afastar. E Laquicho insistia, pois se o boi não afastasse, ficaria difícil empilhar a lenha daquela carga. *“- Afasta... fasta,* - dizia Laquicho com calma. Como não houvesse meio de ser atendido, pegou o machado e bateu com a face do machado na testa do boi. Não é que o boi não suportou o golpe e caiu morto? (José Ribeiro Martins)

Outras férias, mais pescaria e caçada

Mas voltemos à ordem de nossa narrativa, pois essas reminiscências dos tempos de carteiro lá em Minas, por exemplo, aconteceram quando Laquicho já estava bem velho. Quanto à morte do boi, nem sequer sabemos quando se deu... Voltemos, portanto, à sua vida normal para contar mais umas histórias que se passaram durante uns dias de folga que ele tirou. Sempre que tinha alguma oportunidade, Laquicho dedicava-se à pesca e à caça, seus passatempos favoritos.

A fantástica traíra de Itahum

Na verdade, ninguém soube precisar exatamente onde se localizava a tal lagoa, morada de uma traíra gigante. É que lagoa é assim mesmo: ora existe, ora seca. Mas, com certeza, ficava próxima à estrada de ferro que liga Ponta Porã a Campo Grande. Dizem que todos os pescadores que iam à lagoa tentavam tirar a traíra, porém, não conseguiam. Quando alguém conseguia ao menos fisgá-la, era cada soco que quase arrancava o braço do indivíduo. E vai daqui, vai dali, o Laquicho falou: *“Espera aí, tem um ferreiro lá em Dourados, que é o João Preto, que vai fazer um anzol pra mim. Vou pegar essa traíra!”*

Dito e feito. João Preto temperou um aço muito especial. Depois de pronto, o anzol pesou mais ou menos um quilo e meio. Isso só o anzol, sem contar o cabo de aço fino que servia como linha.

Na beira da lagoa, tinha um toco, um toco muito forte, ainda meio verde. E como Laquicho também mandara fazer uma argola grande bem na ponta do cabo de aço que servia como linha, ele laçou o tronco, passou o anzol pela argola, de modo que não tinha como

escapular. Enganchou no anzol um bezerro inteiro, bezerro descorneado, e lançou a linhada na lagoa.

Foi só jogar e o bicho beliscou; beliscou e arrastou... Laquicho fisgou, a traíra estava pega. Tamanho foi o tranco que o toco já estava cedendo, mas isso não foi nada, pois, por sorte, o trem estava passando justamente naquela hora. Então o Laquicho falou: *“Vou enganchar essa linhada no último vagão, aí eu quero ver se essa traíra sai ou não sai.”*

Quando passou o último vagão, Laquicho conseguiu enganchar a argola no pino do vagão. O tal do trem patinou e patinou, e o foguista meteu fogo e fogo e fogo... até que a coisa arrebentou: arrebentou o cabo de aço e o trem sumiu.

Laquicho, que tinha enganchado a argola e ficado na beira dos trilhos, voltou pra ver o tamanho da traíra. O leitor não vai acreditar que, medido no passo, o trem arrastou a lagoa por sessenta metros, mas a traíra ele não conseguiu tirar. (Jenoel Capilé)

Como Laquicho recuperou o seu revólver

Laquicho possuía várias virtudes, mas a principal delas é que jamais desanimava. Não deu certo a pescaria da traíra? Nem por isso o mundo ia se acabar. Enquanto Melica descansava das lides do campo na casa dos parentes da cidade, ele reuniu dois companheiros e foram pescar num rio.

Estavam já no meio do rio, remando calmamente a canoa, quando Laquicho falou: *“Pára um pouco aí, acho que foi aqui que há uns seis meses o meu revólver caiu n’água.”*

“- *Deixa disso*” – disseram os companheiros – “*mesmo que fosse, você jamais acharia. Vamos embora, vamos pescar. Por que você não mergulhou logo quando o revólver caiu? Agora não tem jeito.*”

“- *Não, vocês fiquem pescando aqui em roda nesse poço que eu vou mergulhar. No dia que o revólver caiu eu não pulei n’ água porque estava muito frio, mas hoje vou procurar o revólver*” – retrucou o Laquicho.

Os companheiros não tiveram outra alternativa, ficaram lá esperando. E o tempo foi passando... meia hora e nada, e Laquicho lá no fundo, procurando o revólver. Uma hora e nada. Então os companheiros falaram: “*Vamos descer porque alguma correnteza deve ter puxado ele rio abaixo.*”

E desceram. Iam já bem longe quando Laquicho achou o revólver e saiu fora d’água. E gritou, gritou, mas os companheiros não escutaram. Então ele deu uma balançada no revólver, pra jogar a água fora, puxou o gatilho, saíram seis tiros. Só aí os companheiros escutaram e voltaram para pegá-lo. (Albino Moraes Sobrinho)

Peixe na lata

Maravilhados com a fantástica qualidade do tal revólver que, apesar de ter ficado seis meses debaixo d’água, ainda funcionava, os companheiros continuaram a pescaria. Vai daqui, vai dali, Laquicho sentiu que um peixe puxou, puxou e puxou pesado. A vara até entortou... Mas Laquicho estranhou, pois o bicho era pesado, mas não corria. Era a mesma coisa que tivesse pegado um pedaço de pau. Só se fosse jaú. Foi uma peleja. Quando conseguiu tirar o “peixe” d’água, ele viu que era uma lata, dessas de vinte litros, que tanto podia ser de querosene como de

gasolina. Fisgou a lata justo no furinho que havia sido feito num dos cantos para retirar o produto.

Os companheiros riram, mas Laquicho estava sério; tinha alguma coisa se batendo dentro daquela lata.

O Laquicho falou: *“Uai, tem alguma coisa errada dentro dessa lata.”* Foi ver e tinha um baita peixe de mais ou menos três quilos lá dentro, um corimbatá, que, pelo jeito, entrou na lata bem pequenininho. Como não pôde mais sair lá de dentro, o peixe cresceu e criou-se por lá mesmo. (Cecília Leite de Farias / Miéli Farias)

Competição internacional de mergulho

Não se tem conhecimento exato de como foi, mas a fama de Laquicho como grande mergulhador correu mundo. Sabe o leitor como são essas coisas; às vezes aqueles companheiros que viram o Laquicho ficar mais de hora procurando o revólver, ou aquele outro que o viu enfiando um saco de estopa na cabeça e ficar um tempo debaixo d'água ... Um comentário aqui, uma observação acolá...

O certo é que a fama era tanta que um belo dia apareceu um estrangeiro em Dourados, só com o propósito de mergulhar com ele, e logo no dia em que Laquicho voltaria para sua propriedade! Como veio muita gente junto com o outro, e o Laquicho não queria fazer desfeita para ninguém, marcaram a competição para a tarde daquele mesmo dia.

Foi uma verdadeira festa. As pessoas acorreram à barranca do rio, dos dois lados não sobrou lugar para ninguém. O rio era muito fundo. Laquicho entrou na água do jeito que estava, e o estrangeiro, todo apetrechado; ambos entraram juntos.

Depois de uma hora no fundo d'água, o estrangeiro saiu quase morto, mal tendo fôlego para perguntar onde estava o Laquicho.

O povo então começou a perguntar: *“Cadê o Laquicho? Não saiu ainda? Ah! tá morto, algum peixe comeu ele, porque o poço, o rio era muito fundo, né?”*

O estrangeiro queria mergulhar novamente, mas o pessoal não deixou. Mais meia hora e o outro ansioso: *“Não, agora eu vou...”* E entrou novamente no rio. E mergulhou. Quando viu, lá estava o Laquicho, sentado numa pedra, perna cruzada, tinha fechado um cigarro e estava batendo o isqueiro, assim, pra acender, pra fumar, e só depois voltar para terra firme.

Aí o outro falou: *“Ô Laquicho, já perdi mesmo, vamos embora.”* (Albino Moraes Sobrinho/ José Augusto de Matos)

Voltando à roça, Laquicho enfrenta um potro violento

Estávamos quase nos esquecendo de dizer que nesses dias de folga, Laquicho e Melica ficaram tranqüilos, pois os filhos já formados eram capazes de cuidar muito bem da propriedade. Mas, sabe como é, um homem com o espírito do Laquicho não queria ficar longe de sua lide e numa propriedade rural serviço é o que não falta.

No caminho de volta, Laquicho já ia matutando o que iria fazer. No dia seguinte, levantou-se bem cedo, com uma só intenção: domar um potro chucro, um que ninguém havia conseguido montar. Pôs o potro na mangueira, laçou-o pelo pescoço, amarrou-o no palanque para ir chegando, devagar, para passar o cabresto na cabeça do animal. Aí foi que aconteceu uma boa, parece até mentira, mas o leitor haverá de tirar as suas próprias conclusões quando ouvir o que nos contou um de nossos entrevistados.

Idalino Arriola, aquele que fazia um tipo de doma que hoje nós chamamos doma racional, contou-nos, não sem um traço de emoção, que

“A montaria é o seguinte: a gente tem às vezes alguma coisa, alguma passagem que a gente lembra, que fica... recorda aquilo a vida toda, né? Às vezes você... como em uma ocasião teve uma animal muito bravo pra amansar. Você vê, eu laçava ele na mangueira que é coisa difícil de acontecer... laçava e ele vinha te encontrar de bravo. Esse eu não consegui amansar. Eu tinha arreado ele duas ou três vezes, ele pulou muito e aí eu deixei passar uns 3 ou 4 dias e lancei ele outra vez. Amarrei num palanque....e ele deu um pinote pra cima e caiu morto, quer dizer, caiu morto não, caiu e quebrou o pescoço. Foi só tirar o buçal e largar.”

Pois bem. É de se imaginar que o potro laçado pelo Laquicho era ainda pior que esse que morreu. Devia ser um animal muito violento. Assim que o Laquicho o laçou e passou a corda no palanque, o potro esticou o laço de tal maneira que acabou cortando a própria cabeça. O potro, de tão bravo que era, largou a cabeça na mangueira e saiu em louca disparada pelo pasto afora.

Mas não foi nada. Após alguns dias, o animal surgiu de novo na fazenda, já nascendo uma cabecinha nova no toco do pescoço. (Ramão Adolfo Torraca / Atílio Torraca Filho)

Receita para a cura de machucado

A vida em um povoado novo, naqueles idos tempos, era repleta de dificuldades e também de tristeza.

“A minha mãe faleceu porque ela apanhou maleita naquele tempo, hoje malária, né? E aqui não tinha recurso, nosso recurso médico mais perto era em Assunção no Paraguai, e a minha mãe não podia fazer essa viagem porque chovia seis meses, era tempo das águas e o Rio Brilhante, o rio Dourados muito cheio, não tinha a balsa, tinha que passar a cavalo n'água, tinha que ir a cavalo daqui à vila Conceição, e na chuva minha mãe não tinha condição, ela tinha vinte e dois anos quando faleceu de malária, por falta de recurso médico” (Ercília de Oliveira Pompeu)

Entretanto, sempre havia aqueles que ajudavam a minimizar os males da população.

“Antes de chegar médicos por aqui os que mais entendiam... era o velho Francisco Torraca, depois tinha o Francisco Torraca Filho, Atilio Torraca, Albino Torraca, todos eles davam remédio... No caso de quebradura curava com implasto de sal e santa maria...tem mais algum que misturava, fazia aquilo, amarrava com uma talinha para endireitar, se era perna ou braço, aquela pessoa sarava.” (José Augusto de Matos)

Antes da implantação do Hospital Evangélico, o primeiro de Dourados, alguns médicos e farmacêuticos foram bastante importantes no auxílio aos enfermos do local:

“Nós tínhamos dois médicos excepcionais aqui. Fora estes nós tínhamos também dois farmacêuticos de renome que quando o médico....quando não conseguia achar o médico, esses dois farmacêuticos faziam as vezes do médico pela sua experiência. Um era o Major velho Capilé (...) o outro era Dom Garcete, era paraguaio, que veio pra cá muito preparado, muito bom, era um farmacêutico muito bom e aí nós tínhamos como médico ... Dr. Camilo Ermelindo da Silva que era um excelente médico e tínhamos também o Dr. Nelson de Araújo, que foi prefeito daqui. Esses dois médicos atendiam toda a região e fora isso ainda tinha o Dr. Mandacaru, mandacaru porque ele só tratava com jojô, com plantas silvestres, né?” (Miguel Ângelo do Amaral)

Somente depois da morte de uma parturiente, motivo de bastante revolta na cidade, a população douradense organizou-se para a criação do Hospital Evangélico. Conta-nos uma de nossas entrevistadas que

“... a morte da mulher de um morador chamado Ramão Neto, em trabalho de parto, revoltou muito os moradores, então com ajuda dos Estados Unidos e do povo daqui que ajudou muito, fizeram o hospital. Antes, se adoecia...era com parteira, não é? E essas coitadas que não estudaram, que não sabiam nada, que botavam fumo no umbigo do nenê... os outros doentes tomavam chazinho... se não, ia buscar recurso a cavalo em Bela Vista, Ponta Porã...” (Inácia Augusta de Matos)

A campanha para a construção do hospital é confirmada por outro de nossos entrevistados:

“O Hospital Evangélico... Nós fizemos uma campanha daquela de arromba pra que o hospital fosse implantado aqui. Foi o primeiro hospital aqui. Aí foi dado aquele quarteirão todo lá pro hospital e mais ainda uns terrenos separados aonde pudesse abrigar os médicos, as enfermeiras. O hospital foi implantado no finzinho da década de 40 (...)”²⁴ A população toda ajudou, nós demos colchões, camas, né? Porque era naquela época, tudo era comum, não era cama hospitalar, nem colchão hospitalar, era qualquer que tinha, né? E eu sei que ele funcionou muito bem e foi uma grande valia para a saúde do povo.” (Miguel Ângelo do Amaral)

Se a vida das pessoas corria constante risco pela ausência de recursos médicos, imagine o leitor o que não era dos pobres animais. Laquicho mesmo teve muitas dificuldades para curar seus animais, como por exemplo, um cavalo, velho já, que um dia apareceu com uma ferida no lombo.

Como não tivesse remédio, ensinaram pra ele socar bastante semente de melancia, misturar com terra, umedecer um pouco, colocar no local e amarrar, pra curar, né? E ele fez o recomendado. Pôs um litro de semente de melancia no pilão e socou, socou, socou, misturou terra, fez uma bolota grande, pôs no ferimento do cavalo e amarrou. Aí soltou o cavalo, que sumiu de vista... O animal passou três meses alongado, justamente o tempo que demora para produzir melancia.

Um belo dia, Laquicho estava tomando tereré com Melica na sombra da casa. De repente ele falou: *“Uai, que diabo de animal é aquele?”* O bicho veio se aproximando e quando estava bem perto, o Laquicho entendeu tudo: era o cavalo doente. Vai ver que alguma semente de melancia ficou inteira, nasceu e cresceu, cresceu tanto, mas tanto, que o cavalo mal podia arrastar aquelas ramas carregadas de melancias...(Albino Moraes Sobrinho)

²⁴ Segundo informação prestada pela Administração do Hospital Evangélico ele foi fundado em 10 de outubro de 1953.

Outra receita pra curar machucado

Com o passar do tempo, os sitiantes começaram a usar creolina para matar bicheira, mas segundo o entendimento da época e que é válido ainda hoje em muitas fazendas da região, bicheira se curava com lama ou se misturava esterco de gado ao remédio. Se o sitiante tivesse um porco bichado, bastava soltar na lama. Era um santo remédio. Ora, os buracos das bicheiras ficavam cheios de lama; essa lama secava ao sol. Com os buracos tapados, os corós morriam sufocados.

Foi esse o tratamento usado por Laquicho num outro cavalo velho que apareceu com uma bicheira enorme no lombo. *“Pobre animal, disse ele, não vou deixar morrer bichado. Ajudou tanto a gente, deu tantas alegrias nas carreiras que disputava...”* Ah! saiba o leitor que na época do Laquicho uma das mais importantes atividades desportivas da região eram as corridas de cavalo, chamadas de *“carreiras [e] tinham o lugar próprio, tinham as canchas pra correr. No Iguaçu tinha canchas, em Macaúba tinha...”* (José Augusto de Matos)

“Corrida de cavalo, por exemplo, eu no meu caso e um vizinho meu, nós tratávamos uma corrida de cavalo. Um cavalo meu e um cavalo dele, então se fala assim, atou uma carreira. O contrato era um fio de bigode de cada um. Pegava, cada um tirava um fio do bigode, tá aqui o contrato. Aquele que desistia paga metade, a aposta variava de acordo com as possibilidades financeiras de cada. E se chegou o dia e um dos contratados não compareceu ou desistiu pagava a metade. Se os dois tão de acordo, vão, corre a carreira, pesa os pilotos, hoje chama de piloto um jóquei, né? Pesa, peso igual, coloca cada um no cavalo e toca. Aquele que chegou na frente é que ganhou. A distância variava de acordo com o gosto dos donos. Se quer mais longe ou mais perto, entra num acordo, tantos metros. Essa é uma das diversões prediletas na época aqui. E baile, baile de fazenda principalmente. Muitas vezes fazendeiros, agregados, capatais se ajuntavam aí, faziam comitivas de carro de boi e iam pra outra fazenda, muitas vezes pra outro município. A semana inteira correndo cavalo durante o dia, jogando truco à noite (...) As corridas geralmente se realizavam na época de São João, Sábado de Aleluia....” (Ramão Adolfo Torraca)

Mas nem sempre as carreiras eram inocentes entretenimentos, às vezes as apostas eram grossas:

“Nós fazia carrerada de três dias, quatro dias... Funcionava muito bem. O senhor vinha lá de sua fazenda e trazia três cavalos, bom... o outro vinha de lá, trazia, e então... na fazenda do seu Tiliano Bicudo, por exemplo, em 29, nós tivemos seis dias na fazenda dele correndo carreira... às vezes tem 30, 50 cavalos. O senhor fixa acampamento ali... cada um tem a sua rede, põe seus pelegos, cobre... à noite joga baralho pra distrair...amanhã continua a corrida. É a diversão que havia e ninguém brigava, não se matava ninguém. Mas tinha aposta, aposta grande, mas geralmente maior era gado. O senhor. fazia com vinte vacas, quinze vacas, cinqüenta vacas. E era tudo controlado, até os jóqueis tinham que pesar cinqüenta, sessenta quilos. As carreiras eram feitas em páreo, só dois a dois.” (Crispin Fernandes)

Bom, mas como Laquicho não era de contar papo, nunca ficou se vangloriando do seu cavalo, agora velho e bichado. Jogou um pouco de creolina, tapou o buraco com esterco e barro e soltou o animal.

Muito tempo depois, Laquicho andava no mato com a espingarda, para ver se caçava algum bicho, quando viu uma árvore andando. Meio assustado, quis ver o que era aquilo. Vai daqui, vai dali, foi ver era uma árvore no lombo do cavalo. Foi uma semente de figueira que estava no estrume, nasceu e já estava com quase três metros de altura, e o cavalo carregando a árvore. (Jenoel Capilé)

Continuando a caçada, Laquicho perdeu um veado muito rápido

Depois que deu um jeito naquele cavalo que carregava uma árvore no lombo, Laquicho continuou a sua caçada.

Laquicho já sabia, de ter ouvido falar, que mais ou menos onde se encontrava era a morada de um veado muito rápido, tão rápido que ninguém ainda o abatera. Deu certo que

naquele dia Laquicho estava acompanhado por um cachorro muito ligeiro e parece que quando as coisas têm que acontecer, não há o que impeça. O cachorro encontrou o rastro do tal veado, e Laquicho logo o soltou em seu encalço. E o cão saiu latindo. O veado logo ganhou uma distância boa, mas a sorte é que ele não corria muito longe, sempre fazia curvas e voltava a passar no mesmo lugar. Numa dessas passagens, Laquicho errou o tiro, coisa que era difícil de acontecer, o que prova que o veado era mesmo muito rápido. O pior é que ficou sem munição.

Mas Laquicho nem pensou em desistir da caça e continuou à espera, estudando os caminhos que o veado fazia. Já na boca da noite, pegou um facão, posicionou-se atrás de uma árvore e ficou na espreita. Quando o veado passou, vapt, desferiu o golpe. Mas o veado era tão rápido que quando o facão baixou, não o encontrou; a vítima fora o seu valente cachorro, que vinha logo atrás, e foi cortado ao meio.

Meio desesperado, Laquicho catou umas ervas cicatrizantes que ele conhecia e que tinha por ali, fez um curativo e amarrou bem as duas partes do cachorro. Colocou o cachorro num saco e amarrou bem a boca para que ele não saísse enquanto não estivesse bom; só deixou a cabeça do cachorro pra fora. Então seguiu de volta para casa.

No outro dia bem cedo, teve que se ausentar, ficaria fora de casa mais ou menos um mês. Por isso pediu para Melica que tratasse com boa comida e água aquele seu cachorro de estimação.

Depois de um mês, Laquicho voltou para casa. A primeira coisa que fez foi abrir o saco para ver como estava o cachorro.

Tudo bem, as duas partes haviam colado, só que, na pressa, Laquicho colou errado, e o cachorro ficou com duas pernas pra cima e duas pra baixo. Aí sim que o cachorro ficou melhor ainda: quando cansava de correr de um jeito, virava e corria de outro. (Jenoel Capilé)

A outra do relógio

Com certeza, o leitor se interessará em saber onde esteve o Laquicho durante o mês em que deixou o trato do cachorro cortado ao meio sob a responsabilidade de Melica: ele foi atender ao pedido de uns amigos, para caçar uma onça que estava fazendo muito estrago na região do Carumbé. Mas antes de contarmos o episódio da caçada, o leitor deverá saber que na viagem de ida ao Carumbé, Laquicho perdeu novamente o seu relógio.

Laquicho saía bem cedo de casa e lá pela hora do almoço, resolveu dar pasto aos bois e fazer a sua sesta. Como a carreta estava vazia e a parada seria rápida, nem chegou a desatrelar os bois. Como era dia de muito calor, tirou o relógio, aquele que já havia perdido uma vez, mas recuperara. Tirou também a roupa, o sapato e colocou tudo na grama. Tomou um banho, vestiu-se, subiu na carreta e seguiu viagem. Só no outro dia, lembrou-se do relógio.

Na volta do Carumbé, resolveu parar no mesmo lugar para ver se encontrava o seu relógio, alíás, uma peça muito estimada.

Não é que o relógio estava no mesmo lugar onde o tinha deixado? Pegou-o e levou um grande susto: ele estava marcando a hora certinha. Como poderia ser uma coisa dessas se o relógio era daqueles de corda? Depois de muito matutar, Laquicho descobriu do que se tratava: havia deixado o relógio bem na boca de um buraco que era morada de uma cobra enorme. Então,

toda vez que a cobra entrava e saía do buraco, sem querer, dava corda no relógio. (Miéli Leite Farias / Atílio Torraca Filho)

Duas onças com um tiro

Se o leitor já nos permitiu contar como Laquicho achou o seu relógio pela segunda vez antes que contássemos a história da caçada no Carumbé, também nos permitirá contar como ele adquiriu fama como caçador de onças.

Uma das filhas do Laquicho contou-nos que, certa feita, na fazenda Lagoão, Laquicho *“matou uma onça pintada que andava comendo porcos e depois de uns dias, matou uma outra onça parda que estava numa árvore e quase lhe caiu em cima”*. (Ilda Freitas Arriola)

Enquanto a filha nos contava essa história, chegou um neto do Laquicho, Nielson Cristian Sorensen, que, como o leitor logo perceberá, puxou ao avô. Nielson lembrou à tia que não foi com diferença de dias que as onças foram mortas. Na verdade, Laquicho matara ambas no mesmo dia e com uma única bala. É que ele tinha uma única bala no revólver, então, pensou: *“Se atiro na parda, a pintada me come; se eu atirar na pintada, a parda me come.”* O que ele fez? Pegou o facão, enterrou o cabo dele no chão e ficou esperando. Quando as onças partiram para o seu lado, atirou no fio do facão e a bala se partiu ao meio: metade entrou na cabeça de uma onça e metade na cabeça da outra. Morreram as duas duma vez.

Um outro neto do Laquicho, o Miéli, confirmou, tintim por tintim, essa história. (Nielson Cristian Sorensen / Miéli Farias)²⁵

Enfim a caçada... com cachorros amarrados

Laquicho chegou na região do Carumbé, hoje distrito de Itaporã, onde fora chamado para matar uma onça que andava comendo muito bezerro, carneiro, potranco. No dia seguinte a sua chegada, saiu para a caçada, mas foi meio desprevenido de cachorro, levou somente dois cachorros pequenos. Os cachorros eram bons, mas, sendo pequenos, a onça corria, corria e os cachorros não conseguiam acompanhar a corrida do bicho. Logo, ele não conseguia matar a onça. Muito esperto, Laquicho resolveu a parada: amarrô um cachorro nas costas do outro e soltou na batida da onça; aquele que ia correndo, quando cansava, deitava, virava, e o outro que estava em cima continuava a corrida...Com três dias, pegaram e mataram a onça. Se alguém duvidar da história, é só ir à casa do Nielson Cristian Sorensen: além de nos contar essa história, ele garante que tem o couro guardado até hoje.

Briga de onça com sucuri

Um belo dia, Laquicho, acompanhado de toda a sua família, foi a uma festa num vizinho próximo. Não estamos certos se era o casamento de uma filha ou uma festa junina. De qualquer modo, era uma festa, a principal diversão naquela época. Como lembrou um de nossos entrevistados, com um suspiro de saudade,

“Ah! festas! Eram boas porque antigamente era o seguinte...era muito folgado, nada valia. Todo mundo tinha fartura, hoje que é aquela correria danada, mas assim, você tinha um vizinho daqui tantas léguas, você saía daqui, ia lá, se chegava lá às vezes lá tinha duas, três, quatro moças. Quando nem esperava, outro vizinho vinha lá... Olha! Fulano vem chegando aí de carreta, ou a cavalo. E o pessoal naquela época era muito folgado, porque não tem a correria de hoje, né? Depois chegava, ficava quatro, cinco dias, numa casa. Então, durante, naquele

²⁵ Como já alertamos anteriormente, deixemos que o leitor opte pela versão que lhe pareça melhor. Afinal, estamos vendendo o peixe como o compramos.

tempo que tava ali era festa: carneava uma vaca, já tinha músico, arrumava um músico... era violão e sanfona (...) Era divertido...” (Idalino Arriola)

Se fosse festa junina,

“... havia fogueira ...Reunia todo o povo. A gente passava nas brasas depois da meia-noite....a gente tirava o sapato e passava na brasa de pé no chão. E não queimava. É, isso era uma fé... muita gente naquela época passou nas brasas porque tinha certeza que não queimava. (...) Nessas festas havia pé-de-moleque, rapadura, queijo. Aí tinha baile, todo mundo vestido de caipira. Cada um procurava ficar mais caipira que o outro. Era calça remendada na... na.. bom, como a agente diz remendada no joelho, era camisa rasgada, era o chapéu de palha todo pintado, a gente é...fazia bigode de carvão, e tudo isso. E aí ia dança, né? (Miguel Ângelo do Amaral)

Qualquer que fosse o motivo das festas, com certeza, elas deixaram saudades: *“Ah! as festas eram boas: era baile, era churrasco, era doce, tudo o que era coisa. Durava dois, três dias, o povo festejando, dançando, brincando. Era aquela maior alegria.” (Ilda Freitas Arriola)*

Mas o leitor já deverá estar se perguntando: o que tem a ver uma briga de onça com sucuri com todas essas festas? O certo é que no dia da festa no vizinho, o Laquicho não estava a fim de festar. Talvez algum trabalho no sítio o preocupasse. Então, já noitinha, falou para Melica: *“Vocês pousam aqui que eu tenho que ir para casa.”* E foi.

Como o sol estava entrando, resolveu pegar um atalho que passava por uma matinha. Já conhecia bem esse caminho, por isso foi embora. Quando estava atravessando a pinguela, viu uma onça bem na sua frente. Quis voltar, mas uma sucuri já o aguardava na outra ponta da pinguela. Parou no meio, a onça vindo dum lado, a sucuri do outro. Quando as duas atacaram, o Laquicho, mais do que depressa, se jogou n’água e desceu correnteza abaixo, sem poder assistir a essa briga entre a onça e a sucuri. (Arino Braga do Amaral)

Caçando e pescando ao mesmo tempo, graças à cachorra Maiada

Como o leitor deve ter percebido, outra diversão daqueles tempos eram as pescarias, estas mais reservadas aos homens, em razão das dificuldades que apresentavam: *“Íamos a cavalo... quando muito pousava na beira do rio e noutra dia voltava,... levava uma carne pra assar ou levava... uma galinha, fazia uma farofa, fazia essas coisas, né? Uma matula como dizem...matula, quando se ia viajar antigamente era matula ...”* (Idalino Arriola)

“A pesca era uma diversão, tinha muito peixe aí no rio Dourados mesmo, tinha peixe, só que era difícil porque você, pra você sair daqui tinha que sair a cavalo, ir até o rio, né? Tinha que dormir lá, e mosquito, pegava maleita. Pegava muita maleita.. Pra pescar naquele tempo não tinha linha de náilon, era um cordinha encerada ou então aquelas linhas cordoné, aquelas linhas, encerava, passava cera pra ficar mais forte” (Abigail Capilé Pizzini / Joel Pizzini)

Que havia muito peixe na região, parece não haver dúvidas. Dourados não tem esse nome à toa. A cidade tomou o nome emprestado ao rio dos dourados:

“O rio Dourados ... foi dado o nome de rio Dourados porque justamente era peixe que mais dava porque ele era um rio de corredeiras. Então dava mais o dourado [nos anos 70, o rio Dourados deixou de ser piscoso por causa da ação dos agrotóxicos] e hoje ele está voltando a dar peixe graças à ação do INAMB. Então ele passou a dar mais peixe hoje que há uns dez anos atrás e o Rio Brilhante era um rio, é um rio mais calmo, né? Então ele dá mais pintado do que dourado. Agora o dourado deu muito grande. Deu dourado de até 22 quilos, coisa impressionante. Eu mesmo já cheguei a pegar um dourado aí que quase me arrancou da canoa, muito grande mesmo.” (Miguel Ângelo do Amaral)

Como se pode notar, o rio Dourados foi, e continua sendo, muito importante para a região, especialmente para Dourados. Além de fonte de diversão (as pescarias), nas suas margens se fazia muito plantio de arroz. Logo após a colheita, na palhada, encontrava-se em grande quantidade uma ave cuja carne é bastante apreciada, a perdiz.

Pois foi numa dessas palhadas que Laquicho foi caçar certo dia, levando a sua perdigueira Maiada, uma cachorra cujo faro nunca se viu igual. Ela não somente amarrava a perdiz como a atraía, era impressionante.

Por volta das cinco e meia da tarde, o sol já estava se pondo, quando o Laquicho estava beirando o rio. Foi quando Maiada levantou uma perdiz, e Laquicho atirou. Quando a perdiz caiu, caiu dentro do rio. Maiada, que nunca havia deixado uma perdiz pra trás, pulou n'água.

Laquicho gritou, assobiou, chamou a cachorra de volta e nada. Então foi descendo, quebrando mato no peito, seguiu, seguiu... e nada. Depois de ter andado mais ou menos um quilômetro, concluiu que cachorra havia mergulhado e morrido.

Em casa, contou a história e ninguém se conformou. Foram todos deitar, mas Laquicho e Melica não conseguiram pegar no sono, lastimando a perda da Maiada. Meia-noite, mais ou menos, escutaram um arranhado na porta. *“Esse arranhado é da Maiada”*, disse Laquicho. Levantaram, foram ver, pois não é que era mesmo a cachorra? Ela estava na porta, com um peixe ainda vivo na boca, um dourado de mais ou menos uns oito quilos. Quando cortaram o peixe, perceberam tudo: lá dentro, na barriga do dourado, estava a perdiz. (Jenoel Capilé)

Em 32, a coisa ficou dura

A Revolução Constitucionalista de 1932 inspirou uma bela história para o Laquicho. No mesmo ano de 1932, houve também uma iniciativa em Dourados, que é muito pouco conhecida: Armando Campos Belo criou uma indústria extrativista na região, porque na mata de

Dourados havia muitos laranjais nativos, especialmente na região de Indápolis e Itaporã. O trabalho consistia em extrair um óleo que se chamava *petit grain*, pois inclusive dos pequenos grãos das laranjinhas saía o extrato. O sistema era o seguinte: tiravam-se os ponteiros das laranjeiras, onde estavam os pequenos grãos, colhiam-se as folhas, no mesmo sistema da erva-mate. Cortava-se o raminho, enfardava-se e carregava-se nas costas até o rancho, onde o óleo era preparado. O material colhido era colocado nos alambiques, em caldeiras próprias, e destilado. Na destilação, o óleo era separado; ele era usado especialmente como fixador de perfume. (Armando Campos Bello)

Em 1937, Armando Campos Bello deixou a cidade de Entre-Rios, hoje Rio Brillhante, para explorar os laranjais nativos de Itaporã:

“Era sertão naquele tempo, da Rua Weimar Torres atual pra lá era mato, perobal... Então eu me metia nessas matas e fui trabalhar num lugar justamente em Itaporã, que dividia com a fazenda do Dr. Camilo, que é onde eu conheci o Laquicho. Porque ele era mineiro e tinha os costumes lá, como eu também mineiro. Então lá eu ia comprar as coisas apropriadas pra meu uso pessoalmente, porque a comida no rancho era pesada, né? Só na base de carne, mandioca, milho cozido, sistema paraguaio, né? Eu comia junto com eles, logicamente, mas de vez em quando eu ia lá na fazenda buscar uma comida diferente, queijo, leite, essas coisas assim, eles faziam muito bem os queijos, faziam farinha muito boa e depois disso eu fui estabelecido aqui, eles sempre traziam pra mim farinha e queijo”.

Na coleta dos *petit grain*, Campos Bello empregava três ou quatro homens:

“O sistema de trabalho naquele tempo aqui era sistema de adiantamento, sem adiantamento não tinha ninguém. Mas trabalhava religiosamente, pagava a conta, vinha novamente fazer outro adiantamento. Gastava aí estupidamente, na farra, jogateiro, mulheroio, essas coisas todas, muitas vezes eu tinha que tirar da cadeia pra mandar pro serviço.”²⁶

²⁶ Os gastos feitos na cidade pelos paraguaios são confirmados por Ercília de Oliveira Pompeu: “Quando era dia de pagamento, os paraguaios chegavam na nossa loja cada um com dois revólveres 44 na cintura, aquele horror, mas nunca você ouvia uma discussão, um tiro, um desentendimento, nunca houve, nunca houve uma briga, um assalto.(...) Recebiam...o habilitado fazia o pagamento, descontava o que eles gastaram durante o mês... então fazia o pagamento e eles iam comprando, quando voltavam para o rancho, todo mundo a cavalo, não tinha mais dinheiro nenhum, tinha ficado tudo...”

O que nos interessa da história de Armando Campos Bello é o fato dele ter explorado os laranjais nativos justamente na divisa da fazenda Lagoão, de propriedade do Dr. Camilo, aliás, administrada pelo Tonho, filho mais velho do Laquicho. E isso em 1932, quando Laquicho e Melica também estavam morando na fazenda. Inclusive, Campos Bello diz que conheceu o Laquicho lá.

Num certo dia lá de 1932, numa época em que a situação estava tensa, Laquicho veio a Dourados. Segundo João Palhano,

“Aqui era aquela correria, era pegarem cavalo, era... até faziam abuso, a gente pode dizer assim, não é? Que aqui em casa, na chácara, morava um paraguaio com nós, eles entraram na casa do paraguaio, contava ele, não é? que ele tinha vinte mil réis no baú, diz que levaram os vinte mil réis dele, levaram um revólver, levaram um ... tudo... eles entravam assim, nas casas e eles não tinham, como o senhor sabe...”

João Palhano contou-nos que Nestor Muzzi, filho de João Vicente, era um dos constitucionalistas de 32, lembrando-se, inclusive, de tê-lo visto, certa ocasião, passar a galope, muito bem paramentado, com seu chapéu panamá e o tradicional lenço azul arrarrado ao pescoço tremulando ao sabor do vento. Porém, nunca chegou a haver algum choque mais sério: *“... tinha aquela divergência, mas aqui mesmo não chegou a brigarem, a terem atrito, não, era só uns dum lado, outro do outro e vai pra aqui, e quando um chegava o outro saía, mas aqui em Dourados eles passaram sem acontecer nada.”*

De qualquer forma, o que se sabe é que Laquicho ficou retido na casa de Pedro Palhano durante alguns dias, em razão de um dos confrontos entre os grupos rivais. Foi num desses dias que ele deixou uma de suas histórias mais sutis e picantes.

Laquicho pediu para Pedro Palhano que levasse notícias suas para a família. O amigo perguntou o que é que ele queria que dissesse. Foi quando o Laquicho lascou: *“Olha, diga pra a Melica que eu estou aqui, tô bom, mas a coisa tá dura...”* (João Palhano)

A grande tormenta

Enquanto Laquicho esteve hospedado na Chácara Jaguapiru, Pedro Palhano contou-lhe que, certa manhã, quando passava pelo cerradinho do João Rosa, hoje o bairro Jardim Água Boa, em Dourados, percebeu que, provavelmente na noite anterior, havia acontecido uma tormenta muito grande por lá. Coisa impressionante! Diziam que uma ventania nunca vista! O que mais o admirou foi a quantidade de papagaios pelo chão, uns com asa quebrada, outros mortos. Muitos estavam com os pezinhos grudados nos galhos, porque o vento foi muito forte e eles foram levados com galho e tudo. (João Palhano)

Laquicho escutou a história em silêncio. Depois, como uma coisa puxa a outra, lembrou-se de uma tormenta que houve numa noite, lá em Minas.

Ele levantara bem cedo e ordenara ao filho Tonho que puxasse um balde de água do poço, um poço muito bom, de uns quinze metros de fundura. Estava fazendo frio e, para lavar o rosto, preferia a água do poço que é mais morninha que a amanhecida.

Na beira do poço, o rapaz soltou o balde, mas o balde não desceu até o fundo. Vai daqui, vai dali e nada. E o Laquicho já estava ficando irritado com filho, pois a água pedida nunca que chegava.

“- Não dá pra tirar água, pai, o poço secou.” – falou o Tonho.

“- *Imagine*, disse o Laquicho, *um poço bom desse não secaria nunca*”, e foi lá verificar.

Ele próprio largou o balde pra tirar água, o balde caiu, blum-blum-blum, blum-blum-blum, batendo nas bordas. Ele estranhou aquilo.

Depois de muito estudar a situação, de ver direitinho o que havia acontecido, Laquicho concluiu que a tormenta ocorrida na noite passada fora tão forte que deu um redemoinho, ele entrou pelo poço adentro e entortou-o. Como o poço havia entortado, não houve como puxar a água. (João Palhano / Jenoel Capilé)

Para ir às pequenas compras, usava-se o cavalo

As distâncias na época do Laquicho eram maiores, ao menos pareciam maiores, por causa da precariedade dos meios de transporte. Usava-se muito o carro de bois, como o leitor já pôde perceber, e se a viagem demorasse mais que um dia, as pessoas se preveniam levando carne e arroz, afinal, esse são os ingredientes básicos para se fazer um belo carreteiro. Eis aqui a receita:

“...a carne, nós chamamos ela de charque, cortava em pedacinho, fritava bem fritinha, põe o arroz e frita o arroz até ficar bem soltinho na panela. E põe água fervendo nele, só enquanto encobre o arroz, abafa ele depressa pra não sair ar. Ele dá aquela fervura, seca. Agora, nosso fogão tinha uma graduaçõzinha, nós suspendia um pouco a panela, então ela cozinhava só no bafo, fica um arroz soltinho, amarelinho e cria uma rapa no fundo. Aquele que era o arroz carreteiro falado. Agora, podia pôr, além da carne, mandioca, se tivesse um queijo bem sequinho, a gente cortava uns quadradinho e punha ali dentro...” (Crispin Fernandes)

“... o fogão referido é chamado de mariquinha e consiste num tripé de cuja ponta desce um ferro com um gancho na ponta e vários ganchos menores nos lados, uns mais baixos outros mais altos, onde se encaixava o cabo do caldeirão de acordo com a necessidade de calor” (Crispin Fernandes)

Quando as pessoas da zona rural iam para a cidade, procuravam prevenir-se com tudo que poderiam precisar lá na roça, por exemplo, fósforos e medicamentos. Numa única loja, encontravam-se todos os produtos, quer dizer,

“Tinha as lojas que era tipo de bazar, tinha todo tipo de coisa, vendia remédio, vendia tecido, vendia fumo, vendia revólver, vendia bala, vendia de tudo (...) Meu avô era farmacêutico, o Major Capilé, e a farmácia dele era...uma parte era farmácia e a outra parte era de comércio. Vendia pinga, vendia de tudo o que aparecia (...) E o Major Capilé além de ser farmacêutico, ele extraía dente, ele fazia de tudo.” (Abigail Capilé Pizzini)

Laquicho também fazia grandes compras na cidade, mas às vezes acontecia algum imprevisto e era necessário fazer uma viagem rápida, para buscar alguma coisa. Então arreava o cavalo, saía bem cedinho. À tarde, já estava de volta.

Pois bem, numa dessas suas viagens rápidas, na hora do sol mais quente, Laquicho parou numa aguada, desarreou o cavalo e amarrou-o, para que pastasse. Encostou a cartucheira de dois canos na árvore (sob a sombra da qual pretendia deitar) e tratou de comer o que Melica colocara na matula. Foi quando ouviu um barulho, uma corrida danada. Era um bando de queixadas que, deixando um capão de mato, atravessava um campo aberto, para entrar em outro capão logo adiante. Laquicho pegou a espingarda, pulou no lombo do cavalo, cortou a corda que o mantinha amarrado e disparou pro lado dos bichos. Deu um tiro, matou uma. Deu outro tiro, matou outra. E agora? Como ele ia matar o resto? Então ele arrancou o estribo e meteu-o nas cabeças das queixadas, matando uma porção... (Albino Moraes Sobrinho)

Cavalo de costume esquisito

Com certeza, parentes e amigos da cidade ficaram satisfeitos com a caça trazida pelo Laquicho. Claro que estranharam um pouco a história: Laquicho não havia desarreado o cavalo? Não montara em pêlo? Como podia ter usado o estribo para matar os bichos?

Tirando esse detalhe, a verdade é que o cavalo quase não suportou tanto peso; era muita queixada. Mas conseguiu, afinal, era um cavalo muito bom, muito forte... se bem que tinha um defeito: sempre que podia, ia debaixo do poleiro das galinhas, esticava o pescoço e comia as pobres das aves enquanto dormiam. Laquicho teve que subir o poleiro das galinhas, para o cavalo não as alcançar. (José Ribeiro Martins)

Chuva pesada

Região de mata, o leitor bem sabe, apresenta chuvas regulares. Chove muito e chove forte. Não é de duvidar, portanto, que chovesse muito na região de Dourados. Tínhamos tanta mata e no meio dela tantos ervais que uma grande companhia arrendou do Estado a exploração da erva-mate:

“A Companhia Mate Laranjeira era arrendatária de todas as nossas terras aqui ... porque a erva-mate é nativa da região. Então, na virada do século, a Companhia Mate Laranjeira arrendou do Estado do Mato Grosso essas terras devolutas aonde existiam os ervais (...) A gente foi comerciante... nós fornecíamos pros ranchos....em cada rancho tinha um habilitado. Tinha Dom Handerson, Dom Paiva, Dom Galhardo....administradores que eles chamavam habilitados... eles mandavam uma ordem para atender aqueles paraguaios, porque só paraguaios trabalhavam na elaboração da erva-mate. Então vinha uma ordem... a nossa loja só fornecia e guardava aquela ordem e o habilitado guardava o canhoto. (...) quando a lancha vinha da ...Argentina pelo rio Paraná e descia o rio Dourados e vinha trazendo o pagamento em libra esterlina. Em libra esterlina era feito o pagamento. Nós recebíamos então o pagamento daquele mês que fornecia aos ranchos da Companhia Mate Laranjeira; nunca tivemos um prejuízo, recebemos integralmente tudo o que foi fornecido em libra esterlina. Em 1924 uma libra esterlina custava

vinte e cinco mil réis, era o valor de uma vaca. Meu avô comprava uma vaca e pagava com uma libra.(...) O habilitado vinha, despejava as libras em cima do balcão e meu avô contava, formava os canudinhos e contava, abria uma gaveta do balcão, recolhia aquelas libras e ia acertar o outro rancho. Depois esse dinheiro era encaminhado para o Banco do Brasil em Campo Grande, as carretas levavam, não havia assalto...Então nós tínhamos umas caixinhas de sabonete Matarazzo, umas caixinhas azuis, eu me lembro tão bem, cabiam três fileiras de libras certinha em cada caixinha, tinha mais ou menos umas vinte caixinhas daquelas, então faziam saquinhos, colocavam as caixinhas, meu avô entregava pro carreteiro e dizia: ‘Olha aqui, esse pacote você leva tantos contos de réis em libra, que é pra depositar no Banco do Brasil.’ O carreteiro então levava, sempre era uma frota, né? Dez, doze carretas, eles iam juntos, um comboio (...) Nunca deu uma diferença, nunca extraviou, o pagamento era feito assim. (...) Em 1922, 23, 25 até 28, 1929, ainda a companhia Mate Laranjeira estava nesse auge. Aí fundou Campanário, o movimento já era feito lá, porque Campanário foi uma cidade miniatura, tinha tudo, hospital, colégio, bons hotéis, um armazém muito grande e essa mercadoria vinha toda da Argentina. Nós usávamos farinha de trigo, tudo de primeiríssima...” (Ercília de Oliveira Pompeu)

Não sabemos se foi no comércio do avô de Ercília Pompeu que o Laquicho fez a sua compra naquele dia do encontro com as queixadas. O certo é que, voltando das compras na cidade, topou com um vizinho, também montado a cavalo, que voltava de uma longa viagem. Puseram-se a conversar animadamente, Laquicho colocando o amigo a par dos últimos acontecimentos, o vizinho contando as coisas que vira na região onde estivera.

Foi indo, foi indo, passaram por um córrego e o vizinho estranhou:

“- Ué, seu. Laquicho, parece que nesse corgo não tinha aquelas pedras ali!

“- Pois é, vizinho, falou o Laquicho, é que nesses dias que você esteve ausente deu uma chuva muito grande, uma chuva tão grande, tão pesada, mas tão pesada que o córrego baixou e então as pedras apareceram.” (Arino Braga do Amaral)

A onça e o gaúcho

Já nos referimos, no início de nossa narrativa, a uma vaga de migração nordestina e gaúcha acontecida no final do século XIX e início do século XX.

“Os primitivos daqui eram descendentes de gaúcho, esses gaúchos mais antigos, como a família Matos. E também vieram de Minas Gerais, como é o caso do Laquicho e a família Azambuja, Almeida, Torraca... Depois veio essa colonização de famílias nordestinas, os paranaenses, mineiros, paulistas migraram muito pra cá, mas a fim de formarem fazenda, de se dedicarem à pecuária. Mas quando se criou a Colônia Federal, aí estourou o progresso de Dourados.” (Ramão Adolfo Torraca)

Mais recentemente, duas grandes vagas de migrantes mineiros e gaúchos causaram profundas transformações em Mato Grosso do Sul e especialmente em Dourados. Deixemos que um de nossos entrevistados explique o significado desse movimento para a região:

“Getúlio Vargas, no governo dele, deu apoio às famílias nordestinas, que migraram para cá e que hoje taí essa imensa colônia federal (...) Ao povo do Nordeste...a eles nós agradecemos esse progresso que hoje temos... Depois veio o gaúcho, o gaúcho já é uma migração mais nova, né? É de uma certa época pra cá que, portanto, os gaúchos dispensam as terras de mata, eles querem campo, né? Os gaúchos vieram de 70 pra cá. Essa migração de gaúchos... nós chamamos o gaúcho branco...mas eles têm muita cruz a alemão, polonês, italiano, que de gaúcho mesmo só tem o nascimento, que o sangue dele mesmo é estrangeiro.” (Ramão Adolfo Torraca)

Ramão Torraca, ao falar que o gaúcho branco dispensa terra de mata e quer campo, refere-se à época em que aconteceu a expansão da cultura da soja, no início dos anos 70. Com técnicas apropriadas para plantar nas terras menos férteis, as chamadas terras de campo, os gaúchos aproveitaram o baixo preço dessas terras em relação às de mata e provocaram uma verdadeira revolução agrícola na região. Alguns vendiam suas pequenas propriedades no sul, para comprar áreas maiores na região de Dourados; outros vinham somente com a cara e a coragem, arrendavam grandes áreas e, com os lucros obtidos, iam adquirindo a sua propriedade.

Portanto, o Laquicho deve ter se estranhado com algum gaúcho descendente dos primeiros migrantes que se estabeleceram na região, haja vista que ele faleceu em 1946. Em nossas entrevistas, nunca ouvimos falar que Laquicho tivesse algum tipo de preconceito, seja de raça, cor ou religião. Conseqüentemente, estranhamos a peça que ele pregou no tal gaúcho. Por isso, levantamos a seguinte hipótese: talvez o gaúcho dessa história estivesse interessado em alguma das filhas do Laquicho e ele, para se ver livre do pretense genro, aprontou esta.

O leitor já deve ter percebido que, em vários causos contados, aparecem expressões do tipo “*Laquicho não tinha nem um canivete no bolso*”. Naquela época, praticamente todo mundo usava algum tipo de arma:

“...aqui um respeitava o outro pelas armas. Eu cheguei aqui, não conhecia nem revólver, aqui também logo tive que usar revólver, né? Só que procurava usar ocultamente, né? E aqui ninguém fazia causo, andava até com ele bem à vista. (...) Em toda a parte. Andava armado, todo mundo andava armado. Um bom revólver, uma boa charqueadeira, né?” (Armando Campos Bello)

“Mesmo pra ir nas festas os moços iam armados Às vezes o dono da casa recolhia as armas. Todo mundo era armado e tinha um revólver. Todo mundo se respeitava. O revólver era considerado uma peça de enfeite. (...) Em muitas vezes costuma-se dar uma salva, os moços pediam licença para o dono, iam lá fora e descarregavam as armas dando tiros para cima. (Crispin Fernandes)

“Nas carreiras a gente ia de revólver na cintura, era amigo da autoridade, quando tinha autoridade era inspetor, e ele não proibia, se fosse no causo que ele precisasse ao povo, tava tudo ao lado” (José Augusto de Matos)

O Laquicho, no entanto, não acompanhava a maioria; somente levava arma, normalmente espingarda, quando ia caçar ou quando tinha a perspectiva de encontrar algum bicho em seu caminho.

No causo do gaúcho, Laquicho saiu com ele mato afora, sem nem sequer um canivete no bolso. E o gaúcho só gostava de matar onça. O tal gaúcho ia andando na frente e só

falava de matar onça. E o Laquicho desconfiado dele... muito prosa, né? Lá adiante, havia duas árvores muito grossas e um vãozinho entre elas, pequenininho assim. O Laquicho foi indo e no vão daquelas árvores, viu alguma coisa se mexendo. Fez sinal para o companheiro ficar quieto e foi devagarinho espiar: era uma onça que tinha se deitado lá, e o rabo ficou entre as árvores.

Era uma onça muito grande, uma pintada enorme, e o rabo se mexendo. Laquicho chegou perto, pegou no rabo do animal e deu um grito. A onça foi lá em cima e voltou cá para baixo, e ele gritando. E o gaúcho gritando: *“Larga, larga... vai te comer!”* Que nada! O Laquicho agüentou firme. A onça virava, se contorcia, mas não o alcançava. Como as árvores eram muito grossas, a pintada virava pros lados e não o alcançava, só arranhava a árvore.

Foi, foi, até que a onça cansou. Então Laquicho falou pro gaúcho: *“Vai, gaúcho, vai buscar uma foice... um machado lá pra nós mata essa onça.”*

“- Não vou, chiru, não vou. Pode ter outra aí...anda de casal... não vou.”

“- Então segura aqui que eu vou lá buscar. Segura, fica segurando aí, gaúcho, tá cansada, pode ficar aí que tá cansada.”

Laquicho largou o gaúcho segurando a onça e foi embora pra casa. Não voltou. O gaúcho não apareceu mais. Não se sabe o que foi feito dele: se foi comido pela onça ou se deu no pé. O certo é que nunca mais voltou. (Albino Moraes Sobrinho)²⁷

²⁷ Numa outra versão, contada por Atílio Torraca Filho, Tonho, o filho mais velho do Laquicho, substitui o gaúcho. Laquicho teria segurado a onça pelo rabo e mandado o Tonho buscar uma machado para matá-la. Com medo, o filho teria se recusado a obedecê-lo, ouvindo do pai o seguinte: *“Você parece que só é filho da Melica.”*

Uma história verdadeira

Esta, o leitor me perdoe, mas é verdadeira, foi contada pela própria filha do Laquicho, Ilka. Um dia Laquicho pegou uma sucuri que estava dormindo. Ele ficou muitos dias só vigiando, até que pegou a sucuri dormindo. Então ele amarrou-a com um cinto e levou-a para casa. Lá pôs a cobra numa caixa grande, depois colocou-a no carro de boi e trouxe-a para Dourados. *“Eu morava, diz Ilka, a filha do Laquicho, onde hoje é as Casas Pernambucanas [em frente à Praça Antonio João], ele botou a sucuri no meu quintal, mandou fazer uma gaiola grande de madeira. O senhor sabe que juntou tanta gente para ver a sucuri lá.”* Um detalhe: quando o Laquicho pôs a sucuri na caixa, colocou junto uma galinha. Ele receou que a sucuri comesse a galinha, mas arriscou e saiu bem, porque a sucuri não comeu a galinha. Só que quando Laquicho foi passar a sucuri da caixa para a gaiola que havia feito, a galinha saiu correndo tanto e tão assustada (só vendo o estado dela) que entrou debaixo da cama. O Laquicho ficou com tanto dó da galinha que falou: *“Essa agora vai morrer de velha”*, e levou-a de volta para a fazenda. (Ilka de Freitas Farias Rios)

A extrema-unção

Já velho e adoentado, à beira da morte, Laquicho recebeu a visita do padre Gino, que lhe concedeu a extrema-unção. Assim que o padre saiu, Laquicho manteve o seu bom humor e, brincando com a própria morte, disse aos presentes, dentre os quais Emídio Rosa e João Augusto Capilé, que *“essas missinhas, lá em Minas, eu mesmo fazia quando o padre mandava.”* (Joel Pizzini)

Onça de todo lado

Recebida a extrema-unção, o leitor logo imaginará que daí um pouco o Laquicho morreu e acabou-se nossa história. Não é bem assim. Ele próprio teve o cuidado de armar as circunstâncias de sua morte.

Consciente de que a idade havia chegado, Laquicho deixou de freqüentar as festas, abandonou as caçadas, as viagens. Ficava o tempo todo em casa.

Uma tarde, estando a família ao seu redor, ele contou que certo dia perdeu-se na mata. Andou, andou, até que encontrou um rio. Caída sobre o rio, havia uma árvore que servia de pinguela. Começou a atravessar aquela pinguela. Quando estava chegando do outro lado, eis que deu de cara com uma onça. Voltou-se e encontrou outra...

“- E daí, pai, perguntaram os filhos, o que houve?”

Laquicho pensou um pouco e com a voz embargada, os olhos lacrimejantes, respondeu:

“- As onças me comeram, uai!” (Armando Campos Bello / Honório Almirão / Ilka

Leite Farias Rios)

NOSSOS ENTREVISTADOS

ABIGAIL CAPILÉ PIZZINI: nascida em São José da Boa Vista, Paraná, em 13 de março de 1909, veio para Dourados em 1918. Conheceu Laquicho pessoalmente no casamento de seu filho Realino. Foi entrevistada em 9 de janeiro de 1987 por Márcia Tieme Shiraishi. Neta de outro grande contador de causos, o Major Capilé, Abigail Capilé demonstrou um jeito muito especial para (re)contar os causos de que se lembrou. Vejamos, por exemplo, o caso do relógio: *“Então...uma vez ele fabricou um relógio, e não sei qual é o material, se ele fez de uma raiz de mandioca ou de um pedaço de madeira, não sei do que. E a corda ele fez de palha de milho...”* Quer dizer, enquanto o ouvinte prende-se ao detalhe absurdo sobre o material da caixa do relógio, a entrevistada guardou o inusitado maior para o final da descrição do relógio: a corda era de palha de milho!

ALBINO MORAES SOBRINHO: seu Bino nasceu em Dourados em 1911. Foi entrevistado no dia 28 de novembro de 1996 por Wilson Valentim Biasotto. Conheceu pessoalmente o Laquicho, testemunhando inclusive a sua criatividade em inventar na hora uma história. Seu Bino é daqueles contadores de causos que se fica ouvindo durante horas a fio, sem cansaço. Contou-nos poucos detalhes sobre a história de Dourados, não que a desconheça, mas porque havia se proposto a falar sobre os causos do Laquicho. (Re)contou um caso atrás do outro, com muita competência. Fica o registro de que na (re)construção do caso *“até aqui o Laquicho vai bem”*, não contemplamos o final de sua versão da história: o seu Bino disse que,

após ter domado o potro, o Laquicho teria reclamado que na correria “*perdeu o arreio de prata completinho dele.*”

ARINO BRAGA DO AMARAL: nascido em 31 de agosto de 1950, não conheceu, portanto, o Laquicho, mas os seus pais e avós conheceram-no muito bem. Inclusive, duas tias eram casadas com filhos do Laquicho: Áurea Braga era casada com Adolfo, e Odila Braga, com Astúrio. Arino foi entrevistado em 4 de agosto de 1995 por Wilson Valentim Biasotto. Fala pausada, ar professoral, adquirido ao longo de sua carreira no magistério (atualmente o entrevistado é Diretor do Centro de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), Arino frisou que as histórias do Laquicho, ele as conheceu principalmente através da mãe e de tios que também gostavam de contar causos. Temos a obrigação e também a satisfação de ressaltar que quando Arino soube de nossa pesquisa, não contribuiu somente com os causos que sabia mas também nos levou até algumas pessoas que conheceram pessoalmente o Laquicho.

ARMANDO CAMPOS BELLO: nascido em Barbacena, Minas Gerais, em 12 de janeiro de 1907. Chegou a Rio Brilhante em setembro de 1930. Foi entrevistado por Márcia Tieme Shiraishi em 25 de outubro de 1986. Conheceu Laquicho pessoalmente. De Rio Brilhante mudou-se para Dourados e depois para Caarapó, onde foi prefeito. Em Dourados, sucedeu-lhe um caso de fazer inveja ao próprio Laquicho. Certa feita, concorreu ao cargo de prefeito. Seu adversário era Nelson de Araújo. Inconformado com o resultado negativo, recorreu à Justiça e ficou à espera da decisão. Enquanto aguardava, Nelson de Araújo governou o município de 1951 a 1955. Quando faltava apenas um dia para o término do mandato é que a Justiça, finalmente,

deu o seu veredicto: Armando Campos Bello ganhara a eleição. Que fazer? Nada! Absolutamente nada! O mandato para o qual ele se elegera havia acabado.

ATÍLIO TORRACA FILHO: nascido em Dourados, em 19 de julho de 1936. Foi entrevistado por Wilson Valentim Biasotto em 21 de julho de 1998. Conheceu o Laquicho pessoalmente, na casa de seu tio Duílio Torraca, casado com Joana Faria de Torraca, filha do Laquicho. Era um menino de dez anos quando Laquicho morreu, no entanto, lembrou-se muito bem dos traços e dos trejeitos próprios do Laquicho. Dentre suas lembranças, está o Laquicho a conversar, contando seus causos ou fazendo negócios, sempre de cócoras, encostado em uma parede. Nessa posição, ele ficava horas e horas conversando.

CECÍLIA FARIA SORENSEN: nascida em Dourados em 1916, era filha de Laquicho. Foi entrevistada em 20 junho de 1987 por Márcia Tieme Shiraishi e em 12 de setembro de 1995 por Wilson Valentim Biasotto. Como as outras irmãs, demonstrou um carinho muito especial pelo pai e ficou muito contente por ter sido entrevistada, pois, segundo ela, foi uma oportunidade de ficar recordando sobre seu pai. Pelo que pudemos perceber, ela foi a pessoa que mais se interessou em saber a origem do apelido do Laquicho. Soube explicar que seu avô queria batizar o menino com o nome de Laquicho, mas o padre não deixou. Ela deduziu que esse nome tenha origem portuguesa, já que seu avô era português. Todavia, concluiu que tem *“procurado muito saber [a origem do nome], até em dicionário eu já olhei, mas nunca pude descobrir porque esse Laquicho...”*

CRISPIN FERNANDES: nascido em Dourados, em 1919. Conheceu pessoalmente Laquicho em 1938. Foi entrevistado em 3 de junho de 1986 por Wilson Valentim Biasotto. Criterioso, disse que *“a gente só deve informar daquilo que tem noção certa.”* Contou-nos poucos causos, mas muitas histórias. Com dez anos, perdeu o pai; então, ele e um irmão de doze, foram acolhidos na Mate Laranjeira. Não faziam serviços pesados, faziam apenas o transporte de água. Eram, segundo ele, *“meio protegidos, comiam bem. Em Dourados a Mate Laranjeira tinha um rancho na altura do Parque das Nações, onde cabiam uns oito mil sacos de erva. Além do rancho haviam os ranchitos, que eram os locais onde os trabalhadores dos ervais acampavam. Aqui na região de Dourados tinha muita erva, mas tinha também muita mata de cultura.”*

ERCÍLIA DE OLIVEIRA POMPEU: nascida em Rio Brilhante, em 18 de julho de 1918. Foi entrevistada por Márcia Tieme Shiraishi em 18 de junho de 1987. Conheceu Laquicho pessoalmente. Veio para Dourados em 1919, acompanhando a família; seu avô era gerente da firma Companhia Barbosa Martins, na filial de Rio Brilhante. Sua memória é o que chamamos de memória fotográfica. Ela nos contou, não sem esconder a emoção, suas viagens a cavalo de Dourados a Rio Brilhante. *“Havia muita mata , em certos trechos parecia que estávamos passando por um túnel. Na mata escurece cedo, por volta de quatro horas da tarde já vai escurecendo, então vinham os pirilampos que pareciam realizar um espetáculo pirotécnico...”*

GASPARINA DE MATOS CARVALHO: irmã de Inácia Augusta de Matos e de José Augusto de Matos, nasceu em 1902. Conheceu o Laquicho pessoalmente quando ainda era menina. Foi entrevista por Márcia Tieme Shiraishi em 9 de outubro de 1986. Pessoa de pouco

conversa, no entanto, animou-se ao falar da união do povo de Dourados para a construção do Hospital Evangélico. *“Era mato [a quadra que foi doada para a construção do hospital, hoje zona central da cidade] e as senhoras se reuniram e tiravam dinheiro pra ajudar...quer dizer, pediam para aqueles que tinham mais.”* Mas, segundo ela, a ajuda maior veio dos Estados Unidos, com a intervenção de Ilda Bergo Duarte e do Dr. Duarte. Queremos crer que a população de Dourados conseguiu unir-se em torno da construção de um hospital, em virtude da trágica morte da esposa de Ramão Neto, em trabalho de parto.

HONÓRIO ALMIRÃO: nascido em Ponta Porã a 30 de dezembro de 1914. Veio para Dourados em 1964 ou 1965. Foi entrevistado em 29 de março de 1996 por Wilson Valentim Biasotto. Foi vereador em Ponta Porã por duas legislaturas, a primeira a partir de 1954 e a segunda, em 1959. Ainda em Ponta Porã, trabalhou na comissão de limites Brasil – Paraguai. Em Dourados, foi um dos fundadores da Associação Comercial e Industrial – ACID . Contou-nos poucos casos do Laquicho, mas muitas histórias de Dourados. Homem extremamente crítico, fez questão de deixar registrada na entrevista a necessidade de um tratamento digno para os índios da região. Também frisou que a Reforma Agrária é uma necessidade, lembrando a ação de Getúlio Vargas e a Colônia Federal.

IDALINO ARRIOLA: nascido em 6 de julho de 1923, casou-se com Ilda Freitas Arriola, sendo genro do Laquicho. Veio para Dourados em 1940, numa época em que *“não tinha caminhão, não tinha nada, não tinha transporte, a não ser a carreta, carro de boi. Então [para ir para a cidade] eram três, quatro dias, não tinha estrada, né?”* Foi entrevistado por Márcia

Tieme Shiraishi em 1º de outubro de 1986. Lembrou-se muito bem do sogro: “*Velhinho, magrinho, fumando aquele cigarrinho de palha dele*”. Contou-nos que não faltava ao Laquicho um certo ar de provocação quando suas histórias eram contadas perto da esposa. Por exemplo, o caso sobre o rapto de Melica provavelmente tenha ganhado ares de verdade porque o próprio Laquicho gostava de começar algumas de suas histórias dizendo, “*quando roubei fulana ... então a velha ficava zangada*”.

ILDA FREITAS ARRIOLA: nascida em 23 de outubro de 1919, em Dourados, é a filha caçula do Laquicho. Não foi registrada com o sobrenome do pai e sim com o da mãe, Amélia Luiza de Freitas. Arriola herdou do marido. Foi entrevistada em 1º de outubro de 1986 por Márcia Tieme Shiraishi. Ela contou-nos que seu pai trabalhava fazendo empreitadas, “*pegava um serviço aqui numa fazenda, noutra, e terminava um, entregava aquele, pegava em outra fazenda. Serviço de fazenda, andava tanto! E de lavoura era o serviço dele.*” Lembrou-se bem de que seu pai contava causos, mas poucos ficaram gravados na memória. “*Naquele tempo, ele gostava muito de caça, de pesca ...fumava e tomava café o dia todo. E quando ele tava com os amigos dele, contando as piadas uns para os outros, era fumando e tomando café.*”

ILKA LEITE DE FARIAS RIOS: nascida em Dourados, em 28 de outubro de 1911, filha de Laquicho. Foi entrevistada em 12 de setembro de 1995 por Wilson Valentim Biasotto. Deixou transparecer uma terna saudade do pai. Contou-nos que “*ele ia [nas festas], mas não dançava, ele ia para contar anedotas, conversava e acompanhava os filhos e filhas, a mamãe não era muito de festa, sabe, mas o papai gostava de levar a gente...ele tinha satisfação*

de acompanhar...muita alegria, de vez em quando ele dava festinha em casa também”. Para ela, Laquicho foi um pai exemplar: “Papai era uma criatura assim de um gênio muito bom, alegre, tanto é que nós nos criamos assim tendo muita liberdade com ele, nós brincávamos com ele de tudo, porque antigamente os filhos respeitavam muito os pais ... mas nós tínhamos liberdade...”

INÁCIA AUGUSTA DE MATOS: nascida em São Nicolau, Rio Grande do Sul, irmã de José Augusto de Matos, veio para Dourados ainda pequena, em 1901 (segundo o irmão, seria 1911), numa viagem que durou três meses. Conheceu o Laquicho pessoalmente. Foi entrevistada por Márcia Tieme Shiraishi em 9 de outubro de 1986. Demonstrou extremo bom humor em relação às dificuldades dos seus tempos de menina: riu ao lembrar-se dos chazinhos que eram feitos para curar certas doenças e principalmente do chá de carqueja, muito bom para o fígado. *“Se não curasse morria”, [ou] ia a cavalo buscar recurso em Ponta Porã.”* Tinha dó das parteiras, *“porque não estudaram [e] punham fumo no umbigo dos recém-nascidos, sem se preocuparem com o tétano.”*

JENOEL CAPILÉ: nascido em Dourados, em 13 de fevereiro de 1945. Foi entrevistado em 18 de dezembro de 1986 por Márcia Tieme Shiraishi e em 1996 por Wilson Valentim Biasotto. Não chegou a conhecer pessoalmente o Laquicho, entretanto, disse que seus pais velhos (os avós), o Major Capilé e Jango Pereira, eram contadores dos causos do Laquicho. Foi com eles, especialmente com Jango Pereira, que era cego e divertia-se contando causos, que Jenoele aprendeu as histórias do Laquicho. Teve, portanto, boa escola, por isso tornou-se um excelente narrador; seus causos prendem o ouvinte. Profundo conhecedor das histórias do

Laquicho, certa feita Jenoele propôs-se escrevê-los, entretanto, segundo nos contou um primo seu, parou, pois estava ficando mais mentiroso que o próprio Laquicho, o que evidentemente não ficaria bem para um bacharel em Direito.

JOÃO PALHANO: nascido em 12 de maio de 1923, nas proximidades da reserva indígena de Dourados. A chácara da família, depois a aldeia e o córrego que atravessa a aldeia foram denominados Jaguapiru, que em guarani significa cachorro magro. Na chácara dos Palhano, havia um cachorro que, apesar de magro, era muito bravo; quando os índios passavam pelo local, eles falavam: *“Cuidado com o jaguapiru”*, e o nome pegou. João Palhano conheceu Laquicho pessoalmente. Foi entrevistado em 14 de março de 1996 por Wilson Valentim Biasotto. Dentre as muitas histórias interessantes que nos contou, lembrou que *“...onde estou morando, era mato. A chácara do papai eram 73 ha, não tinha mais que uns 15 ha que era aberta aqui perto do asfalto, e a beira do córrego também, quando muito 20 ha que era derrubada, o mais era tudo... tanto é que ele plantou café aí, nós tínhamos uma porção de café aí plantado, tudo debaixo do mato, colhemos muito café.”*

JOEL PIZZINI: nascido em Dourados, em 11 de setembro de 1932, fez curso superior no Rio de Janeiro. Voltou para Dourados em 1961, exercendo desde aquele ano a profissão de dentista. Foi entrevistado em 9 de janeiro de 1987 por Márcia Tieme Shiraishi. Joel Pizzini foi vereador em Dourados por duas legislaturas; na primeira vez, como suplente, exerceu o mandato por apenas um ano (isso aconteceu no início do governo militar). Na segunda vez, agora como titular, exerceu o mandato de 1977 a 1982. Muitas foram as histórias que pudemos

resgatar graças a Joel Pizzini, todavia, chamou-nos a atenção a lembrança que lhe ficou da chácara do Laquicho, local onde havia muita melancia, um deleite para a molecada.

JOSÉ AUGUSTO DE MATOS: nascido em 21 de agosto de 1903, numa fazenda no município de Amambai. Veio para Dourados em 1911. Ficou conhecido como Zé Leitão. Conheceu pessoalmente Laquicho, tendo sido vizinho de quatro quilômetros. Foi entrevistado em 21 de agosto de 1986 por Maria Teresa Garrido Dourado. Apesar da memória meio cansada, não deixou de contar algumas histórias interessantes, como o costume de roubar uma rês de um vizinho, de uma pessoa amiga, *“preparava [quem roubou] um churrasco e dava uma surpresa... levando a própria carne da rês dele sem ele saber. Aconteceu muitas vezes com o Atílio Torraca e eles conosco também... chegava lá dando tiro, com a sanfona, tudo preparado, e as pessoas iam dançar. Geralmente inventavam aquilo, ou no aniversário da pessoa ou... um dia mais apropriado.”*

JOSÉ RIBEIRO MARTINS: nascido em Paranaíba, em 1908, veio para Dourados em 1920 e em 1921, conheceu o Laquicho pessoalmente, inclusive trabalhou com um dos filhos dele, o Realino. Foi entrevistado em 18 de dezembro de 1986 por Márcia Tieme Shiraishi. Nosso entrevistado não esticou muito a conversa, como o fizeram os contadores de causos. Trabalhou na roça e carreando, como tantos outros *“gastava um mês e dois ou três dias para ir e voltar a Campo Grande”*. Eram tempos difíceis, segundo ele, tempos em que se trabalhava muito, tomava-se muita chuva naquelas viagens, enfim, era uma vida sofrida. Os divertimentos eram

poucos, um baile “*na casa dos chacareiros... todos eram convidados para o baile...num sábado numa casa, depois em outra...*”

LIBERATO ITAMAR ARRIOLA: nascido em Dourados, filho de Ilda Freitas Arriola e do Idalino Arriola, neto de Laquicho. Foi entrevistado por Márica Tieme Shiraishi em 1º de outubro de 1986. Liberato, o herdeiro do nome do avô, contou-nos que “*o chimarrão ... o tereré ... aqui é muito comum...Então [as pessoas] se reuniam até altas horas da noite, às vezes, frias, tempo frio, ficavam até altas horas da noite contando piadas, tomando chimarrão, churrasquinho, né? Na brasa, aquele negócio todo e o tempo ia passando e o pessoal ali com essas piadas, né? Outros amigos dele também fazendo piada, às vezes quando a coisa estaria assim um pouco monótona já vinha, puxava um assunto e ia passando, né? Caçadas, trabalho no campo com gado, mesmo na lavoura, porque antigamente era só isso, só isso que tinha.*”

LOURIVAL ANTUNES DOS SANTOS: nascido no Rio Grande do Sul, em 10 de abril de 1942. Veio para o Mato Grosso em 1970, fixando-se no bairro do Carumbé. Em 1983 estabeleceu-se em Itaporã. Não conheceu o Laquicho pessoalmente, mas ouviu as suas histórias da boca de Astúrio Farias, filho do Laquicho. Foi entrevistado em 16 de agosto de 1995 por Wilson Valentim Biasotto. Contou-nos que um dia estava numa roda de amigos ouvindo causos e que ele resolveu contar a história do “*até aqui o Laquicho vai bem*”. Ganhou o apelido de Laquicho. Mais tarde, abriu um bar e para a inauguração, combinou um puchero com os amigos. Dois desses amigos, Imberto Ritter e Toninho Vieira, mandaram fazer uma faixa escrito: “Bar do Laquicho”, e assim ficou o nome do bar.

MIÉLI FARIAS, neto do Laquicho. Foi entrevistado em 20 de junho de 1987 por Márcia Tieme Shiraishi. Por suas veias, também parece correr o sangue humorístico do avô. Contou-nos vários causos, com jeito de contador. Mesmo quando diz a verdade e fala seriamente, finaliza a frase perguntando se o ouvinte quer prova, como se fosse coisa para duvidar. Perguntado sobre o que havia de caça na região de Dourados, disse: “ *tinha [veado] mateiro, tinha paca ... cateto, queixada ... Inclusive aqui, nesta chácara onde a gente mora hoje em dia, eu tenho o chifre de um cervo que foi matado por ele [Laquicho]... se vocês quiserem eu posso mostrar pra vocês...*” Quando (re)contou os causos do avô, procurou dar ares de verdade a eles. Por exemplo, ao (re)contar a história do relógio, ele finalizou dizendo que “ *o relógio ainda existe e que está com algum neto, que não sei qual ... mas que existe esse relógio, existe.*”

MIGUEL ÂNGELO DO AMARAL: nascido em Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Veio para Dourados no final de 1934, ainda sem registro de nascimento. Foi registrado como natural de Dourados, porque o oficial de registro disse para seu pai que a cidade estava precisando de mais nascimentos; havia poucos moradores na época. Quando chegou, em 1934, assistiu “ *à partida dos pioneiros que foram a cavalo a Cuiabá para, juntamente com Marcelino Pires, conseguirem a criação de Dourados*”. Conheceu Laquicho pessoalmente. Foi entrevistado por Márcia Tieme Shiraishi em 20 de junho de 1987. Dentre as coisas que nos contou, lembrou-se de que os tecidos vinham de Campo Grande em caixas, não em fardo, e a cerveja vinha ensacada; em cada saco de cerveja, havia 48 garrafas, e as garrafas eram empalhadas uma a uma.

NIELSON CRISTIAN SORENSEN JUNIOR, filho de Cecília Farias e Cristian Sorensen, neto do Laquicho. Foi entrevistado por Wilson Valentim Biasotto em 12 de setembro de 1995. Nielson demonstrou que tem nas veias o sangue do avô. Contou-nos que um dia o Laquicho apareceu para ele à beira do rio Brillhante e falou: *“Meu neto, o dia que você estiver pescando você carrega... fumo... e pinga”*. Continuando, Nielson disse que, n’outra ocasião, *“tô pescando tranqüilo... quando fui pegar uma perereca para fazer isca... uma cobra pulou na frente e pegou a perereca. Como eu tava com um copo de pinga na mão, eu joguei no olho da cobra, ela largou a perereca e sumiu.... daí um pouquinho, cutucou nas minhas costas, quando eu olhei para trás, a cobra com duas pererequinhas para trocar por uma garrafa.”*

RAMÃO ADOLFO TORRACA: conhecido por Cambá, nasceu em Dourados em 1935; neto do Laquicho. Foi entrevistado por Márcia Tieme Shiraishi em 20 de junho de 1987. Deu-nos muitas informações sobre costumes dos tempos idos, entre elas uma receita de arroz carreiteiro: *“... a origem do arroz carreiteiro é justamente por causa do carreiteiro. Então se formava essas comitivas de carreiros que iam pra Maracaju, Ponta Porã, Campo Grande, transportar mercadoria. Então na véspera da viagem ...vai sair tantas carretas, vão fazer uma viagem longa. Então carneia uma vaca, faz o charque, soca o arroz no pilão, bastante arroz, feijão e leva. Então no pouso ou na sesta, era a maneira mais fácil de cozinhar, que é uma comida rápida. Corta uma carne miudinha, mistura no arroz, cozinha, é o arroz carreiteiro.”*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas / Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ARRUDA, Gilmar. *Frutos da Terra*. Os trabalhadores da Matte Larangeira. Londrina : Editora da UEL, 1997.
- BIASOTTO, Wilson Valentim e TETILA, José Laerte C. *O movimento Reivindicatório do Magistério Público Estadual de Mato Grosso do Sul: 1978 – 1988*. Campo Grande : Ed. da UFMS, 1986.
- BOSCO, Maria Goretti dal. *Os pioneiros: viajantes da ilusão*. Dourados : Vila Nova, 1995.
- CAPILÉ (Jr.) João Augusto “Sinjão” e Outros. *História Fatos e Coisas Douradenses*. Dourados, s.ed., 1995.
- CARMELLO, Armando da. *Dourados, Terra Prometida*. [S.l. : s.n., s.d.]
- CORRÊA (Fº), Virgílio. *Ervais do Brasil e ervateiros*. Rio de Janeiro : Serviço de informação agrícola, 1959.
- DONATO, Hernâni. *Selva Trágica*. São Paulo : Revista dos Tribunais, 1956.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro : Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (coord.) *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1996.

- GRESSLER, Lori Alice e RACHI, Kiyoshi. *Dourados: Diagnóstico, Planejamento, Educação*. Dourados : s. ed., 1976.
- LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- LIMA, Astúrio Monteiro de. *Mato Grosso de outros tempos: pioneiros e heróis*. São Paulo : Soma, [s.d.]
- LORO, Telma Valle de e FERREIRA, Áurea Rita de Ávila Lima. *Manifestações Literárias em Dourados*. Rio de Janeiro : Presença, Dourados : FUNCED, 1985.
- LOZANO, Jorge Aceves. *História Oral e histórias de vida: Teoria, Métodos, y Técnicas, Una Bibliografía Comentada*. Tlalpan – México : Cuadernos de la Casa Chata, 1991.
- MEIHY, José Carlos S. Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo : Loyola, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo : Xamã, 1996.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo : Contexto, 1992.
- MORAES, Marieta de (Org.). *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro : Diadorim, 1994.
- MOREIRA, Regina Heloísa Targa. *Memórias Fotográficas de Dourados*. Campo Grande : UFMS (Centro Universitário de Dourados), 1990.
- POMPEU, Ercília de Oliveira. *Monografia do Município de Dourados*. 1965 (datilografado)

- QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *As curvas do trem e os meandros do poder. O nascimento da estrada de ferro Noroeste do Brasil (1904 – 1908)*. Campo Grande : Ed. UFMS, 1997.
- ROSA, Pedro Ângelo da. *Resenha histórica do Mato Grosso : fronteira com o Paraguai*. Campo Grande : Livraria Ruy Barbosa, 1962.
- SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). *Experimentos com Histórias de Vida (Itália – Brasil)*. (Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, vol. 5). São Paulo : Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado. História Oral*. São Paulo : Paz e Terra, 1992.
- VILANOVA, Mercedes. *Las Mayorías invisibles. Explotación Fabril, Revolución y Represión*. Barcelona : Icaria editorial, s.d.ed.
- WENCESLAU, Marina Evaristo. *O Índio Kayawá - Suicídio pelo Tekohá*. (Tese) 1994.